



**PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPE - Doutorado**

Doutoranda: Patrícia Pessoa da Silva  
Orientador: Prof. Dr. Marcilio Souza Júnior

**ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO  
NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
DA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO:  
entre o aumento de carga horária e sua qualificação**

**Recife, 2020.**



**PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPE - Doutorado**

Doutoranda: Patrícia Pessoa da Silva  
Orientador: Prof. Dr. Marcilio Souza Júnior

**ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO  
NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
DA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO:  
entre o aumento de carga horária e sua qualificação**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPE como requisito parcial para obtenção do título de Doutora.

Área de Concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano

**Recife, 2020.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Pernambuco – UPE  
Pronto Socorro Cardiológico de Pernambuco Prof. Luiz Tavares – PROCAPE  
Unidade Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa  
Biblioteca Professor Ovídio Montenegro - BPOM

S586e Silva, Patricia Pessoa.

Estágio curricular supervisionado obrigatório no curso de licenciatura em educação física da Universidade de Pernambuco: entre o aumento de carga horária e sua qualificação / Patrícia Pessoa da Silva. – Recife, 2020.

146 f.: il.; graf. e tab.

Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física Universidade de Pernambuco; Universidade Federal da Paraíba, Recife, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Marcilio Souza Júnior

1.Formação. 2.Docente-Formação. 3.Profissional-Estágio.  
4.Curricular. 5.Supervisionado. I. Souza Júnior, Marcilio. (orient.).  
II. Título.

372.86:796.01 CDU (3. ed) / 372.86 CDD (23. ed.)

PATRÍCIA PESSOA DA SILVA ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO  
NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
DA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO:  
entre o aumento de carga horária e sua qualificação  
TESE DE DOUTORADO

**UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA**  
**PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO: entre o aumento de carga horária e sua qualificação**

Patrícia Pessoa da Silva

Foi Julgada pelos membros da Comissão Examinadora e aprovada para obtenção do grau de **Doutora em Educação Física** na área de concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano

31 de março de 2020.

---

Prof. Dr. Marcos André Moura dos Santos  
Coordenador do Programa Associado de Pós-Graduação  
em Educação Física UPE/UFPB

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Marcílio Barbosa Mendonça de Souza Júnior  
Universidade de Pernambuco

---

Profa. Dra. Adriana de Faria Gehres  
Universidade de Pernambuco

---

Prof. Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo  
Universidade de Pernambuco

---

Profa. Dra. Andréa Carla de Paiva  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

---

Prof. Dr. Alexandre Viana Araújo  
Universidade Federal de Pernambuco

## **DEDICATÓRIA**

Gostaria de dedicar esse trabalho àquele que, por circunstâncias que não sabemos, não está mais entre nós, mas durante 20 anos compartilhamos nossas vidas juntos, foi meu maior admirador e incentivador e se aqui estivesse estaria ao meu lado me apoiando como sempre fez. Para você José César Farias, Plic, com todo meu amor.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer pelo percurso desse trabalho não é tarefa fácil, pelo simples fato da memória me trair e esquecer alguém, mas vamos lá, vou criar categorias que não possuem ordem de prioridade nem importância só para facilitar a escrita.

Eu não sou religiosa, fui criada no catolicismo, fui batizada, fiz primeira comunhão, mas hoje me enquadrado em uma categoria dos “sem religião”, mas nem por isso deixo de acreditar em um Deus, que pode ser uma energia ou uma força que me faz clamar por sua ajuda nos momentos difíceis e agradecer pelas conquistas alcançadas, a esse Deus, meu muito obrigada.

Agradeço a família que fui gerada, ao meu pai, Carmino in memoriam, que na sua forma particular foi o melhor pai que poderia ter sido. As minhas irmãs Andréa, Roberta e Juliane, as irmãs Pessoa que são pau para toda obra, nos ajudamos nas alegrias, nas tristezas, na saúde e na doença, amo cada uma de vocês “ainda bem que a gente tem a gente”. Aos meus sobrinhos, Gabriel e Lara que não entenderam muito minha ausência e porque não podiam ir para minha casa. A minha mãe, Zuila, essa que é meu exemplo de mulher forte, guerreira e determinada, a que fez o que era possível e o impossível para que nós estudássemos e trabalhássemos para sermos independentes, não herdei dela seu talento para cozinha, nem para o croché, nem para o tricô, mas herdei o prazer de comer doces, essa herança não é mais politicamente correta hoje, mas essas saídas para saboreá-los serão os momentos mais doces que lembrarei do nosso convívio e hoje agradeço, porque aos 84 anos, ainda está por aqui conosco na batalha. Obrigada por tudo mãe, te amo.

Agradeço a família que eu formei, estou certa de que não foi uma família tradicional, porque me casei com um kit completo, um marido, com 3 filhos, inclusive gêmeos. Difícil, diziam todos, porque uma jovem de 24 anos escolheria isso para si, muito simples, porque ela se apaixonou e criar Rafael, Tiago e Bruno junto com Plic foram momentos marcantes nas nossas vidas. Durante esse estudo “os meninos” já não moravam comigo, constituíram suas famílias hoje, Rafael com Carol, Cezinha, Clarice e Arthur (de Brasília), Tiago com Marina e Toby e Bruno com Bel e Luna, mesmo de longe torceram por essa caminhada. E agora, a grande responsável por Plic ter vindo ao mundo foi descansar: “D. Débora, que seu encontro com seu marido, seu filho e com outros entes queridos tenha sido o melhor que lhe aconteceu nos últimos tempos, obrigada por seu carinho durante nossos anos de convivência”. Quanto a Plic, que está mais longe ainda, eu te agradeço por todo amor recebido, todo incentivo, admiração e parceria, nós éramos a dupla perfeita que conseguimos ser, tínhamos planejado envelhecer juntos, mas

esquecemos de avisar a alguém e isso não foi possível, mas fique orgulhoso, porque criamos homens honestos e trabalhadores e esse será nosso maior legado. Te amo Forever!!!

Conviver por 30 anos no mesmo trabalho, não é para qualquer um, mas eu consegui e durante esse período fui construindo amigos que foram e são fundamentais em minha vida, cada um de uma forma ou de outra foram sempre muito especiais, vou citá-los em ordem alfabética: Ademar Lucena (companheiro do doutorado e grande incentivador), Adriana Gehres (minha companheira de concurso, entramos juntos na ESEF e ao longo do tempo passamos a ser irmãs de coração), Agostinho Rosas (grande incentivador de minha formação continuada), Ana Rita Lorenzini (companheira da ginástica e grande incentivadora), Denise Vancéa (minha aluna de direção e grande incentivadora) Gilberto Freitas (companheiro de concurso, grande amigo que o Vera Cruz me deu e a ESEF Cultivou), Kadja Tenório (apesar de novinha e ex-aluna construímos uma empatia desde sempre e a nossa amizade tem uma reciprocidade sem igual, grande incentivadora desse doutorado, foi um pouquinho orientadora também), Karla Toniolo (minha companheira de concurso também, se gaba que conheceu meu marido antes de mim com 12 anos, afinal de contas foi sua atleta, o tempo nos fez mais do que amigas, nos fez irmãs, daquelas que não são de sangue, mas escolhemos para ter, além disso é conselheira para todos os assuntos, de acadêmicos, profissionais e pessoais e ainda somos e seremos sempre companheiras de viagem e fomos companheiras nessa jornada do doutorado), Keyla Brandão (ex-aluna querida que virou amiga e companheira de doutorado), Lívia Tenório (amiga que virou professora nesse percurso e grande incentivadora) Manoel Costa (companheiro de concurso, amigo do marido que virou amigo da esposa e grande vibrador pela entrada no doutorado), Marcelo Tavares (amigo de trabalho do Vera Cruz, nossos caminhos continuaram se cruzando por aqui e virei sua aluna nesse Doutorado), Marcílio (o amigo que virou professor e orientador, um grande incentivador desse doutorado), Marco Aurélio Oliveira (o senador da República mais humilde que conheço e companheiro de turma), Raul Siqueira (companheiro de concurso mesmo, estudamos juntos, padrinho de casamento e marido de minha grande amiga Gau), Rodrigo Falcão (o ex aluno que virou amigo, principalmente nos assuntos de tecnologias), Teresinha Lima (a “prima” que eu ganhei e companheira de turma), Thiago Aguiar (ex aluno que virou colega de turma e companheiro de uma empreitada para organizar um concurso no meio dessa caminhada), Vânia Fialho (amiga querida de trabalho que mesmo sendo de áreas distintas, construímos uma amizade verdadeira), Vera Samico (amiga querida grande incentivadora sempre) e Warlindo Carneiro (ex professor, amigo do marido que virou amigo da esposa e vibrou com a minha entrada no Doutorado), a todos agradeço imensamente, que



mesmo perto ou mais longe, sempre torceram por minhas conquistas e me apoiaram. Obrigada a todos!

Também gostaria de agradecer a outros amigos que não são professores da ESEF mas que compartilham a vida: Ana Elizabeth Reis (a aluna que virou amiga e a maior boleirona que eu conheço, pelo Sport tudo), Gau Siqueira (a maior incentivadora da minha profissão e madrinha de casamento), Josinete dos Santos ou simplesmente Nete (que me acompanha há 30 anos, chegou uma adolescente e agora é uma jovem senhora e mãe de Kauan, me escuta, me ajuda e cuida de mim) e Palmira Lira (obrigada pelos livros, pelo incentivo e pela leitura do seu trabalho)

Nessa turma especial de estudo que só tinha quase a totalidade da “velha guarda”, agradeço aos meus colegas, por todos os momentos de aula, de viagem, de seminários, de risadas e de dificuldades compartilhadas: Ademar Lucena, Carlos Mulatinho, Karla Toniolo, Keyla Brandão, Marco Aurélio Oliveira, Teresinha Lima e William Smethurst, uma meio potiguar meio paraibana, Hosana Matias e uma meio carioca meio paraibana Marcele Martins, que fizeram parte desse percurso.

Voltar aos bancos escolares é sempre gratificante e nessa jornada conviver com os ex-alunos que viraram colegas de turma foi maravilhoso, agradeço por esses momentos de troca com Alan Delmiro, João Oliveira e Gustavo Lira e tantos outros que a memória não me permite destacar.

Agradeço a todos os alunos e professores que participaram como sujeitos desse estudo, todos foram tão receptivos, sem vocês esse trabalho não sairia.

Para esse estudo sair ainda teve a participação de algumas pessoas. As acadêmicas que eram ICs e que ajudaram nas revisões sistemáticas Nathália Menezes e Ana Isabel Gonçalves. Os que ajudaram na transcrição das entrevistas Bruno Nóbrega, Cléa Lima (essa é uma amiga que é pau para toda obra) e Kamylla Freitas. Aos funcionários que sempre estiveram prontos para responder e ajudar no que foi possível Carlos Eduardo da Silva, Milena Virgílio dos Santos Barros e Maria do Socorro Alves de Lima.

Aos professores que dedicaram seu tempo a leitura desse estudo e deram as melhores contribuições desde a qualificação, passando pela pré-banca até a defesa, professores Adriana Gehres, Alexandre Viana, Andréa Paiva, Lívia Tenório, Marcelo Tavares e Marcílio Souza Jr.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação UPE/UFPB, dos pernambucanos aos paraibanos, meu agradecimento aos ensinamentos de cada um de vocês.

Aos Coordenadores do Programa de Pós-Graduação da UPE, o atual e o do início dessa turma, professores Marcos André Moura Santos e Mauro Barros, respectivamente.

Às gestões da ESEF/UPE, Vera e Keyla onde se iniciou essa turma e a atual gestão Marcílio e Karla por terem apoiado e incentivado todos no que fosse possível.

Ao grupo de gestão que entendeu minha ausência no último semestre.

Ao Boss e à Boss pela ajuda em todos os momentos.

E finalmente, e não menos importante gostaria de agradecer a Marcílio Souza Júnior, o professor, doutor, meu orientador e amigo que foi um grande parceiro nessa empreitada, obrigada por não desistir de mim, obrigada por doar seu tempo e seus ensinamentos à sua maneira, simples, tranquila e de forma partilhada Quando crescer quero ser assim, igualzinha a você. Quero me desculpar com Carla (esposa), Gabriela e Beatriz (filhas) por ter “roubado” seu marido e pai por muitos momentos em que ele precisava ler e fazer as orientações, mas agora ele é todo de vocês.

## RESUMO

Esse estudo trata da temática Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório (ECSO) no Curso de Licenciatura em Educação Física (LEF) da Universidade de Pernambuco (UPE). Inicia-se com um questionamento: o aumento de carga horária do ECSO acarreta uma maior qualidade desses estágios no curso de Licenciatura em EF da ESEF-UPE? Como objetivo geral do trabalho apresentamos analisar a estrutura dos ECSO no curso de Licenciatura em EF da ESEF-UPE, procurando compreender se o aumento de carga horária dos últimos tempos tem qualificado esse momento de formação inicial. Metodologicamente, é um estudo de abordagem qualitativa de caráter descritivo. Como percurso inicial foi realizada uma revisão de literatura das categorias analíticas formação docente/formação profissional e estágio, para a análise documental as fontes da pesquisa foram a legislação vigente acerca da temática estágio, além dos documentos que nortearam a organização e a avaliação das disciplinas de estágio na ESEF, o plano da disciplina de estágio 2 em 2018.1, os relatórios dos estagiários entrevistados, o Regulamento do ECSO e o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do curso de Licenciatura da ESEF-UPE e para a pesquisa de campo foram inicialmente aplicados questionários com os acadêmicos que cursaram a disciplina de Prática de Ensino – Estágio Supervisionado 2 em 2018.1, após a aplicação do questionário foram selecionados quatro estagiários, seus respectivos supervisores e a professora de sala para realização de entrevistas. Os dados foram tratados a partir da análise de conteúdo categorial por temática. As categorias empíricas foram organização dos estágios, estágio de observação 1, estágio de intervenção 2 e 3, supervisão, relação com o currículo PPC da ESEF e carga horária. A análise dos dados, permitiu inferir que o estágio de observação é considerado um estágio menos importante do que o de intervenção, porém imprescindível, no entanto sua carga horária pode ser considerada para a maioria dos sujeitos como grande e como sugestão indicamos que sua realização possa se dar em forma de rodízio em várias escolas para que a grande queixa da monotonia de olhar o mesmo ambiente, turmas e professor possa ser minimizada. Em relação aos estágios 2 e 3 de intervenção, estes são considerados estágios importantes na formação docente, porém os sujeitos ainda possuem a ideia de que o conhecimento da Universidade é teórico e que o estágio é o momento prático do curso, os supervisores foram considerados presenças essenciais nos estágios, mas muitas vezes ainda são vistos como apenas um modelo a seguir e também apresentam essa visão dicotômica do estágio. Em relação ao currículo da ESEF os sujeitos colocam algumas disciplinas como essenciais para a realização dos estágios e outras que poderiam ser incluídas. Em relação a carga horária dos estágios a maioria dos sujeitos apresenta sua visão de que o aumento de carga horária não qualifica os estágios, que outros fatores podem contribuir para essa prática como a presença de um supervisor qualificado, atuante e comprometido, uma escola que valorizasse a EF e que apresentasse uma boa estrutura física e de material e ainda um professor de sala comprometido com a ampliação de alguns conteúdos da graduação identificados como lacunas na formação. Sendo assim, aponta-se como uma forma de superação a aproximação entre as instituições Universidade e Escola de forma que reconheçam que ambas são instituições formadoras e ainda modificar a visão fragmentada de que na Universidade se estuda a teoria e no estágio se aplica a teoria.

**Palavras-chaves:** Formação Docente-Formação Profissional-Estágio Curricular Supervisionado.

## ABSTRACT

In this study we dealt with the theme Supervised Supervised Curricular Internship (ECSO) in the Physical Education Degree Course (LEF) at the University of Pernambuco (UPE). We start with a question: does the increase in ECSO's workload lead to a higher quality in the operationalization of these internships in the ESEF-UPE undergraduate degree in PE? As a general objective of the work, we present to analyze the structure of the ECSO in the ESEF-UPE Licentiate Degree course, trying to understand if the increase of workload in recent times has qualified this moment of initial training. Methodologically, it is a qualitative study of a descriptive character. As an initial step, we performed a literature review of the analytical categories teacher training / professional training and internship, for documentary analysis the sources of research were the current legislation on the thematic internship, in addition to the documents that guided the organization and evaluation of the subjects internship at ESEF, the internship discipline plan in 2018.1, the reports of the interns interviewed, the ECSO Regulation and the Pedagogical Course Project (PPC) of the ESEF-UPE Degree course and for the field research were initially questionnaires were applied to academics who took the Teaching Practice - Supervised Internship 2 course in 2018.1, after the questionnaire was applied, four interns were selected, their respective supervisors and the classroom teacher to conduct interviews. The data were treated based on the analysis of categorical content by theme. The empirical categories were organization of the internships, observation internship 1, intervention internship 2 and 3, supervision, relationship with the ESEF PPC curriculum and workload. The analysis of the data allowed us to infer that the observation stage is considered a less important stage than the intervention stage, but it is essential, however its workload can be considered for most subjects as large and as a suggestion we indicate that its performance can take the form of rotation in several schools so that the great complaint of the monotony of looking at the same environment, classes and teacher can be minimized. In relation to stages 2 and 3 of intervention, these are considered important stages in teacher training, however the subjects still have the idea that the University's knowledge is theoretical and that the stage is the practical moment of the course, the supervisors were considered to be presences essential in the internships, but are often still seen as just a model to follow and also present this dichotomous view of the internship. In relation to the ESEF curriculum, the subjects place some subjects as essential for carrying out internships and others that could be included. Regarding the workload of the internships, most subjects present their view that the increase in workload does not qualify the internships, that other factors can contribute to this practice, such as the presence of a qualified, active and committed supervisor, a school that values the EF and that had a good physical and material structure and also a classroom teacher committed to the expansion of some graduation contents identified as gaps in training. Therefore, it is pointed out as a way of overcoming the approximation between the University and School institutions in a way that they recognize that both are educational institutions and still modify the fragmented view that the University studies the theory and the theory applies in the internship.

**Keywords:** Teacher Training-Professional Training-Supervised Curricular Internship.

## RESUMEN

Este estudio trata de la Pasantía Curricular Supervisada temática (ECSO) en la Licenciatura en Educación Física (LEF) de la Universidad de Pernambuco (UPE). Se parte de una pregunta: ¿el aumento de la carga de trabajo de ECSO conduce a una mayor calidad de estas prácticas en la carrera de Educación Física de la ESEF-UPE? Como objetivo general del trabajo, se presenta analizar la estructura del ECSO en la carrera de Licenciatura ESEF-UPE, tratando de comprender si el aumento de la carga de trabajo en los últimos tiempos ha calificado este momento de formación inicial. Metodológicamente, es un estudio cualitativo con enfoque descriptivo. Como primer paso, se realizó una revisión bibliográfica de las categorías analíticas formación docente / formación profesional y pasantía. Para el análisis documental, las fuentes de investigación fueron la legislación vigente sobre la pasantía temática, además de los documentos que orientaron la organización y evaluación de las disciplinas. prácticas en la ESEF, plan de prácticas disciplinarias en 2018.1, los informes de los pasantes entrevistados, el Reglamento ECSO y el Proyecto Curso Pedagógico (PPC) de la carrera de Grado ESEF-UPE y para la investigación de campo fueron inicialmente cuestionarios aplicados con académicos que tomaron el curso Práctica Docente - Pasantía Supervisada 2 en 2018.1, luego de la aplicación del cuestionario, se seleccionaron cuatro pasantes, sus respectivos supervisores y el docente de aula para realizar entrevistas.

Los datos fueron tratados en base al análisis de contenido categórico por tema. Las categorías empíricas fueron organización de pasantías, pasantías de observación 1, pasantías de intervención 2 y 3, supervisión, relación con el plan de estudios ESEF PPC y carga de trabajo. El análisis de los datos nos permitió inferir que la etapa de observación se considera una etapa menos importante que la etapa de intervención, pero es esencial, sin embargo, su carga de trabajo se puede considerar para la mayoría de los sujetos como grandes y, como sugerencia, indicamos que La realización puede llevarse a cabo de forma rotativa en varias escuelas, de modo que se pueda minimizar la gran queja de la monotonía de mirar el mismo entorno, las clases y el maestro. En relación con las etapas 2 y 3 de la intervención, estas se consideran etapas importantes en la formación del profesorado, pero las asignaturas aún tienen la idea de que el conocimiento de la Universidad es teórico y que la etapa es el momento práctico del curso, los supervisores se consideran presencias. esencial en las pasantías, pero a menudo todavía se consideran como un modelo a seguir y también presentan esta visión dicotómica de la pasantía. En relación con el plan de estudios ESEF, las asignaturas colocan algunas asignaturas como esenciales para la realización de pasantías y otras que podrían incluirse. Con respecto a la carga de trabajo de las pasantías, la mayoría de los sujetos presentan su opinión de que el aumento en la carga de trabajo no califica las pasantías, que otros factores pueden contribuir a esta práctica, como la presencia de un supervisor calificado, activo y comprometido, una escuela que valora el EF y que tenía una buena estructura física y material y también un maestro de aula comprometido con la expansión de algunos contenidos de graduación identificados como vacíos en la capacitación. Por lo tanto, señalamos como una forma de superar la aproximación entre las instituciones de la Universidad y la Escuela para que reconozcan que ambas son instituciones educativas y aún modifiquen la visión fragmentada de que la Universidad estudia la teoría y la teoría se aplica en la pasantía.

**Palabras clave:** Formación docente-Formación profesional-Prácticas curriculares supervisadas.

## LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

<b>ECSO</b>	<b>Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório</b>
<b>LPEF</b>	<b>Licenciatura Plena em Educação Física</b>
<b>FESP</b>	<b>Fundação do Ensino Superior de Pernambuco</b>
<b>ESEF</b>	<b>Escola Superior de Educação Física</b>
<b>UPE</b>	<b>Universidade de Pernambuco</b>
<b>GRD</b>	<b>Ginástica Rítmica Desportiva</b>
<b>GR</b>	<b>Ginástica Rítmica</b>
<b>ESEF/UPE</b>	<b>Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco</b>
<b>ECS</b>	<b>Estágio Curricular Supervisionado</b>
<b>PC</b>	<b>Professor Colaborador</b>
<b>SECTEC</b>	<b>Secretaria de Ciência e Tecnologia do estado de Pernambuco</b>
<b>IES</b>	<b>Instituição de Ensino Superior</b>
<b>LDB</b>	<b>Lei de Diretrizes e Bases Nacional</b>
<b>EF</b>	<b>Educação Física</b>
<b>PPC</b>	<b>Projeto Pedagógico de Curso</b>
<b>TCLE</b>	<b>Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b>
<b>SCIELO</b>	<b>Scientific Eletronic Library</b>
<b>MEC</b>	<b>Ministério de Educação</b>
<b>CAPES</b>	<b>Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior</b>
<b>PIBID</b>	<b>Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica</b>
<b>PRP</b>	<b>Programa de Residência Pedagógica</b>
<b>BNCC</b>	<b>Base Nacional Comum Curricular</b>
<b>CNE</b>	<b>Conselho Nacional de Educação</b>
<b>EsEFEx</b>	<b>Escola de Educação Física do Exército</b>
<b>ENEFD</b>	<b>Escola Nacional de Educação Física e Desporto</b>
<b>SENAI</b>	<b>Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial</b>
<b>INEP</b>	<b>Instituto Nacional de Serviços Pedagógicos</b>
<b>SSA</b>	<b>Sistema Seriado de Avaliação</b>
<b>SISU</b>	<b>Sistema de Seleção Unificada</b>
<b>ENEM</b>	<b>Exame Nacional de Ensino Médio</b>
<b>TCC</b>	<b>Trabalho de Conclusão de Curso</b>

## LISTA DE ANEXOS

<b>ANEXO A</b>	<b>Carta de Anuência</b>	<b>126</b>
<b>ANEXO B</b>	<b>Aprovação do Comitê de Ética</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO C</b>	<b>REGULAMENTO DO ESTÁGIO</b>	<b>130</b>
<b>ANEXO D</b>	<b>PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA DE PRÁTICA DE ENSINO-ESTÁGIO SUPERVISIONADO 2</b>	<b>132</b>

## LISTA DE APÊNDICES

<b>APÊNDICE A</b>	<b>Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b>	<b>137</b>
<b>APÊNDICE B</b>	<b>Questionário de alunos</b>	<b>138</b>
<b>APÊNDICE C</b>	<b>Roteiro de entrevista com alunos</b>	<b>140</b>
<b>APÊNDICE D</b>	<b>Roteiro de entrevista com professor de sala</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICE E</b>	<b>Roteiro de entrevista com supervisores</b>	<b>144</b>
<b>APÊNDICE F</b>	<b>Quadro de quantidade de supervisores da ESEF de 2004 a 2016</b>	<b>146</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO A</b>	<b>Síntese para as categorias empíricas</b>	<b>27</b>
<b>QUADRO B</b>	<b>Carga horária, horário e frequência das aulas</b>	<b>67</b>
<b>QUADRO C</b>	<b>Formas de realização do estágio e aulas regidas</b>	<b>69</b>
<b>QUADRO D</b>	<b>Caracterização dos estagiários</b>	<b>75</b>
<b>QUADRO E</b>	<b>Caracterização dos supervisores</b>	<b>75</b>
<b>QUADRO F</b>	<b>Estrutura de realização do Estágio 1</b>	<b>76</b>
<b>QUADRO G</b>	<b>Qualificação e desqualificação do Estágio 1</b>	<b>79</b>
<b>QUADRO H</b>	<b>Qualificação e desqualificação do Estágio 2 e 3</b>	<b>83</b>
<b>QUADRO I</b>	<b>Atuação dos supervisores</b>	<b>88</b>
<b>QUADRO J</b>	<b>Disciplinas que contribuem para os estágios na visão dos supervisores</b>	<b>93</b>
<b>QUADRO K</b>	<b>Disciplinas que contribuem para os estágios na visão dos estagiários</b>	<b>95</b>

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA.....</b>	<b>04</b>
<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>05</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>09</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>10</b>
<b>RESUMEN.....</b>	<b>11</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....</b>	<b>12</b>
<b>LISTA DE ANEXOS, APÊNDICES E QUADROS.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 2: O PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1: Fontes e instrumentos da coleta de dados.....</b>	<b>23</b>
<b>2.2: Sujeitos da pesquisa.....</b>	<b>25</b>
<b>2.3: Organização e tratamento dos dados.....</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO 3: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE: desafios a seguir.....</b>	<b>28</b>
<b>CAPÍTULO 4: ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: diálogo com a literatura na superação teoria x prática.....</b>	<b>39</b>
<b>CAPÍTULO 5: O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: o que a legislação aponta?.....</b>	<b>44</b>
<b>CAPÍTULO 6: O CAMPO DO ESTÁGIO CURRICULAR NA ESEF- UPE.....</b>	<b>58</b>



<b>6.1: O estágio contido nos documentos: O PPC, o regulamento, o plano de ensino e os relatórios dos estagiários.....</b>	<b>59</b>
<b>6.2: O estágio na visão de estudantes de uma turma: descrevendo dados do questionário.....</b>	<b>66</b>
<b>6.3: o estágio diante das entrevistas com a professora, supervisores e estagiários.....</b>	<b>75</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>119</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>136</b>

## CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

A intenção de aprofundar estudos acerca da temática estágio curricular supervisionado obrigatório (ECSO) no Curso de Licenciatura Plena em Educação Física (LPEF), surge a partir de inquietações ligadas à minha trajetória profissional no Ensino Superior.

Em 1989 ingressei na FESP (Fundação de Ensino Superior de Pernambuco)<sup>1</sup>, especificamente na Escola Superior de Educação Física (ESEF)<sup>2</sup>, através de concurso público para ministrar aulas no curso de LPEF com a disciplina de Ginástica Rítmica Desportiva (GRD), a disciplina tratava sobre essa modalidade esportiva que atualmente se chama apenas Ginástica Rítmica (GR). No ano de 1990, a FESP foi extinta e em seu lugar foi criada pela Lei Estadual nº 10.518, de 29 de novembro de 1990, a Fundação Universidade de Pernambuco, instituição de direito público que viria a ser mantenedora da nova Universidade de Pernambuco<sup>3</sup> (UPE), reconhecida pela Portaria Ministerial nº 964, de 12 de junho de 1991.<sup>4</sup>

Naquele contexto, vários professores, inclusive eu, passamos a ministrar, além das disciplinas que nos candidatamos no concurso público, outras, que atendessem às demandas da Instituição, inclusive as de Prática de Ensino - Estágio Supervisionado. Naquele momento, na ESEF-UPE, a disciplina Prática de Ensino sob a forma de estágio supervisionado possuía um grande número de docentes envolvidos, já que além dos professores que ficavam em sala de aula com as disciplinas de Prática de Ensino 1 (que organizava seus estudos na área não escolar) e a Prática de Ensino 2 (que organizava seus estudos na área escolar), tinham professores responsáveis pela orientação dos planejamentos dos estágios e professores que realizavam a supervisão desses estágios indo para as escolas e outros locais onde ocorriam os estágios. Assim, participei também como professora, orientadora e supervisora da disciplina de Prática de Ensino -Estágio Supervisionado.

---

<sup>1</sup> A Lei Estadual nº 5.736, de 25 de novembro de 1965, nos termos da Lei Federal nº 4024, de 24 de dezembro de 1967, autorizou o Governo do Estado de Pernambuco uma Fundação, com sede e foro na cidade de Recife. A Lei Estadual nº 5.889, de 18 de outubro de 1966, modificou alguns artigos daquele diploma legal originário, sem alterar seus fins. Pela Lei Estadual nº 5.921, de 13 de dezembro de 1966, foi autorizado o Governo do Estado de Pernambuco a participar, como um dos instituidores, das alterações necessárias no ato constitutivo da FESP. A FESP era mantenedora de um grupo de antigas instituições de ensino superior, entre elas a ESEF.

<sup>2</sup> Em 15 de maio de 1946, é criada a Escola Superior de Educação Física de Pernambuco, mantendo o curso superior, o curso normal de EF e o curso de ginástica rítmica. ESEF- 25 anos, Recife, 1965.

<sup>3</sup> Vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia do estado de Pernambuco (SECTEC), a UPE constitui patrimônio da sociedade deste Estado. Sua missão é contribuir para o desenvolvimento sustentável de Pernambuco através do ensino, da pesquisa e da extensão universitária. Informações retiradas do site da UPE <http://www.upe.br/institucional.html>. Consulta realizada em 10 de dezembro de 2018.

<sup>4</sup> Informações retiradas do site da UPE. <http://www.upe.br/institucional.html>. Consulta realizada em 10 de dezembro de 2018.

Em 1994, assumi a Coordenação de Estágio e o fato de acompanhar o estágio curricular supervisionado (ECS), os obrigatórios e os não obrigatórios, na ESEF por todos esses anos, bem como as mudanças curriculares afetas a ele foi decisivo na escolha da temática desse estudo.

Em uma trajetória de mais de 20 anos à frente dessa Coordenação de Estágio e perante as recentes reformulações no campo legal e conceitual dos estágios, muitas dúvidas surgiram e nos fazem questionar o ECSO no curso de LPEF, da ESEF- UPE, especificamente no que se refere ao aspecto, carga horária utilizada para esse estágio, porque, como veremos ao longo desse trabalho, a legislação específica dos cursos de LPEF nos apresenta um crescente aumento da carga horária destinada à operacionalização dos ECSO e pretendemos refletir se esse aumento trás, trouxe ou trará uma maior qualificação desses estágios.

Nesse estudo organizamos seu percurso da seguinte forma: inicialmente nessa introdução apresentamos o objeto de investigação justificando sua escolha e sua importância, delimitamos os problemas da pesquisa e por fim definimos os objetivos geral e específicos do trabalho.

Esse estudo foi organizado em 6 capítulos. No capítulo 1 foi apresentado a introdução desse trabalho, o capítulo 2 tratou sobre o percurso metodológico a ser trilhado, apresentando a metodologia da pesquisa definindo os instrumentos da coleta de dados, os sujeitos da pesquisa e por fim, a organização e tratamento dos dados. o capítulo 3 trouxe a visão de vários autores sobre a formação de professores e a formação profissional, já que o estudo se deu em um curso de LPEF sendo necessária algumas fundamentações básicas sobre essa temática. O capítulo 4 versou sobre a temática estágio supervisionado em um diálogo com a literatura. No capítulo 5 foi abordado o estágio supervisionado sob o olhar da legislação e no capítulo 6 foi apresentado o resultado do campo, desde os documentos analisados na pesquisa documental até as falas dos professores e estagiários durante a pesquisa de campo. Por fim, temos as considerações finais com sugestões desse estudo a partir do referencial teórico apresentado e dos resultados obtidos.

Ao estabelecer como objeto de investigação a temática estágio, mais especificamente o ECSO no curso de Licenciatura da ESEF-UPE, esperamos que as discussões ligadas a esse tema sejam ampliadas e, apontadas algumas sugestões de encaminhamentos para uma maior qualificação na operacionalização dos estágios e conseqüentemente na formação inicial dos alunos desse curso. Esperamos ainda, que o resultado desse estudo possa contribuir em futuras reestruturações curriculares na ESEF ou em outras Instituições de Ensino Superior (IES).

A escolha do tema justificou-se pela trajetória profissional, como citado anteriormente, que despertou diversas inquietações, pela necessidade de aprofundar estudos acerca do assunto,

e também, por acreditarmos na sua relevância, tendo a possibilidade de qualificar a prática do ECSO na ESEF-UPE, contribuindo na formação docente inicial dos alunos do curso de LEF da ESEF-UPE.

Apesar da existência dos estágios obrigatórios e não obrigatórios a intenção dessa pesquisa foi estudar apenas os estágios obrigatórios, que ao longo dos anos sofreram diversas modificações no interior dos currículos dos cursos de EF para se adequar a legislação vigente. Assim suspeitamos que o aumento quantitativo do estágio, ao longo dessas modificações legais não conseguiram contemplar melhorias qualitativas nos ECSO.

A história recente, em particular na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996<sup>5</sup> estabeleceu 300 horas para a operacionalização dos estágios obrigatórios nos cursos de Licenciaturas do nosso país, em seguida as Resoluções estabeleceram as Diretrizes para os cursos das Licenciaturas de 2002<sup>6</sup>, e esse número sofreu um aumento de carga horária, sendo instituída 400h para a realização desses estágios, na Resolução que estabeleceu as Diretrizes para os cursos de Graduação em EF de 2004<sup>7</sup> a quantidade de carga horária foi mantida, o mesmo acontecendo na Resolução que estabeleceu as novas Diretrizes para os cursos das Licenciaturas de 2015<sup>8</sup> e 2019<sup>9</sup>. Recentemente, no final de 2018, foi criada uma Resolução que instituiu as Diretrizes para os cursos de Graduação em EF<sup>10</sup>, e essa Resolução foi uma surpresa para a comunidade acadêmica, tendo em vista que pouco se discutiu para que ela fosse promulgada. Essa Diretriz altera substancialmente os cursos de EF em nosso país, e com ela os cursos passam a ter uma entrada única de graduação em EF, a carga horária do curso passa a ser de 3.200 horas, o curso passa a ter uma etapa comum com 1.600 horas e uma etapa específica também com 1.600 horas, na etapa específica, na qual o aluno pode definir o curso que vai cursar, se Bacharelado ou Licenciatura, a partir de critérios estabelecidos por cada IES. Ainda nessa etapa específica serão cursados os ECSO que tiveram um grande aumento na sua carga horária, saindo de 400 horas das Diretrizes anteriores para (20% do total do curso) 640 horas nessa Diretriz.

Com esse aumento significativo de carga horária para o ECSO, e partindo de nossa suspeita, nos perguntamos como ele será operacionalizado e se, necessariamente esse aumento trará uma melhor ou maior qualidade aos estágios.

---

<sup>5</sup> LDB – nº 9.394/1996

<sup>6</sup> Resoluções nº 1 de 18/02/2002 e nº 2 de 19/02/2002

<sup>7</sup> Resolução nº 07 de 31/03/2004

<sup>8</sup> Resolução nº 2 de 1/7/2015

<sup>9</sup> Resolução nº 2 de 20/12/2019

<sup>10</sup> Resolução nº 6 de 18/12/2018

Diante do que foi exposto foi realizado um estudo acerca da temática ECSO e delimitado assim o seguinte problema: **o aumento de carga horária do ECSO acarreta uma maior qualidade nos estágios obrigatórios nesse momento de formação inicial no curso de Licenciatura em EF da ESEF-UPE?**

Para buscar respostas levantaremos três aspectos: o legal (legislações que estabelecem os critérios e normas para a realização dos estágios), a literatura (o que os autores que tratam essa temática de formação inicial nos apontam como qualidade na realização dos estágios) e o campo (o que dizem sujeitos e ações na ocorrência de estágios). Esperamos que esses três elementos possam nos subsidiar na temática e responder efetivamente ao problema proposto nesse estudo.

Tivemos como objetivo geral: analisar a estrutura dos ECSO no curso de Licenciatura em EF da ESEF-UPE, procurando compreender se o aumento de carga horária dos últimos tempos tem qualificado esse momento de formação inicial. E como objetivos específicos:

- Analisar a legislação vigente acerca da temática estágio, identificando sua trajetória ao longo do tempo especialmente no que diz respeito a carga horária;
- Compreender como os autores que tratam da temática estágio estabelecem suas contribuições para os ECSO;
- Descrever a estrutura do ECSO da ESEF-UPE presentes nos documentos curriculares desta IES;
- Identificar a percepção de professores e estagiários acerca da relação quantidade-qualidade nos ECSO na ESEF-UPE.

## CAPÍTULO 2: PERCURSO METODOLÓGICO

Apresentamos nesse capítulo a opção de metodologia que estabelecemos para esse estudo, inicialmente trazemos um conceito de Minayo (1998, p. 22) sobre metodologia “[...]como, o caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade”. E por se tratar de um trabalho de cunho científico, sentimos a necessidade de trazer um conceito de método científico como um,

[...] elemento fundamental do processo do conhecimento realizado pela ciência para diferenciá-la não só do senso comum, mas também das demais modalidades de expressão da subjetividade humana, como a filosofia, a arte, a religião. Trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos (SEVERINO, 2007, p. 102).

Ainda sobre metodologia Minayo (1998, p. 22) nos traz a ideia de que a metodologia “[...] inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e o potencial criativo do pesquisador”. Não pretendemos nesse estudo aprofundar um paradigma epistemológico que permeia a pesquisa, mas sentimos a necessidade de esclarecer que,

[...] o pressuposto epistemológico refere-se à forma pela qual é concebida a relação sujeito/objeto no processo de conhecimento. Cada modalidade de conhecimento pressupõe um tipo de relação entre sujeito e objeto e, dependentemente dessa relação, temos conclusões diferentes. Assim, está implicada no conhecimento científico uma afirmação prévia da parte que cabe a cada um desses polos. Por isso, o pesquisador, ao construir seu conhecimento, está “aplicando” esse pressuposto epistemológico e, por coerência interna com ele, vai utilizar recursos metodológicos e técnicos pertinentes e compatíveis com o paradigma que catalisa esses pressupostos (SEVERINO, 2007, p. 108).

Pela característica da pesquisa, que teve uma abordagem qualitativa, entendemos que nos aproximamos de um olhar crítico-dialético, que se trata de um conhecimento que,

Não pode ser entendido isoladamente em relação à prática política dos homens, ou seja, nunca é questão apenas de saber, mas também de poder. Daí priorizam a práxis humana, a ação histórica e social, guiada por uma intencionalidade que lhe dá um sentido, uma finalidade intimamente

relacionada com a transformação das condições de existência da sociedade humana. Se baseia em alguns pressupostos<sup>11</sup> (SEVERINO, 2007, p. 116).

Nossa expectativa foi dialogar com os sujeitos envolvidos, imbuídos de seu o contexto social, confrontar com a literatura e os documentos norteadores dessa prática, pois a dialeticidade e criticidade dos fatos se dão diante de sua dinâmica e contradições.

Na prática da investigação científica, concordamos com a afirmação de Minayo, (1998, p.37) de que,

[...] na pesquisa social, nenhuma pesquisa é neutra seja ela quantitativa ou qualitativa. Pelo contrário, qualquer estudo da realidade, por mais objetivo que possa parecer, por mais “ingênuo” ou “simples” nas pretensões, tem a norteá-lo um arcabouço teórico que informa a escolha do objeto, todos os passos e resultados teóricos e práticos.

Por esse motivo temos a clareza de que todo estudo científico traz em seu bojo um olhar norteador para que as respostas aos problemas e aos objetos da pesquisa sejam respondidas, seguindo uma lógica de pensamento.

Fizemos a opção por uma abordagem qualitativa de caráter descritivo “[...] que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas” (SEVERINO, 2007, p. 119) e ainda “[...] é importante ter em mente que a pesquisa qualitativa visa dar voz ao sujeito e as contradições/processos vivenciadas por este” (SANTOS; PIRES, 2012, p. 31). Nesse sentido esperamos que as contribuições que apresentaremos sejam de avanços na operacionalização dos ECSO que, por se encontrarem inseridas em um curso de Licenciatura em EF, possam contribuir na formação inicial.

Para esse estudo levamos em consideração que a pesquisa passou por três fases: a) fase exploratória da pesquisa, na qual se amadurece o objeto de estudo e se delimita o problema de investigação, b) fase de trabalho de campo ou de coleta de dados, fase em que se recolhem informações que respondam ao problema e c) fase de análise ou tratamento do material, onde se faz o tratamento, por inferências e interpretações, dos dados coletados (SOUZA JÚNIOR, MELO, SANTIAGO, 2010). Entre as fases da pesquisa citadas acima, não existe uma

---

<sup>11</sup> Totalidade- Pressupõe uma articulação das partes com o todo; Historicidade- Cada momento é articulação de um processo histórico maior; Complexidade- o real é simultaneamente unidade e totalidade, cada fenômeno vai além da simples acumulação é um fluxo permanente de transformação; Dialeticidade- as mudanças ocorrem seguindo uma lógica da contradição e não da identidade. Se constituiu por uma luta de contrários; Praxidade- os fenômenos estão articulados entre si, no tempo e no espaço se desenvolvendo através de uma prática histórica e social; Cientificidade- se expressa mediante um processo histórico-social, conduzido por forças contraditórias; Concreticidade- se refere a prática real dos homens, no espaço social e no tempo histórico, práxis coletiva.

hierarquização de importância entre elas, cada uma dessas fases é fundamental para a realização e qualificação da pesquisa.

Esse estudo é fruto de uma pesquisa documental, bibliográfica e de campo.

A pesquisa documental tem como objetivo investigar fontes primárias, que se constituem de dados não codificados, organizados e elaborados para os estudos científicos, como documentos, arquivos, plantas, desenhos, fotografias, gravações, estatísticas e leis, para descrever e analisar situações, fatos e acontecimentos, bem como, comparar com dados da realidade (MATTOS, ROSSETTO JÚNIOR; BLECHER, 2008, p. 37).

A pesquisa documental analisou a legislação vigente acerca da temática estágio além dos documentos que nortearam a organização e a avaliação das disciplinas de estágio na ESEF, o plano da disciplina de estágio 2 em (2018.1.), os relatórios dos estagiários entrevistados, o Regulamento do ECSO e o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do curso de Licenciatura da ESEF-UPE, relacionado ao currículo “antigo”.<sup>12</sup>

A pesquisa bibliográfica é considerada o primeiro passo de qualquer pesquisa científica, recolhe e seleciona conhecimentos e informações acerca de um problema ou hipótese já organizados e trabalhados por outro autor, colocando o pesquisador com materiais de um determinado assunto (MATTOS, ROSSETTO JÚNIOR; BLECHER, 2008, p. 38).

A pesquisa bibliográfica investigou as categorias analíticas do estudo: estágio supervisionado e formação de professores/formação profissional, sendo abordadas a partir de uma revisão de literatura. Para a construção desse diálogo com a literatura sobre ECS, além de trazer o acúmulo das leituras realizadas, desenvolvemos um Projeto de Iniciação Científica atrelado à essa pesquisa.<sup>13</sup>

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos, que são mais descritivos, até estudos mais analíticos (SEVERINO, 2007, p. 123).

---

<sup>12</sup> A partir de 2018.2 foi implementado um novo PPC para o Curso de LEF que se encontra no 4º período e ainda não chegou nas disciplinas de Estágio que acontecem a partir do 5º período, por isso a opção pelo PPC antigo, que foi implementado a partir de 2005.1, que possui todas as disciplinas de Estágio em vigência.

<sup>13</sup> Projeto intitulado de Apropriações e contribuições do estágio curricular supervisionado no curso de licenciatura em Educação Física: uma revisão sistemática que contou com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) UPE.



A pesquisa de campo foi realizada com uso de questionários e entrevistas semiestruturadas com estagiários, professor da disciplina e supervisores do ECSO.

Porque escolhemos para esse estudo a Instituição de Ensino ESEF? Em virtude de ser o curso de EF mais antigo em Pernambuco<sup>14</sup>, de ser uma instituição pública de ensino, por ser o campo profissional que atuou há mais de 30 anos e pelo interesse em contribuir em uma futura reforma curricular com os dados obtidos nesse estudo.

## 2.1 Fontes e instrumentos da coleta de dados

Para a realização da coleta de dados da pesquisa fizemos inicialmente uma análise documental das Legislações que tratam a temática estágio: LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), a Lei de Estágio nº 11.788/08 (BRASIL, 2008) que dispõe sobre o estágio de estudantes; a Resolução nº 01/2002 que instituiu as Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores da Educação Básica, em Nível Superior, Curso de Licenciatura, de Graduação Plena; a Resolução nº 02/2002 que instituiu a duração e carga horária dos Cursos de Licenciatura, de Graduação Plena, de Formação de Professores da Educação Básica em Nível Superior, a Resolução nº 02/2015 que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior (Cursos de Licenciatura, Cursos de Formação Pedagógica para Graduados e Cursos de Segunda Licenciatura) e para a Formação Continuada e a Resolução CNE/CP nº 2 de 20 de dezembro de 2019, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica. Especificamente na Educação Física, as resoluções: nº 07/2004 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Educação Física, em Nível Superior de Graduação Plena, e a nº 6 de 18 de dezembro de 2018 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências).

Analizamos também documentos institucionais: o PPC de Licenciatura da ESEF-UPE, o Regulamento do Estágio da ESEF-UPE, os Planos de Ensino da disciplina Prática de Ensino

---

<sup>14</sup> Com quase 80 anos de fundação, a ESEF surge a partir do decreto-lei nº 487 do estado de Pernambuco que cria o curso normal de EF em 25 de abril de 1940, sendo reconhecido pelo governo federal em 1946 e nesse mesmo ano em 15 de maio é criada a ESEF que passa a ter além do curso superior, o curso normal de EF (antigo curso normal organizado em 1940) e o curso de ginástica rítmica. Em 1953 é reconhecido o Curso Superior de Educação Física Feminina. Em 1965 funcionavam o curso superior (para homens e mulheres), o curso de educação física infantil (para mulheres) e o curso de massagem, segundo fontes da ESEF (1965).

– Estágio Supervisionado da ESEF-UPE e os relatórios apresentados pelos estagiários que foram entrevistados, esses documentos foram analisados para subsidiar a análise dos dados.

A coleta de dados também se realizou pelos instrumentos, questionário e roteiro de entrevista. No que se refere ao questionário, ele foi aplicado aos alunos que estavam matriculados na disciplina, prática de ensino – estágio supervisionado 2 em 2018.1. O questionário (**APÊNDICE B**) teve 16 (dezesesseis) perguntas, entre questões abertas e fechadas e foi respondido por 27 (vinte e sete) alunos dos 42 (quarenta e dois) que estavam matriculados. Como o questionário foi respondido em 2018.2, depois que o Comitê de Ética<sup>15</sup> autorizou a pesquisa, alguns estudantes já haviam concluído sua graduação, por terem cursado as disciplinas de Estágio 2 e 3 concomitantemente, ou encontravam-se trancados no curso ou mesmo não quiseram ou puderam responder.

O questionário foi aplicado na aula da disciplina prática de ensino- estágio supervisionado 3, no dia 07 de novembro de 2018, foi explicado em linhas gerais do que se tratava a pesquisa e solicitado dos alunos presentes que colaborassem com a pesquisa, respondendo ao questionário, bem como, que lessem e assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (**APÊNDICE A**). Nesse dia, 18 (dezoito) alunos estavam presentes e todos responderam ao questionário entregue. Os demais alunos responderam em outros momentos, mas em todas as vezes foi usado o mesmo procedimento de explicar a pesquisa e solicitar a assinatura do TCLE, antes de responder ao questionário. Os demais alunos responderam da seguinte forma: 1 (um) aluno respondeu no dia 09 de novembro de 2018, 2 (dois) alunos responderam no dia 13 de novembro de 2018, 4 (quatro) alunos responderam no dia 20 de novembro de 2018, 1 (um) aluno no dia 25 de novembro de 2018 e 1 (um) aluno dia 12 de dezembro de 2018. Com a análise desses questionários foi possível selecionar os sujeitos que realizaram a entrevista na segunda fase da pesquisa de campo.

As entrevistas para essa segunda fase da pesquisa de campo foram realizadas com 9 (nove) sujeitos. A professora responsável pela sala de aula da disciplina Prática de Ensino – Estágio Supervisionado 2 em 2018.1, 4 (quatro) estagiários que cursaram a disciplina de estágio ministrada pelo professor entrevistado, tendo como critérios para a escolha desses os dois estagiários que ministraram mais aulas e os dois estagiários que ministraram menos aulas, selecionados a partir de informações obtidas por questionário aplicado no segundo semestre de 2018 aos alunos que cursaram a disciplina e os 4 (quatro) últimos sujeitos foram os supervisores

---

<sup>15</sup> O questionário foi aplicado em 2018.2, pois aguardávamos a Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética (CEP) da UPE (**ANEXO 2**), que foi aprovado no dia 31 de outubro de 2018, para que pudéssemos dar prosseguimento à pesquisa.

dos respectivos estagiários. Foram utilizados 3 (três) roteiros de entrevista como instrumentos: 1- entrevista com 4 (quatro) alunos selecionados após a aplicação do questionário, o roteiro da entrevista (**APÊNDICE C**) possuiu 17 (dezesete) questões norteadoras e foram aplicados nos dias: Estagiário 1 (09/10/2019), Estagiário 2 (22/10/2019), Estagiário 3 (11/10/2019) e Estagiário 4 (14/10/2019); 2- entrevista com a professora da disciplina de Prática de Ensino- Estágio Supervisionado 2 em 2018.1, o roteiro da entrevista (**APÊNDICE D**) possuiu 15 (quinze) questões norteadoras e foi aplicado no dia 28 de agosto; 3- entrevista com 4 (quatro) supervisores do ECSO dos alunos selecionados, o roteiro da entrevista (**APÊNDICE E**) possuiu 15 (quinze) questões norteadoras e foram aplicadas nos dias: Supervisor 1 (29/10/2019), Supervisor 2 (19/11/2019), Supervisor 3 (25/10/2019), Supervisor 4 (10/11/2019).

## 2.2 sujeitos da pesquisa

Na ESEF-UPE, no curso de Licenciatura em EF, temos três disciplinas de estágio: prática de ensino – estágio supervisionado 1 (uma disciplina de estágio de observação), prática de ensino – estágio supervisionado 2 (uma disciplina de estágio de intervenção na educação infantil até as séries iniciais do ensino fundamental) e prática de ensino – estágio supervisionado 3 (uma disciplina de estágio de intervenção nas séries finais do ensino fundamental e o ensino médio).

Fizemos a opção de escolher como sujeitos iniciais dessa pesquisa todos os alunos matriculados na disciplina, prática de ensino – estágio supervisionado 2 em 2018.1, que foram convidados a responder um questionário acerca de sua participação na referida disciplina. Posteriormente passamos a selecionar os sujeitos que participaram da entrevista, a partir dos critérios de carga horária cumprida no estágio. Como estamos querendo estabelecer uma relação se a qualidade do estágio está relacionada ao aumento da carga horária, optamos por esses critérios.

A escolha dessa disciplina se deu em virtude de os alunos já terem cursado a disciplina de prática de ensino – estágio supervisionado 2 em 2018.1, tendo já realizado a disciplina do estágio de observação anteriormente, e assim finalizada primeira experiência de intervenção com regência em um semestre letivo. Assim, em 2018.2, quando estavam matriculados na disciplina de prática de ensino- estágio supervisionado 3, possuíam um acúmulo de experiências de um período completo e estavam finalizando o terceiro estágio, podendo fazer inferências sobre o estágio com mais propriedade.

### 2.3 organização e tratamento dos dados

Como forma de responder aos objetivos propostos utilizamos como técnica da análise dos dados, a denominada análise de conteúdo, que pode ser definida conceitualmente pelos autores abaixo:

É uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritas, orais, imagens e gestos. Um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Trata-se de se compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações.

Envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e a seus componentes psicossociais. As mensagens podem ser verbais (orais ou escritas), gestuais, figurativas, documentais (SEVERINO, 2007, p.121).

É um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Essa técnica de análise de conteúdo, categorial por temática, foi utilizada para analisar as entrevistas semiestruturadas realizadas com os professores (da disciplina de estágio e supervisores de estágio) e alunos-estagiários, definidos como os sujeitos dessa pesquisa.

Para que os dados fossem analisados, fizemos uma revisão bibliográfica com as categorias analíticas formação profissional/formação de professores e estágio supervisionado. Sendo assim, nos capítulos seguintes apresentamos alguns aspectos históricos, conceituais, características, encontrados dessas categorias, na literatura. As buscas foram realizadas na plataforma SCIELO<sup>16</sup>, além de dissertações, teses e livros que versem sobre a temática.

Diante dos dados de campo e diversidade de sujeitos, sintetizamos um corpo de unidades de contexto e de registro para lidar com o desmembramento e reagrupamento das mensagens das entrevistas a partir de dois grupos de categorias empíricas: 1- **sala de aula** do componente curricular prática de ensino estágio supervisionado; 2- **campo de estágio** do componente curricular prática de ensino estágio supervisionado.

---

<sup>16</sup> O Scientific Electronic Library online é um portal de revistas brasileiras que organiza e publica textos completos de revista na internet.

**QUADRO A- SÍNTESE PARA AS CATEGORIAS EMPÍRICAS**

<b>UNIDADES DE CONTEXTO</b>	<b>UNIDADE DE REGISTRO</b>
Organização geral dos estágios	Caracterização
	Estrutura
	Planejamento
Estágio de Observação - 1	Importância/Contribuições
	Ações que qualificam
	Ações que desqualificam
Estágio de Intervenção – 2 e 3	Importância/Contribuições
	Ações que qualificam
	Ações que desqualificam
Supervisão	Importância/Contribuições
	Atuação
	Professor da ESEF no campo de estágio
	Supervisionar alunos da ESEF
Relação com o Currículo/PPC da ESEF	Disciplinas que contribuíram
	Disciplinas que poderiam ter contribuído
Carga Horária	Realizada
	Aumentos
	Relação quantidade e qualidade

### **CAPÍTULO 3: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE: desafios a seguir**

Trazemos neste capítulo a fala de alguns autores sobre formação de professores e o fazemos pela temática tratada nesse estudo, estágio, estando o mesmo intimamente ligado a esse processo de formação.

Fazendo inicialmente um percurso histórico, Saviani (2009, p.143) afirma que, historicamente, desde o século XVII, a formação docente foi objeto de preocupação, mas apenas no século XIX, após a Revolução Francesa, é que temos a origem das Escolas Normais, responsáveis por formar professores diante do problema da instrução popular. No Brasil a preocupação com a formação de professores se torna mais explícita após a independência do país em 1822. O autor ainda aborda que a história da formação no Brasil foi dividida nos seguintes períodos:

1. Ensaio intermitentes de formação de professores (1827-1890). Esse período se inicia com o dispositivo da Lei das Escolas de Primeiras Letras, que obrigava os professores a se instruir no método do ensino mútuo, às próprias expensas; estende-se até 1890, quando prevalece o modelo das Escolas Normais.
2. Estabelecimento e expansão do padrão das Escolas Normais (1890-1932), cujo marco inicial é a reforma paulista da Escola Normal tendo como anexo a Escola-modelo.
3. Organização dos Institutos de Educação (1932- 1939), cujos marcos são as reformas de Anísio Teixeira no Distrito Federal, em 1932, e de Fernando de Azevedo em São Paulo, em 1933.
4. Organização e implantação dos Cursos de Pedagogia e de Licenciatura e consolidação do modelo das Escolas Normais (1939-1971).
5. Substituição da Escola Normal pela Habilitação Específica de Magistério (1971-1996).
6. Advento dos Institutos Superiores de Educação, Escolas Normais Superiores e o novo perfil do Curso de Pedagogia (1996-2006) (SAVIANI, 2009, p.143-144).

Essa ligação com a escola era muito forte e visível com a existência das Escolas Normais, com sua diminuição após a LDB nº 9394/96, os cursos de formação de professores passaram a ser também de responsabilidade das Universidades, e Institutos Superiores de Educação.

[...] a nova Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/96) estabelece que “a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação [...]” (art. 62). Assim, o legislador optava por inserir uma nova instituição no panorama educacional, provavelmente por inspiração dos Institutos Universitários de Formação de Mestres (IUFM) franceses, que forneceram referencial para a experiência realizada no país. Ao mesmo tempo, parecia que se desconsiderava a trajetória recente dos cursos

de Pedagogia e a sua progressiva orientação com vistas ao preparo do pessoal docente para a educação infantil e para os anos iniciais da escolaridade. De conformidade com o art. 63 da nova LDB, os Institutos Superiores de Educação (ISE) deverão manter “cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinados à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental”. Apesar de estabelecer como norma a formação em nível superior, a Lei admite como formação mínima a oferecida em nível médio, nos cursos normais, o que faz supor, dada a realidade existente, que tais cursos deverão subsistir ainda por muito tempo, embora fique estipulado nas disposições transitórias um prazo de apenas dez anos para essa formação. (TANURI, 2000, p.85)

Para Nóvoa, (2017, p. 1112), “hoje, reconhece-se que a universitarização da formação de professores trouxe ganhos significativos nos planos acadêmico, simbólico e científico, mas perdeu-se um entrelaçamento com a profissão que caracterizava o melhor das escolas normais”.

Embora a descrição histórica feita anteriormente por Saviani, trace o caminho trilhado pelo curso de Pedagogia, a criação das Licenciaturas específicas de cada componente curricular também sofre influência das mudanças ocorridas nos Cursos de Pedagogia, inclusive nosso campo de investigação nesse estudo, o Curso de Licenciatura em EF.

No capítulo 5, destinado a legislação do estágio, veremos como os cursos superiores de EF no Brasil passaram por transformações em seus currículos, passando desde mudanças nas cargas horárias, na grade que definia o rol das disciplinas, na intenção do curso ao formar professores, inclusive na operacionalização dos ECSO.

No processo de formação de professores autores como Andrade e Resende (2010), Nóvoa (2017), Gatti (2017), afirmam que é necessário recuperar uma ligação da Universidade com as escolas e seus professores e a profissão precisa ser fortalecida, uma depende da outra.

Comungamos com as ideias de Nóvoa (2017) que, ao falar de formação de professores afirma que não podemos atribuir esse papel apenas aos professores das IES, que são responsáveis por uma grande parte de sua construção acadêmica através dos componentes curriculares, mas também aos professores de educação básica, que receberão o futuro profissional nas disciplinas de estágio e também serão responsáveis pela sua formação na escola.

A escola não pode ser apenas “campos de aplicação”, é necessário e urgente uma parceria Universidade-Escola, pois a formação se dá nesse duplo viés, onde cada um tenha clareza de sua função, mas principalmente de sua importância no processo inicial de formação docente, assegurando a transição entre a formação e a profissão.

Para que ela tenha lugar, é necessário atribuir aos professores da educação básica um papel de formadores, a par com os professores universitários, e não transformar as escolas num mero “campo de aplicação”. A construção de uma parceria exige uma compreensão clara das distintas funções, mas sempre com igual dignidade entre todos e uma capacidade real de participação, isto é, de decisão.

É neste entrelaçamento que reside o segredo da formação inicial dos professores, bem como da construção de processos de indução profissional (residência docente) que assegurem a transição entre a formação e a profissão e, mais tarde, de modelos adequados de formação continuada (NÓVOA, 2017, p. 1124).

Nóvoa (2017, p. 1130) propõe ainda que é necessário “pensar a formação de professores como uma formação profissional universitária” e para isso é importante trazer a profissão para dentro das instituições de formação. Para o autor,

O eixo de qualquer formação profissional é o contacto com a profissão, o conhecimento e a socialização num determinado universo profissional. Não é possível formar médicos sem a presença de outros médicos e sem a vivência das instituições de saúde. Do mesmo modo, não é possível formar professores sem a presença de outros professores e sem a vivência das instituições escolares (NÓVOA, 2017, p. 1122).

Na ESEF-UPE, uma opção por buscar a parceria Universidade-Escola pode ser encontrada na adesão de dois Programas que integram a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC), promovidos pelo Governo Federal através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) tais como a Residência Pedagógica e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID). A ideia desses Programas é que os acadêmicos sejam inseridos no ambiente escolar de forma mais participativa que vai além da sala de aula, que possam participar de toda vida escolar e os professores da escola venham para dentro da Universidade participando mais de perto da formação apresentando sua realidade escolar e suas necessidades.

A Residência Pedagógica é um Programa que tem por objetivo “induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciado na escola de educação básica, a partir da segunda metade do curso”.

O Programa traz ainda outros objetivos,

1. Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;



2. Induzir a reformulação da formação prática nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;
3. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores;
4. Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (CAPES, 2018).

A Residência Pedagógica sofre algumas críticas e resistências, principalmente por apresentar uma concepção de separação entre teoria e prática fragmentando o currículo, quando reforça em seu texto o fortalecimento do campo da prática e quando impõe a utilização da BNCC.

A residência docente pode ser positiva se houver uma preocupação de estabelecer uma política de Estado que conceba a formação de professores em sua totalidade, abarcando os elementos da formação e valorização docente, por meio da formação inicial e continuada, condição de trabalho, remuneração e carreira. O princípio orientador não pode ser um conjunto de programas apresentada de forma fluída numa apresentação de slides, mas a criação de um subsistema nacional de formação de professores em que para a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), tal concepção de formação valorize uma base comum nacional, a sólida formação teórica e interdisciplinar, a unidade entre teoria e prática, a gestão democrática, o compromisso social e ético, a avaliação permanente, a articulação entre formação inicial e continuada e o trabalho coletivo. Este último é indispensável para a transformação da prática de ensino e da prática social mais ampla (SILVA; CRUZ, 2018, p. 243).

O PIBID é um Programa que visa, “proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas”. Possui como objetivos,

- Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- Contribuir para a valorização do magistério
- Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como conformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e

- Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura. (CAPES, 2008)

O PIBID também sofre algumas críticas, por não ter práticas de ensino em sala de aula, a falta de observação do trabalho dos supervisores, problematização e busca de novas formas de trabalho, a ausência de práticas colaborativas e de formação pedagógica dos formadores. (PANIAGO; SARMENTO; ROCHA, 2018, p.26). Esses autores ainda afirmam que,

A prática de inserção à socialização docente no PIBID, desde o início da formação, não é garantia de uma melhoria nos processos formativos na IES, pois a experiência, por si, não é sinônimo de qualidade se não for acompanhada de processos formativos consubstanciados na reflexão e investigação que incitem, nos formandos, o desenvolvimento de novas aprendizagens, da (res)significação e (re)construção de novas práticas (PANIAGO; SARMENTO; ROCHA, 2018, p.27).

Apesar das críticas, a ESEF-UPE optou por adotar os Programas, por ser mais uma forma de aproximar o acadêmico do seu *locus* de intervenção, mas vem realizando uma avaliação crítica junto aos acadêmicos e os professores das escolas responsáveis pela orientação avaliação.

Ao tratarmos de formação de professores para uma formação profissional, seja em programas governamentais ou reflexões acadêmicas, corroboramos com a ideia de Nóvoa (2017) de que, para termos qualidade na formação docente, é indispensável ter uma profissão docente também forte.

Não pode haver boa formação de professores se a profissão estiver fragilizada, enfraquecida. Mas também não pode haver uma profissão forte se a formação de professores for desvalorizada e reduzida apenas ao domínio das disciplinas a ensinar ou das técnicas pedagógicas. A formação de professores depende da profissão docente. E vice-versa (NÓVOA, 2017, p. 1131).

O autor ainda afirma que a profissão docente está saindo de um viés individual para um viés coletivo, e essa mudança pode ser observada quando reconhecemos a importância da Universidade na formação docente, porém, sem descartar igualmente a importância do *locus* de intervenção do profissional,

O espaço universitário é decisivo e insubstituível, mas tem de se completar com o trabalho no seio de comunidades profissionais docentes. A profissão docente está a evoluir, rapidamente, de uma matriz individual para uma matriz colectiva (NÓVOA, 2017, p. 1123).

No caso da formação inicial de professores temos como esse *locus* de intervenção, os contextos das ações educativas, a escola de educação básica e seus desdobramentos, e para que essa formação aconteça com qualidade é fundamental que os propósitos para a educação básica sejam elementos norteadores,

Não há como pensar a formação de professores para a educação básica sem levar em conta um cenário de qualificação para a educação nas escolas, refletindo e tendo no horizonte os propósitos para a educação básica (GATTI, 2017, p. 731).

O curso de formação inicial de professores deve tomar como referência o atual contexto onde se desenvolvem as ações educativas, ou seja, as escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Profissionalizante. Defendemos a transformação do campo de atuação profissional em espaço de aprendizagem e formação (NEIRA, 2009, p. 138).

Quando falamos de formação de professores, temos que saber quais os profissionais que estamos formando para atender a que escola. É imprescindível que o currículo do curso de formação seja concebido a partir das mudanças que ocorrem nas escolas de educação básica, um depende do outro, um complementa o outro, cada um isoladamente não qualifica a formação docente. Historicamente vemos mudanças na formação de professores como podemos observar com a citação a seguir,

Ao longo de sua história, a formação de professores tem oscilado entre modelos acadêmicos, centrados nas instituições e em conhecimentos fundamentais, e modelos práticos, centrados nas escolas e em métodos aplicados. É preciso ultrapassar esta dicotomia, que não tem hoje qualquer pertinência, adotando modelos profissionais, baseados em soluções de parceria<sup>17</sup> entre as instituições de ensino superior e as escolas, com um reforço dos espaços de tutoria e alternância (NÓVOA, 1999, p. 26).

Essa dicotomia citada acima pode ser vista com muita clareza ao longo da história nos cursos de formação de professores, que trazia a concepção teórica da formação que ficava a cargo das instituições formadoras e a concepção prática da formação que ficava a cargo das escolas de educação básica.

Tentando superar a dicotomia, teoria-prática, Cury (2013), traz uma ideia de que “ser professor é algo que o estudante deve ir se fazendo”. A ideia dessa superação norteou os

---

<sup>17</sup> Parceria – Segundo o dicionário de língua portuguesa. Formação docente coletiva.

Pareceres que foram emitidos pelo CNE (Conselho Nacional de Educação), que buscam uma superação dessa dicotomia, mas na realidade ainda é muito difícil de se concretizar.

Ser professor é algo que o estudante deve ir se fazendo, tornando essa trajetória cada vez mais objeto de uma opção profissional consciente e crítica, respaldada em um compromisso político democrático e em uma competência profissional qualificada. O professor nem é e nem não é. O professor devém. [...] Nasce daí a orientação metodológica fundante dos Pareceres do CNE: todas as atividades concernentes a essa formação profissional devem estar bafejadas pela relação teoria/prática, prática/teoria. Não apenas os momentos que a lei impõe como práticas devem ser iluminados por essa relação, como também os momentos voltados para os aspectos cognitivos. Ao mesmo tempo, essa relação teoria/prática conhece como método processual a compreensão descritiva, analítica e problematizadora das atividades implícitas em todos os componentes curriculares como uma circularidade de caráter elíptico e interativo da ação/reflexão/ação (CURY, 2013, p. 21-22).

Ainda em relação ao par dialético teoria-prática, entendemos que ele permeou e ainda permeia os cursos de formação de professores, especialmente ao se pensar no estágio como algo unicamente prático que trará as teorias vivenciadas ao longo do curso e colocará em prática, geralmente no final do curso, toda a teoria estudada durante os anos de formação. Para que possa intervir profissionalmente no mundo atual é importante que haja uma superação dessa dicotomia, e a Universidade e a escola têm papel fundamental nesse contexto, refletindo sobre a prática pedagógica, como podemos observar nas citações abaixo,

Entendemos que a formação acadêmica necessita subsidiar o estagiário, tanto na teoria quanto na prática, dentro do contexto profissional atual, permitindo-lhe o enfrentamento das mudanças que ocorrem continuamente no mundo globalizado do trabalho. Nessa visão, a Universidade precisa alargar fronteiras do convencional, ou seja, perceber que a formação é construída quando o estagiário passa a entender que, para obter conhecimento, se faz necessário inovar, refletir sobre a realidade profissional, ampliar conhecimento, fazer uso de sua criatividade, ter iniciativa, dentre outros aspectos (MILANESI, 2012, p. 2019, 220).

Na formação do professor, o aluno deveria se aproximar da realidade da sala de aula e da escola para que, a partir das observações realizadas e das vivências nesse contexto, fosse possível fazer uma reflexão sobre a prática pedagógica que aí se efetiva. Essa reflexão proporcionaria a (re)construção de conhecimentos e de saberes essenciais a sua formação (ANDRADE; RESENDE, 2010, p.232).

Encontramos em Tardif (2014), sua posição contra a ideia tradicional de relação teoria e prática, ou seja a de que o saber estaria somente do lado da teoria, ao passo que a prática ou é

desprovida de saber ou é portadora de um falso saber baseado, por exemplo, em crenças, ideologias e ideias preconcebidas.

Nos finais da década de 1980 e início de 1990 vários autores trataram em seus estudos de formação de professores, para aquele momento, uma nova perspectiva de professor, mudando a visão do professor tradicional para um professor reflexivo e um professor pesquisador.

Quando um professor tenta ouvir os seus alunos e reflectir-na-acção sobre o que aprende, entra inevitavelmente em conflito com a burocracia da escola. Nesta perspectiva, o desenvolvimento de uma prática reflexiva eficaz tem que integrar o contexto institucional. O professor tem de se tornar um navegador atento à burocracia. E os responsáveis escolares que queiram encorajar os professores a tornarem-se profissionais reflexivos devem tentar criar espaços de liberdade tranquila onde a reflexão-na-acção seja possível. Estes dois lados da questão - aprender a ouvir os alunos e aprender a fazer da escola um lugar no qual seja possível ouvir os alunos - devem ser olhados como inseparáveis (SHON, 1997, p.6).

Este período, 1987-1992, coincide com a consagração de uma nova abordagem marcada pela “universitarização” da formação docente e pelas ideias de “professor reflexivo” e de “professor pesquisador”. As escolas normais, instituições com uma história de grande significado, foram sendo progressivamente substituídas pelas universidades.

Esta transição trouxe avanços significativos para o campo da formação docente, sobretudo na ligação à pesquisa e na aproximação dos professores ao espaço académico das outras profissões do conhecimento. Mas, nos últimos anos, tem vindo a crescer um sentimento de insatisfação, que resulta da existência de uma distância profunda entre as nossas ambições teóricas e a realidade concreta das escolas e dos professores, como se houvesse um fosso intransponível entre a universidade e as escolas, como se a nossa elaboração académica pouco tivesse contribuído para transformar a condição socioprofissional dos professores (NÓVOA, 2017, p.1108).

Apesar dos estudos relacionados a essas mudanças na perspectiva de professor, constantemente ouvimos que os conhecimentos trazidos pelos docentes para seus alunos estão desatualizados e que não acompanham as características dos alunos na atualidade, como podemos observar na citação a seguir,

Dentre as críticas disparadas, é comum ouvir-se que os docentes empregam métodos e recursos desatualizados ou os conhecimentos que possuem mostram-se inadequados para lidar com as características da população que frequenta as salas de aula nesta primeira década do século XXI. A situação se torna mais complexa quando se verifica que tal sensação já está presente nas falas dos professores iniciantes (NEIRA, 2017, p. 191).

No sentido de atualizar os conteúdos para se adequar à nova realidade, Imbernón (2011), nos traz a ideia que a profissão docente do século XXI deve assumir uma mudança radical de como era realizada nos séculos anteriores para acompanhar todas as mudanças ocorridas na sociedade.

[...] e a profissão docente (entendida como algo mais que a soma dos professores que se dedicam nessas instituições) devem mudar radicalmente, tornando-se algo realmente diferente, apropriado às enormes mudanças que sacudiram o último quartel do século XX. Em suma, a profissão docente deve abandonar a concepção predominante do século XIX de mera transmissão do conhecimento acadêmico, de onde de fato provém, e que se tornou inteiramente obsoleta para a educação dos futuros cidadãos em uma sociedade democrática: plural, participativa, solidária, integradora [...] (IMBÉRNON, 2011, p.7).

Esse autor nos traz ainda a ideia de que houve uma evolução nas instituições de ensino ao longo do século XX, porém essas mudanças não foram suficientes para quebrar com as diretrizes iniciais da origem dessas instituições,

É claro que a instituição educativa evoluiu no decorrer do século XX, mas o fez sem romper as linhas diretrizes que lhe foram atribuídas em sua origem: centralista, transmissora, seletora, individualista... Para educar realmente na vida e para a vida, para essa vida diferente, e para superar desigualdades sociais, a instituição educativa deve superar definitivamente os enfoques tecnológicos, funcionalistas e burocratizantes, aproximando-se, ao contrário, de seu caráter mais relacional, mais dialógico, mais cultural-contextual e comunitário [...] (IMBÉRNON, 2011, p.7-8).

Durante os cursos de formação de professores os estágios têm sempre um papel de destaque, pois é nesse momento que há uma maior aproximação com a profissão, com o campo de trabalho, se configura também como um grande desafio, pois os estudantes ficam diante da verdadeira realidade educacional.

Durante os estágios, estudantes em formação experimentam a imersão no campo de trabalho, isto é, entram em contato com alunos e professores ‘reais’, colocando-se diante da complexidade da ação docente. Experimentam emoções bastante intensas, em virtude da responsabilidade com a aprendizagem do outro, da organização do tempo e do espaço, do exercício da avaliação e do estabelecimento de relações com a comunidade escolar. Ocupar o lugar de professor e ser aceito pelos alunos se configura num grande desafio para estudantes em formação que se veem rodeados de problemáticas educativas (ISSE; MOLINA NETO, 2016, p. 1).

Nesse contexto de formação de professores e sua profissionalização docente, olhando um pouco para a realidade que temos hoje na ESEF-UPE, e pensando especificamente os ECSO como importante momento da formação, vemos com bons olhos a intenção de realizar uma maior aproximação com a escola e de firmar uma parceria de coparticipante nesse processo de formação.

Como exemplo destaca-se uma das decisões tomadas pela ESEF-UPE, além da adesão aos Programas de Residência Pedagógica e PIBID, a qual designou professores para que façam o acompanhamento e avaliação dos ECSO dividindo com o supervisor da escola a responsabilidade no processo de formação junto com o professor da disciplina de estágio. Entretanto entendemos que essas ações isoladas não surtirão efeito, é preciso que a Universidade saia dos seus muros e busque uma maior integração com a escola se apropriando da sua realidade e suas reais condições e necessidades.

Ainda neste debate, diante da especificidade da formação docente, a profissionalização e o ECSO encontramos alguns autores, como Saviani (1996), Pimenta (2005) e Tardif (2014), que trazem à tona estudos sobre os saberes necessários à docência.

Esses saberes necessários a prática da docência, recebem classificações, por esses e por outros autores, que nos levam a refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem, como se ensina e como se aprende? O que se ensina e o que se aprende? E para que possamos apresentar algumas respostas a essas questões trouxemos as classificações.

Saviani (1996, p. 148-149) categoriza os saberes docentes em 5 (cinco) tipos:

- a) **Saber atitudinal:** Saber relacionado as atitudes e comportamento do professor;
- b) **Saber crítico-contextual:** Saber das concepções sócio-históricas preparando os alunos para atuar ativamente na sociedade;
- c) **Saberes específicos:** São os saberes relacionados às disciplinas do currículo escolar.
- d) **Saber pedagógico:** São os saberes relacionados as teorias educacionais;
- e) **Saber didático-curricular:** São os saberes relativos às formas de organização e da prática docente.

Pimenta (2005, p. 20-28), categoriza os saberes docentes em 3 (três) tipos:

- a) **Saberes da experiência:** São os saberes que os professores trazem de sua condição de alunos e continuam adquirindo agora na condição de professor, através de seu exercício docente e de seus colegas de trabalho;
- b) **Saberes do conhecimento:** São os saberes ligados ao conhecimento específico da disciplina que irá atuar, adquiridos na formação acadêmica;
- c) **Saberes pedagógicos:** São saberes que estão relacionados a melhor forma de saber ensinar.

Tardif (2014, p. 36-40), categoriza os saberes docentes em 4 (quatro) tipos:

- a) **Saberes da formação profissional:** São os saberes transmitidos pelas IES. E subdividem-se em: Saberes das ciências da educação: são os saberes científicos e eruditos adquiridos na formação, e os Saberes pedagógicos: são concepções provenientes das práticas pedagógicas;
- b) **Saberes disciplinares** – São saberes que correspondem aos diversos campo do conhecimento e emergem da tradição cultural;
- c) **Saberes curriculares** – São saberes adquiridos pelos professores ao longo da carreira nos programas curriculares;
- d) **Saberes experienciais** – São saberes que brotam da experiência dos professores.

A partir dos conceitos trazidos pelos diferentes autores, apesar de apresentarem algumas diferenças em suas classificações, nos deixam claro que há aproximações com a ideia de que na formação de professores é fundamental a existência de diversos saberes, os quais não se sobrepõem, nem possuem ordens hierárquicas de importância, um completando o outro, um se articulando com o outro e um precisando do outro.

Para que a formação docente seja realizada de maneira completa é necessário, que esses saberes caminhem juntos e articulados. Uma grande dificuldade encontrada entre os professores e os saberes, pode ser descrita na fala a seguir “[...]os educadores e os pesquisadores, o corpo docente e a comunidade científica tornam-se dois grupos cada vez mais distintos, destinados a tarefas especializadas de transmissão e de produção dos saberes sem nenhuma relação entre si” (TARDIF, 2014, p.35). Os desafios na formação docente são inúmeros e o ECSO realizado com qualidade é sem sombra de dúvida um dos maiores.



## **CAPÍTULO 4: ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: diálogo com a literatura na superação teoria x prática.**

Quando se pensa em formação docente, vários autores tratam da temática específica referente aos estágios. Autores como Pimenta e Lima (2012), Pimenta (2012), Benites et al (2012), Scherer (2008), Andrade e Resende (2010), Milanesi (2012) e Agostini (2008), apontam contribuições às discussões sobre os estágios dentro desse processo de formação de professores.

Trazendo alguns conceitos de estágio podemos identificar semelhanças entre eles. Para Lira, (2018, p. 126) o estágio é “um momento de construção coletiva e de bastante aprendizado para iniciar sua prática pedagógica”. Para Montiel e Pereira (2011, p. 422) “É um momento de formação profissional do futuro professor em seu futuro campo de trabalho com acompanhamento e sob a responsabilidade de um profissional já habilitado”. Para Pimenta (2012, p.27) são “as atividades que os alunos deverão realizar durante seu curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho”.

Outros autores trazem ainda:

O estágio curricular supervisionado é uma disciplina em geral de caráter obrigatório no currículo dos cursos de formação universitária e tem como principal característica a construção de uma relação mais próxima com o campo de trabalho específico ao qual a formação está afeta. No que respeita aos cursos de formação de professores, a disciplina é identificada em diferentes Instituições de Ensino Superior como Prática de Ensino. (SCHERER, 2008, p. 77)

O estágio curricular obrigatório é um componente fundamental no processo formativo, que oportuniza ao estudante o exercício da atividade profissional na realidade em que vai atuar. Deve possibilitar aos estudantes a realização de uma atividade teórico-prática, crítico-reflexiva, respaldada pelo referencial teórico e pelo conhecimento de uma realidade de atuação, devendo articular ensino, pesquisa e extensão. (ANDRADE e RESENDE, 2010, p. 232).

Em todas falas fica claro que o estágio, sem dúvida nenhuma, é o momento da aproximação com a profissão, e ressaltamos que além dessa aproximação com o campo de atuação profissional também deve ser o momento de articular, produzir e aplicar os conhecimentos adquiridos e em construção. Entretanto não é incomum por vezes ser negligenciado e tratado de maneira mais burocrática e menos importante. Para Agostini e Terrazan (2012, p. 979), por exemplo, “o Estágio Curricular, como disciplina profissionalizante na atual conjuntura, geralmente tem-se resumido a desenvolver atividades de observação, participação e regência”.

Ao estabelecermos a relação do estágio com a formação profissional corroboramos com uma citação que nos parece cada dia mais atual

Em relação ao estágio, é proposto que este deva estar presente em todas as atividades de formação do licenciado, constituindo-se o eixo de significação do Projeto Pedagógico, devendo estar vinculado a todas as disciplinas, e articulado com a pesquisa em ensino do conteúdo específico, sendo o articulador entre diferentes níveis de ensino, entre ensino, pesquisa e extensão, e as diferentes disciplinas do curso. (TAFFAREL, 1993, p. 8)

Os estudos e pesquisas sobre estágio hoje apontam no sentido de superar a maneira tradicional, técnica ou mesmo cartesiana de desenvolvimento dos estágios nos cursos de formação de professores e esse estudo espera contribuir com alternativas de qualificação dos estágios.

Existe uma grande expectativa, no senso comum, de que com essas disciplinas os alunos coloquem em “prática” o que foi apresentado na “teoria” e que é o momento de ter uma experiência pedagógica positiva que o fará se tornar um bom professor.

Pimenta (2012) discorda desse entendimento que se costuma denominar de estágio como o momento mais “prático” de um curso, tendo como contraponto as demais disciplinas que apontam o momento mais “teórico”. Outros autores corroboram com esse pensamento de Pimenta, como podemos observar nas citações a seguir,

No Brasil, para os cursos de formação de professores e em específico os cursos de Licenciatura em Educação Física, privilegia-se um olhar “discursivo prático” sobre o estágio, estabelecendo que a universidade oferece ao futuro professor possibilidades de experiências pedagógicas tendo como enfoque atribuir-lhe uma gama de saberes científicos e pedagógicos que propiciará ao mesmo intervir como profissional, enquanto a escola privilegia a orientação de ordem prática. (BENITES et al., 2012, p.14).

O Estágio, como componente curricular, nos cursos de formação de professores, tradicionalmente tem sido considerado, em muitos casos, como uma atividade “prática” de menor importância, no conjunto das disciplinas ditas “teóricas”. Essa desarticulação é a grande responsável pelos constantes problemas da dicotomia entre teoria e prática. (AGOSTINI e TERRAZAN, 2012, p. 979).

[...] A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a necessidade de explicitar porque o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática). De acordo com o conceito de ação docente, a profissão de educador é uma prática social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação (PIMENTA, 2012, p.41).

Essa dicotomia teoria-prática foi levantada no capítulo anterior, e ela permeia todo o processo da construção histórica dos estágios, que será abordado no capítulo seguinte quando colocarmos o olhar da legislação sobre os estágios, e assim poderemos ter a clareza que não se trata apenas de um momento prático do curso. Nesse sentido ressaltamos a necessidade de compreendermos o estágio como um momento da práxis docente:

[...] o estágio, ao contrário do que propugnava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade. Nesse sentido, o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da Escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 45).

Para Pimenta (2012, p. 95), “a atividade docente é práxis” e ainda nos traz a ideia que “a essência da atividade (prática) do professor é o ensino-aprendizagem, ou seja, é o conhecimento técnico-prático de como garantir que a aprendizagem se realiza como consequência da atividade de ensinar”.

A dicotomia teoria-prática entre as disciplinas dos cursos de graduação e especificamente as disciplinas de estágio, pode ser superada a partir do momento que se compreenda que em todos os momentos a teoria e a prática se confundirão e se complementarão.

O estágio é um dos momentos da formação inicial mais esperado pelos acadêmicos dos cursos de licenciatura, que muitas vezes chegam a esse ponto de sua formação, tendo apenas vivenciado o processo ensino-aprendizagem em sala de aula como aluno, como podemos observar na fala abaixo,

O estágio é um período muito importante na formação inicial dos professores e esperado pelos estudantes dos cursos de licenciatura com muita expectativa. Para muitos estudantes, o único contato que tiveram até então com a sala de aula foi na condição de alunos, mas agora os papéis se invertem, tendo que assumir a função de professor, por isso esses estudantes carregam consigo muita ansiedade. (MILANESI, 2012, p. 210)

Hoje os ECSO começam a ter um lugar de destaque na formação docente, em virtude do reconhecimento de sua importância a partir de diversos autores,

O ECS, tomado como componente da Prática de Ensino, torna-se então, o espaço curricular privilegiado de inserção dos acadêmicos no exercício da docência, sob a supervisão efetiva da Instituição formadora; é o momento de buscar desenvolver práticas de ensino inovadoras, vinculadas não apenas aos saberes específicos a cada área de formação e aos saberes pedagógicos, adquiridos ao longo do curso, como ao conhecimento do ambiente escolar.

Trata-se, talvez, do momento mais impactante da formação universitária, pois os acadêmicos são chamados a repensar e a reorganizar seus conhecimentos no sentido de planejar, desenvolver e avaliar seu processo de ensino dirigido a uma situação particular e única. (SCHERER, 2008, p 81)

O momento do estágio curricular supervisionado, dentro dos cursos de formação de professores, é bastante forte e complexo. Sobre o mesmo recaem expectativas sobre as possibilidades de atuação do estagiário enquanto alguém que virá a se tornar um professor, mas que necessita de experiências pedagógicas. Também é um período dinâmico no qual compreende os esforços da universidade e da escola, prevendo acordos, acompanhamentos, discussões sobre as situações de ensino e orientações sobre a tarefa de aprender a ensinar. (BENITES et al., 2012, p. 14)

Os estágios, como um importante elemento de investigação, apresentam diferentes concepções, e como ilustração trazemos o estudo de Milanesi (2012) e Pimenta e Lima (2012) que ajudarão a subsidiar a análise dos dados dessa pesquisa.

Milanesi (2012, p 211-216), traz as diferentes concepções de estágio de professores regentes, como resultado de uma pesquisa realizada no Mato Grosso, na cidade de Cáceres, que aponta: 1) momento de colocar em prática as teorias aprendidas, nesse entendimento de estágio fica claro que os professores dicotomizam a teoria da prática. A dicotomia teoria e prática acompanhou as primeiras legislações que tratavam sobre estágio, observaremos no percurso histórico da legislação o Parecer 292/62 que instituiu a Prática de Ensino na forma de estágio supervisionado no final do curso, momento que o aluno já estudou toda a “teoria” e pode colocar em “prática” o que foi estudado no estágio; 2) momento de relação teoria e prática, os professores veem o estágio enquanto práxis pedagógica. Nessa forma de pensar a LDB de 96 e as Diretrizes seguintes das Licenciaturas, apostam na concepção de aprender a ser professor e em uma relação teoria-prática 3) período de aprendizagem da realidade escolar, nessa perspectiva o autor descreve que há o contato com a comunidade escolar com a profissão e há trocas de experiência, se observa a estrutura física, administrativa e pedagógica, se aprende na docência ao ser avaliado e a partir da realidade da sala de aula, rever seus métodos de ensino; 4) período de exercício da prática pedagógica, momento apenas para exercitar a prática pedagógica; 5) período de aquisição de experiências, momento adquirir a experiência para exercer a função docente; e, 5) período de identificação ou não com a profissão, momento em que, a partir da realização do estágio, o aluno se identifica ou não com a profissão.

Pimenta e Lima (2012, p. 35-56) apresentam uma classificação dos estágios a partir de seus estudos. 1) O estágio na perspectiva da prática como imitação de modelo “reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos, sem proceder uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social que o ensino se processa”. 2) O

estágio na perspectiva da prática como instrumentalização técnica “fica reduzido à *hora da prática*, ao *como fazer* às técnicas a ser empregadas em sala de aula, ao desenvolvimento de habilidades específicas do manejo de classe, ao preenchimento de fichas de observação, diagramas, fluxograma.” 3) O estágio como teoria e prática “só pode ser conseguido se o estágio for uma preocupação, um eixo de todas as disciplinas do curso.[...] todas as disciplinas necessitam oferecer conhecimentos e métodos para a formação de professores.” 4) O estágio: aproximação da realidade e atividade teórica é “atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da práxis.” 5) O estágio como pesquisa e a pesquisa no estágio “como método de formação de futuros professores, na mobilização de pesquisas que permitam uma ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam e na possibilidade dos estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador.”

Com as classificações apresentadas pelos autores, podemos identificar uma necessidade premente de mudança na concepção de estágio, saindo da ideia de que ele é apenas um momento prático da sua formação e passando a considerar que o estágio é o momento teórico e prático.

Assim concordamos que:

O estágio supervisionado pode ainda instituir uma via de mão dupla entre Escola e Universidade, à medida que possibilita a identificação e o enfrentamento teórico metodológico em conjunto de situações problemas comuns, que estejam a desafiar as respectivas instituições educacionais, na formação e na atuação profissional docente (PIRES, 2012, p. 207).

Reforçamos o pensamento de que o estágio é a teoria operacionalizada na prática, é prática subsidiada de teoria e ainda de que, com o estágio, há uma qualificação na formação e na atuação docente, já que envolvemos nesse processo os acadêmicos, que estão em formação, e os profissionais que estão em atuação, ou seja é um espaço de atuação e formação recíproca.

## **CAPÍTULO 5: O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO – O que a legislação aponta?**

Ao trazermos a temática de estágio, sentimos a necessidade de apresentar um percurso histórico de legislações que foram decisivas na implantação e alterações dos estágios curriculares supervisionados nos cursos superiores de EF no Brasil, especialmente as resoluções mais recentes que estabeleceram as diretrizes para o funcionamento das licenciaturas e do curso de graduação em EF e que, especificamente, no que se refere aos estágios curriculares, apresentam divergências para serem operacionalizados, como veremos mais adiante e ainda algumas normatizações mais amplas que interferem na EF e até mesmo nos estágios de uma forma geral.

Para Benites, Souza Neto e Hunger (2008), quando falamos da origem dos cursos de Educação Física no Brasil no processo de formação profissional, logo se vincula à Marinha, Força Pública e Exército, especificamente utilizando os métodos ginásticos como o alemão, inicialmente, e posteriormente o francês.

Nas primeiras décadas do século XX aparecem os cursos de curta duração para formação prioritária de militares. Em 1929, o curso provisório de Educação Física ministrado pelo exército aceitou a inscrição de civis. Os autores ainda nos trazem que a década de 1930 foi marcada pelo surgimento de outras escolas como a criação da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) no Rio de Janeiro em 1933 pelo decreto 23.232, onde os civis também tiveram acesso ao curso. Nessa década também foi criada a Escola de Educação Física de São Paulo em 1934 e regulamentada a Escola de Educação Física da Força Pública do Estado de São Paulo (criada em 1909), com o decreto 7.688 em 1936.

Ainda nessa década, para além da área da EF, foi criado o Estatuto das Universidades Brasileiras, nele foi criada a Faculdade de Educação, Ciências e Letras que tinha como uma de suas funções, preparar pessoas para o magistério. Foram criados diversos cursos de bacharelado e incluído no decreto um curso de Didática de 1 ano objetivando a formação para o magistério, sendo esse esquema de formação o chamado “3+1” que ainda perdurou por várias décadas, o que não impactou diretamente na EF, pois ainda não existiam bacharelados em nossa área, mas consagrou esse esquema que futuramente viria a influenciar. Esse tipo de ensino mostrava a fragmentação dos conteúdos específicos e da formação pedagógica. (ANDRADE, RESENDE, 2010, p. 235.)

Com o Decreto-Lei nº 1.212<sup>18</sup> de 1939 foi criada na Universidade do Brasil a Escola Nacional de Educação Física e Desporto (ENEFD) que tinha como proposta o ensino dos seguintes cursos: a) Superior de Educação Física; b) Normal de Educação Física; c) Técnica Esportiva; d) Treinamento e Massagem e e) Medicina da Educação Física e dos Desportos. Esse Decreto citava as disciplinas que deviam ser ministradas em cada um desses anos, não existia a disciplina de estágio nem de Prática de Ensino, no entanto nos cursos Superior de Educação Física (realizado em 2 anos) e Normal de Educação Física (realizado em 1 ano), em seu rol de disciplinas já aparecia uma disciplina que apontava, pelo menos na nomenclatura, uma preocupação com o ensino, e acontecia nos 2 (dois) anos do curso, era a disciplina de Metodologia da Educação Física. (BRASIL, 1939, arts.2º, 3º e 4º).

Em 1945 surgem algumas alterações dos Cursos da ENEFD com o Decreto-Lei nº 8.270 de 1945<sup>19</sup>, que tinha como proposta o ensino dos seguintes cursos: a) Superior de Educação Física; b) Educação Física Infantil; c) Técnica Desportiva; d) Massagem e e) Medicina aplicada à Educação Física e aos desportos. O curso superior de Educação Física passou a ser realizado em 3 (três) anos e o de Educação Física Infantil em 1 (um) ano e o Decreto, assim como o anterior, citava as disciplinas que deviam ser ministradas em cada um desses anos. Continuava sem existir a disciplina de estágio e de Prática de Ensino, porém a disciplina de Metodologia da Educação Física fazia parte do rol de disciplinas e aparecia em todos anos, sendo no último ano Metodologia da Educação Física e dos Desportos. (BRASIL, 1945, art.2º e 3º).

Para Menezes e Santos (2001) em 1942 sob o comando do Ministro da Saúde e Educação do Brasil, Gustavo Capanema, é iniciada uma reforma do sistema educacional brasileiro, chamada de Reforma Capanema, em homenagem ao seu criador. Entre as reformas tivemos a organização do ensino industrial e secundário, a criação de alguns órgãos como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), o Instituto Nacional de Serviços Pedagógicos (INEP) e em 1946 é promulgada a Lei Orgânica do Ensino Normal<sup>20</sup>, que definia um único currículo para todos os estados, que poderiam ampliar ou fragmentar disciplinas previamente estabelecidas.

Para Martins e Curi, (2019) historicamente o conceito de estágio supervisionado é instituído no Brasil a partir dessa Lei Orgânica onde podemos observar que nos cursos de

---

<sup>18</sup> Decreto-Lei nº 1.212 de 17/04/1939, que cria na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos

<sup>19</sup> Decreto-Lei nº 8.270 de 03/12/1945, que altera disposições do Decreto-Lei nº 1.212 de 17 de abril de 1939.

<sup>20</sup> Decreto-Lei nº 8.530 de 02/01/1946, que organizou o ensino normal.

regentes de ensino primário (que tinha a duração de 4 anos) aparece, no rol de disciplinas, pela primeira vez, psicologia, pedagogia e didática e prática de ensino e no curso de formação de professores primários (que tinha a duração de 3 anos) as disciplinas de metodologia do ensino primário, prática de ensino, história e filosofia da educação e psicologia educacional, disciplinas de cunho mais pedagógico, mas que ainda eram minoria. As disciplinas de educação física e educação física, recreação e jogos estavam presentes nos dois cursos. (BRASIL, 1946, cap. I e cap. II)

Em 1961 foi promulgada a Lei nº 4024<sup>21</sup>, a 1ª LDB. Andrade e Resende (2010) afirmam que,

No período que compreende as décadas de 1950 e 1970, várias universidades federais foram criadas no Brasil, devido à descentralização do ensino superior e a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1961 – Lei No 4.024. Essa Lei não chegou a alterar a formação do professor. No decorrer da década de 1960, o sentido de prática presente era o “da prática como imitação de modelos teóricos existentes”. (p. 236)

Corroboramos com a ideia de Andrade e Resende (2010) de que a LDB de 1961 não tenha necessariamente tido um novo olhar para a formação dos professores, já que fica evidente que o sentido de prática, era extremamente tradicional, pois nele existia apenas uma reprodução de um modelo existente. Esse modelo de prática e o estágio nessa perspectiva fica evidente no texto a seguir,

A prática como imitação de modelos tem sido denominada por alguns autores como “artesanal”, caracterizando o modo tradicional da atuação docente, ainda presente em nossos dias. O pressuposto dessa concepção é que a realidade do ensino é imutável e os alunos que frequentam a escola também o são.

O estágio então, nessa perspectiva, reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa. (PIMENTA e LIMA, p.35-36, 2012).

Em 1962, o Parecer CFE 292/62 foi promulgado e pela primeira vez estabelecia a obrigatoriedade da prática de Ensino sob a forma de Estágio Supervisionado, entendido na época, como um componente curricular mínimo de formação docente. Antes da promulgação do Parecer, a Prática de Ensino não era obrigatória e era vista como tema de um programa e não de um objeto mínimo curricular. A Prática de Ensino sob a forma de Estágio Supervisionado deveria ser cumprido por todos os cursos de formação de professores da

---

<sup>21</sup> 1ª LDB para o Ensino de 1º e 2º grau, Lei nº 4.024 de 20/12/1961.



época. Esse Parecer complementava a obrigatoriedade de que os estágios fossem realizados em escolas da rede de ensino e teriam a duração de um semestre letivo e ainda definia as matérias pedagógicas teriam uma carga horária de 1/8 da duração do curso (ANDRADE e RESENDE, 2010; MARTINS e CURI, 2019). Iremos observar que a carga horária destinada ao estágio, de um semestre letivo, vai ao longo do tempo, tendo a sua carga horária ampliada, até os dias de hoje.

A partir de 1969<sup>22</sup>, o estágio supervisionado como componente obrigatório, passa a ter uma duração mínima de 5% da carga horária total do curso (MARTINS e CURI, 2019). Nesse mesmo ano<sup>23</sup>, o curso de graduação em Educação Física sofre uma reestruturação e passa a formar o licenciado em Educação Física e Técnico em Desportos, com uma carga horária de 1.800 horas, a ser desenvolvido no mínimo em 3 (três) anos e no máximo 5 (cinco) anos, com a definição de um currículo mínimo com matérias básicas e matérias profissionais, entre as matérias profissionais algumas eram chamadas de matérias pedagógicas. Observa-se nesse currículo uma grande concepção biológica e uma ênfase no “saber-fazer” (BENITES, SOUZA NETO e HUNGER, 2008). Por muitos anos essa concepção do “saber-fazer” norteou os currículos dos cursos de EF no Brasil, onde os alunos teriam que durante as aulas executar os movimentos corporais realizados nos diferentes esportes, nas danças, nas ginásticas e nas lutas e ser avaliados por essa execução, para essa concepção, o fato de serem excelentes executantes lhes conferia a certeza de serem excelentes professores.

Para Andrade e Resende (2010), em 1971 foi promulgada a Lei nº 5.692<sup>24</sup>, a 2ª LDB que modificou a nomenclatura de ensino primário, ginásio e colegial para 1º e 2º graus e deu ao ensino médio (na época 2º grau) um caráter profissionalizante e estabelecia que toda habilitação específica deveria ser obtida em um curso superior de graduação correspondente a licenciatura plena. Que era o caso da habilitação específica para ministrar EF.

A partir de 1972<sup>25</sup>, nos cursos Normais passou a aparecer, com mais evidência, uma preocupação com o ensino através da disciplina de didática que conduziria a prática de ensino sob a forma de estágio supervisionado, como observamos no que a legislação nos dizia,

A didática fundamentará a metodologia do ensino, sob o triplice aspecto de planejamento, de execução do ato docente – discente e de verificação da aprendizagem, conduzindo à prática de ensino e com ela identificando-se sob a forma de estágio supervisionado. Deverá a metodologia responder às indagações

---

<sup>22</sup> Parecer CFE nº 627 de 1969.

<sup>23</sup> Resolução CFE nº 69 de 1969.

<sup>24</sup> 2ª LDB para o Ensino de 1º e 2º grau, Lei nº 5.692 de 11/08/1971.

<sup>25</sup> Parecer CFE nº 349 de 06/04/1972 que trata do exercício do magistério em 1º grau, habilitação específica do 2º grau.

que irão aparecer na prática de ensino, do mesmo modo que a prática de ensino tem que respeitar o lastro teórico adquirido da metodologia. (BRASIL, 1972, art. 1º).

Para Pimenta (2012) os autores do Parecer 349/72 esperavam que as expressões que existiam em legislações anteriores e que mantinham uma imprecisão entre Didática, Metodologia Geral e Especial e prática de Ensino fossem solucionadas com a fusão entre elas, para a autora, na realidade, permaneceu a ambiguidade das disciplinas, pois muitos cursos deixavam de tratar Metodologia, pois a legislação falava em Didática que incluía a Prática de Ensino que era entendida como estágio.

Em 1996 é promulgada a Lei 9.394<sup>26</sup>, a mais atual Lei de Diretrizes e Bases Nacionais, que em seu Art.65 descrevia a carga horária de 300 horas, no mínimo, de Prática de Ensino. E no seu Art.82 descrevia ainda que os sistemas de ensino estabelecerão as normas para a realização dos estágios dos alunos. BRASIL, (1996, art. 65 e 82). Mais uma vez vemos, no percurso histórico do estágio um aumento significativo de sua quantidade de carga horária.

Para os cursos de Licenciatura em EF no Brasil, uma grande mudança surge a partir de 1987, quando o Conselho Federal de Educação institui a Resolução CFE nº 03<sup>27</sup>, onde se falou pela primeira vez em cursos de Educação Física na forma de Bacharelado e/ou Licenciatura.

Essa resolução afirmava que a formação dos profissionais de Educação Física seria em feita em curso de graduação que conferiria o título de Bacharel e/ou Licenciado em Educação Física. A carga horária foi ampliada passando de 1.800 para 2.880 horas-aula e a duração do curso passou para 4 (quatro) anos no mínimo e 7 (sete) anos no máximo. No que se refere ao estágio a resolução descrevia ainda que o Estágio Curricular, com duração mínima de um semestre letivo, será obrigatório tanto nas Licenciaturas como nos Bacharelados, devendo para estes, ser complementado com a apresentação de uma monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). (BRASIL, 1987, art. 1º, 4º e 5º).

Benites, Souza Neto e Hunger, (2008) nos mostram que muitos currículos no Brasil adotaram a perspectiva de licenciatura ampliada para que a formação não ficasse restrita à escola ou mesmo oferecesse apenas bacharelado, ainda que algumas tenham optado em separar um do outro.

Pretendia-se que todos os conhecimentos dessem maior legitimidade à profissão e nesse sentido os acadêmicos poderiam atuar nas áreas Escolar e Não Escolar. Essa perspectiva de currículo com Licenciatura ampliada foi adotada na ESEF-UPE em sua reestruturação

---

<sup>26</sup> Lei 9.394 de 20/12/1996, a mais atual Lei de Diretrizes e Bases Nacionais

<sup>27</sup> Resolução CFE nº 03 de 16/06/1987 que fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura).

curricular que foi implantada em 1990. Naquele momento o grupo que estruturou a reforma curricular, em reuniões com os professores que compunham os departamentos da Instituição optaram por adotar a perspectiva de uma licenciatura ampliada porque o coletivo ainda não tinha clareza das áreas de atuação do licenciado e do bacharel. Nesse sentido, os nossos acadêmicos atuaram dentro e fora da escola. O ECSO foi definido com 450 (quatrocentos e cinquenta) horas, sendo 225 (duzentos e vinte cinco) horas na Prática de Ensino 1 (destinado a área não escolar, aulas em clubes, academias e outros locais fora do ambiente escolar) e 225 (duzentos e vinte cinco) horas na Prática de Ensino 2<sup>28</sup> (destinado a área escolar, aulas de educação física na educação básica).

A partir de 2002 são instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores da educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena através da Resolução CNE/CP nº 01 de 18/02/02<sup>29</sup> e logo em seguida, através da Resolução CNE/CP nº 02 de 19/02/02<sup>30</sup> são instituídas 400 horas de estágio curricular supervisionado, ampliando em 100 horas a quantidade de carga horária que estava prevista na LDB, a partir do início da segunda metade do curso, sobre estágio a diretriz nos aponta que:

O estágio curricular supervisionado, definido por lei, a ser realizado em Escola de Educação básica, e respeitando o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir da segunda metade do curso e ser avaliado conjuntamente pela Escola formadora e a Escola campo de estágio (BRASIL, 2002, art. 13, § 3º).

Com essa Diretriz a área de atuação dos profissionais formados nos cursos de licenciatura passa a ser a docência do componente curricular EF nas diferentes etapas e modalidades da educação básica, diferente das licenciaturas pautadas na resolução anterior, onde os profissionais poderiam ter uma atuação plena em qualquer área da Educação Física, fosse escolar ou não escolar, se optassem pela perspectiva de licenciatura ampliada. Dessa vez os cursos não têm a opção de escolher uma licenciatura ampliada. Na ESEF-UPE com essa reestruturação curricular que foi implantada em 2005 passou a funcionar os 2 (dois) cursos paralelamente com entradas diferentes no vestibular, os cursos de Licenciatura e de Bacharelado em EF na UPE.

---

<sup>28</sup> Dados obtidos na Escolaridade da ESEF-UPE.

<sup>29</sup> BRASIL, Resolução CNE/CP nº 1 de 18/02/2002. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, de graduação plena.

<sup>30</sup> BRASIL, Resolução CNE/CP nº 2/02/2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura

Em 2004 a Resolução CNE nº 7<sup>31</sup> instituiu as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em EF, em nível superior de graduação plena, não tratando do termo Bacharelado (que estava presente na Resolução nº 03 de 16/06/1987), mas apenas de graduação em EF. Na área tem-se interpretado e usado o termo Bacharelado como equivalente ao termo Graduação da Diretriz, sendo desta forma definidos pelas IES no Brasil.

De acordo com Oliveira (2006) nas Diretrizes específicas para a educação física manteve-se o termo graduado, mas os diversos cursos existentes no país adotam a terminologia de bacharel, como apontado no primeiro documento encaminhado pela comissão de especialistas da área criada pela SESu ao CNE. (OLIVEIRA Apud RINALDI e PIZANI, 2012)

Para o graduado em Educação Física (bacharel) a diretriz não estabelece a educação básica como lócus de intervenção, mas campos que oportunizem a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas. Sobre estágio essa diretriz nos aponta que:

O estágio profissional curricular representa um momento da formação em que o graduando deverá vivenciar e consolidar as competências exigidas para o exercício acadêmico-profissional em diferentes campos de intervenção, sob a supervisão de profissional habilitado e qualificado, a partir da segunda metade do curso. (BRASIL, 2004, art. 10, § 2º).

Em 2008 foi sancionada a nova Lei que dispõe sobre o Estágio de estudantes,<sup>32</sup> que definiu, classificou e estabeleceu as relações entre estagiário e instituições no que concerne a oferta e acompanhamento de estágios, tanto em nível superior, como educação básica, tanto em modalidades regulares, como especiais ou profissionais. Essa Lei revogou as leis anteriores e estabeleceu que o estágio faz parte do PPC podendo ser obrigatório ou não obrigatório como nos mostra a Lei:

O estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção do diploma. O estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória (BRASIL, 2008, art. 2º, § 1º e § 2º)

A Lei de estágio de 2008, trouxe grandes avanços ao estágio nos aspectos estruturais, já que garante que a nomenclatura de estágio extracurricular não mais existe, tratando todos

---

<sup>31</sup> BRASIL, Resolução CNE/CP nº 7 de 31 de março de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física em nível superior de graduação plena.

<sup>32</sup> Lei nº 11.788 de 25/09/2008 dispõe sobre o estágio de estudantes e revoga as leis de estágios anteriores

os estágios como curriculares, já que fazem parte do currículo do aluno, além de determinar alguns pontos obrigatórios como: a assinatura do termo de compromisso, pelo estagiário, pela instituição de ensino e pelo concedente, a contratação de seguros contra acidentes pessoais, a realização do estágio em área afim do curso sob a supervisão de um profissional da área, um maior envolvimento da instituição do ensino com a presença do orientador, professor da instituição, que acompanhará o estagiário em lócus, o pagamento de uma bolsa e auxílio transporte e recesso de 30 (trinta dias) remunerado, quando se tratar de estágio não obrigatório.

Depois das Diretrizes das Licenciaturas em 2002 e do Bacharelado em 2004, apenas em 2015 é fixada uma nova Resolução que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura), e para a formação continuada, a Resolução n. 2, de 1 de julho de 2015.

As Resoluções anteriores que definiram as Diretrizes dos cursos de licenciatura, nº 1 e nº 2 de 2002, ficaram revogadas com essa nova Resolução. Os cursos de licenciatura precisaram se adequar a essa nova Resolução.

Os cursos de formação inicial de professores para a educação básica em nível superior, em cursos de licenciatura, organizados em áreas especializadas, por componente curricular ou por campo de conhecimento e/ou interdisciplinar, considerando-se a complexidade e multirreferencialidade dos estudos que os englobam, bem como a formação para o exercício integrado e indissociável da docência na educação básica, incluindo o ensino e a gestão educacional, e dos processos educativos escolares e não escolares, da produção e difusão do conhecimento científico, tecnológico e educacional, estruturam-se por meio da garantia de base comum nacional das orientações curriculares.

§ 1º Os cursos de que trata o caput terão, no mínimo, 3.200 (três mil e duzentas) horas de efetivo trabalho acadêmico, em cursos com duração de, no mínimo, 8 (oito) semestres ou 4 (quatro) anos, compreendendo:

I - 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, distribuídas ao longo do processo formativo;

II - 400 (quatrocentas) horas dedicadas ao estágio supervisionado, na área de formação e atuação na educação básica, contemplando também outras áreas específicas, se for o caso, conforme o projeto de curso da instituição; (BRASIL, 2015, art. 13, § 1º).

Essa Resolução que instituiu as Diretrizes das licenciaturas, mantém a carga horária do estágio supervisionado de 400 (quatrocentas) horas e não aumenta como vinha ocorrendo ao longo dos anos, não estabelece que o mesmo deva ocorrer a partir da segunda metade do curso, como era definido na Diretriz anterior. Os currículos de EF, organizam nessa estrutura de segunda metade do curso, tendo em vista a Resolução de 2004, do curso de graduação em EF,

Bacharelado, já falado anteriormente, porque nela determinava que as disciplinas de estágio acontecessem a partir da segunda metade dos cursos.

Uma nova Resolução das Licenciaturas foi, bem recentemente e mais uma vez, implementada revogando a Resolução anterior nº 2 de 2015, que ainda está em vigor por pelo menos 2 (dois) anos. A mais atual Resolução das Licenciaturas é a Resolução CNE/CP N° 2, de 20 de dezembro de 2019 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Essa nova Resolução também mantém, como a anterior, a carga horária total das licenciaturas de 3.200 (três mil e duzentas horas) e do estágio supervisionado de 400 (quatrocentas) horas.

Art. 10. Todos os cursos em nível superior de licenciatura, destinados à Formação Inicial de Professores para a Educação Básica, serão organizados em três grupos, com carga horária total de, no mínimo, 3.200 (três mil e duzentas) horas, e devem considerar o desenvolvimento das competências profissionais explicitadas na BNC-Formação, instituída nos termos do Capítulo I desta Resolução. Art. 11. A referida carga horária dos cursos de licenciatura deve ter a seguinte distribuição: I - Grupo I: 800 (oitocentas) horas, para a base comum que compreende os conhecimentos científicos, educacionais e pedagógicos e fundamentam a educação e suas articulações com os sistemas, escolas e práticas educacionais. II - Grupo II: 1.600 (mil e seiscentas) horas, para a aprendizagem dos conteúdos específicos das áreas, componentes, unidades temáticas e objetos de conhecimento da BNCC, e para o domínio pedagógico desses conteúdos. III - Grupo III: 800 (oitocentas) horas, prática pedagógica, assim distribuídas: a) 400 (quatrocentas) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da instituição formadora; e b) 400 (quatrocentas) horas para a prática dos componentes curriculares dos Grupos I e II, distribuídas ao longo do curso, desde o seu início, segundo o PPC da instituição formadora. (BRASIL, 2019, art. 10 e 11).

Essa nova Resolução das Licenciaturas, apesar de não diferenciar da anterior no aspecto de carga horária do curso e carga horária destinada para os estágios, difere muito quando estabelece que os conteúdos da BNCC façam parte dos currículos dos cursos de formação de professores, como podemos observar,

Art. 1º A presente Resolução define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação), constante do Anexo, (\*) Resolução CNE/CP 2/2019 a qual deve ser implementada em todas as modalidades dos cursos e programas destinados à formação docente. Parágrafo único. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Professores para a Educação Básica e a BNC-

Formação têm como referência a implantação da Base Nacional Comum Curricular da Educação Básica (BNCC), instituída pelas Resoluções CNE/CP nº 2/2017 e CNE/CP nº 4/2018.

Art. 2º A formação docente pressupõe o desenvolvimento, pelo licenciando, das competências gerais previstas na BNCC-Educação Básica, bem como das aprendizagens essenciais a serem garantidas aos estudantes, quanto aos aspectos intelectual, físico, cultural, social e emocional de sua formação, tendo como perspectiva o desenvolvimento pleno das pessoas, visando à Educação Integral. (BRASIL, 2019, Art. 1º e 2º)

Ainda falando um pouco sobre essa Resolução, fica claro para nós que nela a ideia da dicotomia teoria-prática, tão criticada por autores que estudam a formação profissional e estágio como Pimenta (2012), Pimenta e Lima (2012), Benites et (2012), ainda permanece e é ressaltada, vemos isso quando a Resolução afirma que pretende aliar a teoria e a prática e que isso se dará ao unir o professor da IES e da escola e a instituição formadora e o campo de atuação, desconsiderando que hoje os autores que discutem essa temática consideram a escola não só um campo de aplicação como também um campo de formação junto com a IES e que o pensamento de que as IES sejam os campos das teorias e as escolas os campos das aplicações práticas, já vem sendo questionado por diversos autores como vimos nos capítulos anteriores.

Art. 15. No Grupo III, a carga horária de 800 horas para a prática pedagógica deve estar intrinsecamente articulada, desde o primeiro ano do curso, com os estudos e com a prática previstos nos componentes curriculares, e devem ser assim distribuídas: 400 (quatrocentas) horas de estágio supervisionado, em ambiente de ensino e aprendizagem; e 400 horas, ao longo do curso, entre os temas dos Grupos I e II.

§ 1º O processo instaurador da prática pedagógica deve ser efetivado mediante o prévio ajuste formal entre a instituição formadora e a instituição associada ou conveniada, com preferência para as escolas e as instituições públicas.

§ 2º A prática pedagógica **deve, obrigatoriamente, ser acompanhada por docente da instituição formadora e por 1 (um) professor experiente da escola onde o estudante a realiza, com vistas à união entre a teoria e a prática e entre a instituição formadora e o campo de atuação.**

§ 3º A prática deve estar presente em todo o percurso formativo do licenciando, com a participação de toda a equipe docente da instituição formadora, devendo ser desenvolvida em uma progressão que, partindo da familiarização inicial com a atividade docente, conduza, de modo harmônico e coerente, ao estágio supervisionado, no qual a prática deverá ser engajada e incluir a mobilização, a integração e a aplicação do que foi aprendido no curso, bem como deve estar voltada para resolver os problemas e as dificuldades vivenciadas nos anos anteriores de estudo e pesquisa.

§ 4º As práticas devem ser registradas em portfólio, que compile evidências das aprendizagens do licenciando requeridas para a docência, tais como planejamento, avaliação, conhecimento do conteúdo.

§ 5º As práticas mencionadas no parágrafo anterior consistem no planejamento de sequências didáticas, na aplicação de aulas, na

aprendizagem dos educandos e nas devolutivas dadas pelo professor (BRASIL, 2019, Art. 15, grifo nosso).

Sendo assim, ao elaborarmos um PPC de Licenciatura em EF, precisamos olhar as duas Diretrizes, a do curso específica e das Licenciaturas, que precisam estar em consonância.

Também recentemente, em 2018, uma nova Resolução<sup>33</sup> instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física, substituindo a Resolução anterior de 2004 que foi revogada, essa Resolução traz uma grande mudança para os cursos de EF já que agora o curso será único de graduação em EF, com uma mesma entrada para Licenciatura e Bacharelado, tendo uma carga horária de 3.200 horas, com uma etapa comum de 1.600 horas e uma etapa específica de 1.600 horas. Na etapa específica o acadêmico definirá, de acordo com os critérios estabelecidos pela IES, se irá ter sua formação específica em Licenciatura ou Bacharelado em Educação Física, podendo a carga da instituição oferecer a dupla formação.

Art. 5º Dada a necessária articulação entre conhecimentos, habilidades, sensibilidade e atitudes requerida do egresso para o futuro exercício profissional, a formação do graduado em Educação Física terá ingresso único, destinado tanto ao bacharelado quanto à licenciatura, e desdobrar-se-á em duas etapas, conforme descrição a seguir:

I - Etapa Comum - Núcleo de estudos da formação geral, identificador da área de Educação Física, a ser desenvolvido em 1.600 (mil e seiscentas) horas referenciais, comum a ambas as formações.

II - Etapa Específica - Formação específica a ser desenvolvida em 1.600 (mil e seiscentas) horas referenciais, na qual os graduandos terão acesso a conhecimentos específicos das opções em bacharelado ou licenciatura.

§ 1º No início do 4º (quarto) semestre, a Instituição de Educação Superior deverá realizar uma consulta oficial, por escrito, a todos os graduandos a respeito da escolha da formação que pretendem seguir na Etapa Específica - bacharelado ou licenciatura - com vistas à obtenção do respectivo diploma, ou, ao final do 4º (quarto) semestre, definir sua escolha mediante critérios pré-estabelecidos; (BRASIL, 2018, art. 5º, §1º)

Art. 30 As Instituições de Educação Superior poderão, a critério da Organização do Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Educação Física, admitir, em observância do disposto nesta Resolução, a dupla formação dos matriculados em bacharelado e licenciatura (BRASIL, 2018, art. 30).

Na formação específica da Licenciatura em EF, dessa vez essa nova legislação traz um aumento da carga horária destinada ao Estágio Supervisionado e agora um aumento considerado bastante substancial.

---

<sup>33</sup> Resolução nº 6 de 18/12/2018, instituiu as Diretrizes Curriculares nacionais dos cursos de graduação em Educação Física



Art. 11 As atividades práticas da etapa específica da Licenciatura deverão conter o estágio supervisionado, bem como outras vinculadas aos diversos ambientes de aprendizado escolares e não escolares.

§ 1º O estágio deverá corresponder a 20% das horas referenciais adotadas pelo conjunto do curso de Educação Física ao aprendizado em ambiente de prática real, e deverá considerar as políticas institucionais de aproximação ao ambiente da escola e às políticas de extensão na perspectiva da atribuição de habilidades e competências.

§ 2º O estágio deverá expressar e integrar o conjunto de atividades práticas realizadas ao longo do curso e ser oferecido, de forma articulada, com as políticas e as atividades de extensão da instituição com curso.

§ 3º Os graduandos em atividades de estágio deverão ter seu desempenho e aproveitamento avaliado por metodologia própria desenvolvida no âmbito do Projeto Pedagógico Curricular do Curso e do Projeto Institucional.

Art. 12 A etapa específica da Licenciatura em Educação Física deverá desenvolver, além do estágio, outras atividades práticas como componente curricular, distribuídas ao longo do processo formativo (BRASIL, 2018, art. 11º e art. 12º, §1º §2º §3º).

#### O mesmo acontecendo com a formação específica do Bacharelado em EF.

Art. 22 As atividades práticas da formação específica do Bacharelado deverão conter o estágio supervisionado de 20% das horas referenciais adotadas pelo conjunto do curso de Educação Física, oferecido na área de bacharelado.

§ 1º O estágio deverá corresponder ao aprendizado em ambiente de prática real, considerando as políticas institucionais de aproximação a ambientes profissionais e as políticas de extensão na perspectiva da atribuição de habilidades e competências.

§ 2º O estágio deverá expressar etapas de práticas anteriores de aproximação ao ambiente profissional e ser oferecido de forma articulada com as políticas e as atividades de extensão da instituição junto ao curso.

§ 3º Os graduandos, em atividades de estágio, deverão ter seu desempenho e aproveitamento avaliado por metodologia própria desenvolvida no âmbito do Projeto Pedagógico Curricular do Curso e do Projeto Institucional.

Art. 23 A formação específica do Bacharelado deverá desenvolver, além do estágio, outras atividades práticas como componente curricular, distribuídas ao longo do processo formativo (BRASIL, 2018, art. 22º e art. 23º, §1º §2º §3º).

Enfim chegamos aos dias de hoje. Em virtude dos Cursos de Graduação em Educação Física, a partir dessa nova Resolução, possuir uma carga horária de 3.200 horas e a exigência de 20% dessa carga horária para os estágios supervisionados, passamos a ter um grande aumento da carga horária destinada a esses estágios de 400 (quatrocentas) horas nas resoluções anteriores, tanto das licenciaturas como a específica da EF, para 640 (seiscentas e quarenta) horas em ambos os cursos. Pela Resolução essa carga horária deve ser cursada nas etapas específicas de cada curso.

Embora o objeto de estudo desse trabalho seja o curso de Licenciatura em EF, foi necessário trazer a referência da legislação não só das Licenciaturas como também da especificidade da área, Educação Física, onde podemos observar a obrigatoriedade do estágio

e um expressivo e significativo aumento da carga horária destinada aos estágios supervisionados.

Diante de toda essa trajetória legal, além do aumento significativo da carga horária destinada aos ECSO, temos também um outro impasse, o curso de Licenciatura em Educação Física em sua estruturação no que concerne a organização dos ECSO, deverá utilizar a carga horária definida nas Diretrizes das Licenciaturas, que ainda está em vigência, que são de 400 (quatrocentas) horas, ou nas Diretrizes específica da área, Educação Física, que determina 640 (seiscentos e quarenta) horas?

Pela nossa vivência à frente da Coordenação do Estágio e conseqüentemente responsável pela organização dos estágios, por mais de duas décadas, entendemos ser muito difícil organizar a estrutura de um estágio com essa quantidade de carga horária, exclusivamente na formação específica como está definido na Resolução de EF em seu Art.11º. No entanto, na etapa comum em seu Art. 8º traz um indicativo que acreditamos ser uma alternativa para a antecipação da realização de parte da carga horária dos estágios para a etapa comum, em forma de estágio de observação, essa antecipação, facilitaria para as IES que quiserem fazer uma dupla formação, com os cursos de Licenciatura e Bacharelado, pois ao diluir parte da carga horária de estágio na etapa comum, poderia ser 240 (duzentos e quarenta horas), ficariam as 400 horas para as etapas específicas de cada curso<sup>34</sup>, e ainda para que o acadêmico pudesse ter contato com o campo de trabalho através de disciplinas conforme descrito na Resolução.

Art. 8º A etapa comum deverá proporcionar atividades acadêmicas integradoras tais como:

a) nivelamento de conhecimentos aos ingressantes por meio de processo avaliativo e acolhimento próprio.

b) **disciplinas de aproximação ao ambiente profissional de forma a permitir aos estudantes a percepção acerca de requisitos profissionais, identificação de campos ou áreas de trabalho e o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas interativas com espaços profissionais, inclusive escolas de educação básica e média.**

Parágrafo único. As instituições, no âmbito de suas políticas institucionais curriculares, deverão desenvolver as atividades acima, preferencialmente, em 10% da carga horária adotada na etapa comum (BRASIL, 2018, Art. 8º, grifo nosso).

---

<sup>34</sup> Esta ideia tem sido debatida nos Núcleos Docentes Estruturantes dos cursos de graduação da ESEF-UPE e pela Divisão de Apoio Técnico-Pedagógico durante o processo de reformulação curricular em andamento na ESEF-UPE.

Nesta ainda aparece a necessidade de conciliar com os demais componentes curriculares e com as outras atividades inerentes ao ensino superior como atividades de extensão, pesquisa, de iniciação científica e atividades outras.

## **CAPÍTULO 6. O CAMPO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ESEF-UPE**

Na ESEF-UPE, assim como em outras IES, temos a presença de 2 (dois) tipos de Estágio, como previsto na legislação e já abordado anteriormente, ambos são considerados curriculares, já que integram o currículo de todos. Um possui um caráter obrigatório e será cursado por todos os acadêmicos, pois se trata de disciplinas obrigatórias e conseqüentemente estará presente em seu histórico escolar na grade das disciplinas cursadas e com a carga horária integralizada em seu currículo. O outro possui um caráter não obrigatório e será cursado por alguns acadêmicos que optarem por realizar esse tipo de Estágio, ele estará presente no histórico escolar dos acadêmicos nas atividades complementares e no seu currículo pessoal como experiência no campo profissional.

O objeto de investigação dessa pesquisa foi o Estágio obrigatório da ESEF-UPE, que possui como carga horária total atualmente 468 (quatrocentos e sessenta e oito) horas, atendendo as Resoluções das Licenciaturas<sup>35</sup> e da Educação Física<sup>36</sup> e ambas estabeleciam a carga horária para a realização dos ECSO de no mínimo 400 horas. Na ESEF optamos por dividir os estágios em 3 (três) semestres, no 5º (quinto) período temos a disciplina de Prática de Ensino – Estágio Supervisionado 1 com um total de 126 (cento e vinte e seis) horas, distribuídas entre 36 (trinta e seis) horas para a sala de aula e 90 (noventa) horas para o estágio, que tem um caráter de observação; no 6º (sexto) período temos a disciplina de Prática de Ensino – Estágio Supervisionado 2 com um total de 144 (cento e quarenta e quatro) horas, distribuídas entre 36 (trinta e seis) horas para a sala de aula e 108 (cento e oito) horas para o estágio, que tem um caráter de intervenção; e no 7º (sétimo) período temos a disciplina de Prática de Ensino – Estágio Supervisionado 3 com um total de 198 (cento e noventa e oito) horas, distribuídas entre 36 (trinta e seis) horas para a sala de aula e 162 (cento e sessenta e duas) horas para o estágio, que também tem um caráter de intervenção.

---

<sup>35</sup> Resolução CNE/CP nº 01 de 18/02/2002. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.**

Resolução CNE/CP nº 02 de 19/02/2002. **Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.**

Resolução CNE/CP nº 02 de 20/12/2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação)

<sup>36</sup> Resolução CNE/CP nº 07 de 31/03/2004. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física em nível superior de graduação plena.**

Resolução nº 6 de 18/12/2018, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Educação Física

Para melhor compreender esse campo do Estágio na ESEF-UPE, trouxemos os documentos que norteiam sua organização: o PPC do curso de Licenciatura, o regulamento do estágio, o plano de ensino da disciplina de Estágio e os relatórios dos estagiários que participaram da entrevista.

### **6.1 – O estágio contido nos documentos: O PPC, o regulamento do estágio, o plano de ensino e os relatórios dos estagiários.**

#### **O PPC DA ESEF-UPE**

Antes de nos atermos ao PPC do curso precisamos esclarecer que atualmente o curso de LEF da ESEF-UPE funciona com 2 (dois) currículos atrelados a 2 (dois) PPCs distintos. Um que teve seu processo de renovação de reconhecimento a partir do Parecer CEE/PE Nº 01 de 12 de abril de 2004 que atendeu às Resoluções das Licenciaturas CNE/CP nº 01 e 02 de 2002 e a Resolução nº 07 de março de 2004 que trata da formação do graduado em EF, implantado a partir do primeiro semestre de 2005, currículo que estamos analisando nesse estudo. O segundo PPC teve seu processo de renovação de reconhecimento em partir da Parecer CEE/PE Nº 01 de 03 de julho de 2017 que atendeu à uma outra Resolução das Licenciaturas CNE/CP nº 02 de julho de 2015, implantado a partir do segundo semestre de 2018 e que atualmente encontra-se no 4º período e dessa forma as disciplinas de ECSO ainda não foram oferecidas e portanto não podem ser avaliadas. A nova Resolução das Licenciaturas de 2019, por ser muito recente, ainda está em discussão para futuras reformas curriculares

O curso de LEF da ESEF-UPE que analisamos nesse estudo possui uma carga horária de 2.934 (duas mil novecentos e trinta e quatro) horas, e essa inclui todas as disciplinas, inclusive as de ECSO. O curso é diurno e acontece em regime de créditos que serão distribuídos em 7 (sete) semestres. A grade curricular é composta por créditos teóricos e práticos na razão de 1 crédito para 18 horas. Anualmente são oferecidas 70 (setenta) vagas, sendo duas entradas de 35 (trinta e cinco) vagas.

Como forma de ingresso, inicialmente tínhamos dois processos seletivos de vestibular próprios: o vestibular tradicional e o Sistema Seriado de Avaliação (SSA), que o aluno realiza ao final de cada ano do ensino médio. Essa segunda forma permanece, mas o vestibular tradicional foi extinto com a adesão da UPE ao SISU (Sistema de Seleção Unificada), desde 2016. O SISU oferece vagas aos cursos de graduação das IES que aderirem ao seu sistema através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), atualmente na UPE o ingresso é feito pelo SSA e pelo SISU.

Nesse PPC, no que se refere a formação dos alunos, almeja-se:

Formar, um graduado competente para agir pedagogicamente em diferentes tempos e espaços sociais com as mais distintas expressões da Cultura do Movimento Humano, para que este, por sua vez, ofereça à sociedade bens sociais/humanos que favoreçam os sujeitos a serem usuários ativos e críticos de tais expressões desta cultura. E ainda se tem a compreensão de que a atuação do Licenciado em EF, nos diversos tempos e espaços sociais, se caracterize, essencialmente, por um agir pedagógico (PERNAMBUCO, 2004, p. 62).

O objeto de estudo do curso é a Cultura de Movimento e se considera “o movimento humano como uma cultura de movimentos em geral, sendo uma ação de sujeitos vinculada a uma determinada situação e relacionada a um significado que, no mundo das crianças, jovens, adultos e idosos adquirem sempre uma forma de um “compreender-o-mundo-pelo-agir”. A ideia central se concentra no homem que se movimenta e não, no movimento do homem em si (Kunz, 1998, p. 8-9)”. (PERNAMBUCO, 2004, p. 8).

Destacamos como objetivos do PPC:

- Formar professores para atuar na Educação Básica;
- Propiciar a apropriação de conhecimentos na área da educação e áreas afins, através de disciplinas sínteses;
- Articular os eixos estruturantes, de forma a permitir aos futuros licenciados a visão de totalidade do fenômeno educativo;
- Viabilizar a Prática Pedagógica como norteadora da construção do conhecimento;
- Garantir a iniciação científica por meio de projetos, do estágio e do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O egresso da Licenciatura apresenta como perfil no PCC uma busca constante da relação teoria-prática dos conhecimentos, atuando na sociedade brasileira democrática de forma crítica e criativa e na prática pedagógica da Educação Física Escolar, compreendendo o papel social da escola, para isso é necessário que domine conteúdos, bem como, seus significados em diferentes contextos articulando-os nos diferentes níveis de escolarização e ainda que possa compreender e utilizar os procedimentos científicos de investigação.

O PPC da LEF, objeto de nosso estudo, toma como centralidade a oferta do que chamam de disciplinas-sínteses, nas quais uma maior carga horária concentra conteúdos de uma amplitude de dimensões em torno de uma especificidade de conhecimento e sendo regida por mais de um docente, por exemplo a disciplina de Fundamentos Teóricos-Metodológicos do Ensino da Educação Física na Educação Infantil e primeiro segmento do ensino fundamental,

de 180 semestrais, 10 horas semanais, onde vislumbra estudos da dimensão filosófica, sociológica, pedagógica sobre a infância e entra nos estudos sobre a escola e o ensino da EF.

O PPC trabalha na lógica do desenvolvimento de competências e habilidades de diferentes ordens, tais como: compreensão dos sistemas de ensino e do processo de construção do conhecimento; discernimento dos problemas educacionais, psicossociais e culturais; superação da exclusão social; uso de uma gama de manifestações da cultura de movimento historicamente produzidas; estudos de práticas pedagógicas adequadas aos portadores de necessidades especiais; atuação com jovens fora de faixa; articulação com as diversas áreas do conhecimento e relação com o tripé ensino-pesquisa-extensão como tripé; reconhecimento dos diferentes níveis de escolarização; uso das tecnologias da informação e da comunicação; exercício com uma postura ética; defesa de uma sociedade democrática; articulação do planejamento, execução e avaliação com a proposta pedagógica da escola.

Pudemos observar no PPC fundamentos e princípios do currículo nos aspectos da verticalidade, horizontalidade, transversalidade, abrangência e flexibilidade. No aspecto da verticalidade a relação teoria-prática deve permear todo o curso e os conhecimentos da cultura de movimento devem ser aplicados nos contextos da educação, saúde, esporte e lazer. No aspecto da horizontalidade o desenvolvimento dos conhecimentos das áreas de formação básica, formação específica e aprofundamento. No aspecto da transversalidade todos os contextos devem perpassar toda a preparação acadêmico-profissional. No aspecto da abrangência é importante um diálogo entre o tripé da Universidade, ensino, pesquisa e extensão e um tutoramento, sempre que possível das práticas pedagógicas e profissionais, do TCC e dos estágios. No aspecto da flexibilidade a opção por ter disciplinas que discutam temas da contemporaneidade e possa ter aproveitamento de estudos de outras áreas e locais.

A licenciatura almeja a formação do licenciado em docência na educação básica, com campo de atuação em escolas públicas e privadas, que ofereçam a educação básica.

O currículo compreende uma dinâmica para uma formação básica inicial sólida, voltada ao conhecimento clássico da formação do professor e da Educação Física, observando as primeiras aproximações ao sistema educacional brasileiro, cabendo ao conhecimento específico estabelecer as intervenções neste sistema, na educação infantil, ensinos fundamental e médio.

O cenário educacional atual exige docentes que tenham o compromisso de articular e mediar as aprendizagens da área, compreendendo as diversidades do processo de construção de uma sociedade contraditória, utilizando-se de novas metodologias e tecnologias do desenvolvimento de projetos individuais e coletivos.

Na Matriz Curricular para integralizar as 2.934 horas os componentes curriculares são distribuídos em 7 (sete) períodos. No 1º (primeiro) período são 6 (seis) disciplinas, no 2º (período) são 5 (cinco) disciplinas, no 3º (terceiro) período são 7 (sete) disciplinas, no 4º (quarto) período são 4 (quatro) disciplinas, no 5º (quinto) período são 4 (quatro) disciplinas, no 6º (sexto) período são 4 (quatro) disciplinas e no 7º (sétimo) período são 3 (três) disciplinas. As disciplinas dos estágios acontecem nos 5º (quinto), 6º (sexto) e 7º (sétimo) períodos, como dito anteriormente. Existem 6 (seis) disciplinas de aprofundamento, além das disciplinas de aprofundamento que estão descritas na matriz curricular do currículo do bacharelado e que são comuns aos dois cursos. Para a integralização da carga total temos também as atividades complementares.

Os ECS serão realizados em locais de campo de atuação do licenciado, sob a orientação de um professor da área. Como já descrevemos anteriormente poderão ser: Curricular Obrigatório, aqueles que fazem parte da integralização da carga horária total do curso, sendo realizados por todos os acadêmicos e Curricular não Obrigatório, aqueles que não fazem parte no cômputo dos créditos cursados e não são realizados por todos os acadêmicos, ele é opcional.

As atividades complementares têm uma carga horária de 216 (duzentos e dezesseis) horas e são aproveitamentos de estudos que devem ser realizados pelos acadêmicos desde o 2º (segundo) período, são atividades de ensino, pesquisa e extensão na área específica e/ou em áreas de vinculação direta com os programas de licenciatura. Essa carga horária deverá integralizar a carga horária total do curso.

O processo de avaliação dos componentes curriculares está em consonância com o proposto no Regimento da Universidade de Pernambuco. Nas disciplinas está previsto uma integralização da carga horária mínima possível e são atribuídas notas. Nos Estágios obrigatórios também está previsto uma integralização de carga horária e atribuição de notas. Nas Atividades complementares apenas a integralização da carga horária, de acordo com a norma específica presente no PPC. E para o TCC a integralização da carga horária mínima possível e são atribuídas notas.

Na avaliação, em cada componente curricular, é necessário que o acadêmico tenha uma frequência mínima obrigatória de 75% das aulas teóricas ou práticas, computadas separadamente. Em relação as notas, serão diferentes instrumentos ao longo do semestre e para disciplina, no mínimo, 2 (duas) avaliações por semestre. As notas serão dadas de 0 (zero) a 10 (dez), sendo a nota para aprovação por média 7 (sete), os acadêmicos que não alcançarem essa nota e que possuírem média igual ou superior a 3 (três), deverão participar do exame final que tem média 5 (cinco).



O PPC traz ainda toda a estrutura dos cursos de pós-graduação Lato Sensu e Stricto Sensu, bem como, uma descrição de suas instalações, acervo da biblioteca, os laboratórios existentes, Programas e Projetos de extensão e todos os programas dos componentes curriculares.

Pudemos observar que o PPC de um Curso traz toda sua sistematização e organização curricular, é importante que ele seja construído de acordo com as Diretrizes que regem o curso, no caso da Licenciatura em EF, as Diretrizes das Licenciaturas e de EF, mas também mantenha suas particularidades e necessidades construídas pelo coletivo de professores e alunos que precisam trazer suas necessidades e adequar à realidade.

## **O REGULAMENTO DO ESTÁGIO**

O ECSO possui um regulamento que foi elaborado pela coordenação de estágio junto à professores que eram ligados de alguma forma aos estágios, ou eram professores de sala ou realizavam a supervisão ou mesmo, quiseram contribuir com essa elaboração. Temos um regulamento para o estágio do Curso de Bacharelado e outro para o Curso de Licenciatura, que será nosso objeto de descrição.

O documento foi organizado em 4 (quatro) capítulos e 11 (onze) artigos, neles estão descritas toda a dinâmica de organização das disciplinas de Prática de Ensino, Estágio Supervisionado 1, 2 e 3, que possui suas cargas horárias já descritas anteriormente no PPC do Curso. As disciplinas de Estágio possuem um professor responsável pelas atividades de sala de aula que ministra 2 (duas) aulas semanais e são responsáveis pela organização, distribuição e acompanhamento assistemático dos alunos nos locais de estágio e professores supervisores que serão professores de EF que deverão acompanhar, orientar e avaliar os estagiários nas escolas de educação básica, o lócus da intervenção profissional. O Estágio visa oferecer aos alunos oportunidades de vivenciar as atividades específicas do ciclo docente: planejamento, aplicação e controle do processo ensino-aprendizagem da Educação Física na educação infantil, no ensino fundamental e médio.

No Estágio 1, por ser um estágio de observação, os acadêmicos reconhecem o campo de aplicação profissional e da prática pedagógica, ela é pré-requisito para as demais disciplinas de Estágio. Nos Estágios 2 e 3, que são estágios de intervenção, irão intervir didático e metodologicamente no campo profissional, com atividades de planejamento, regência e avaliação das aulas de EF na escola de educação básica. Essas disciplinas não são pré-requisitos e podem ser cursadas concomitantemente ou separadamente sem necessariamente ter que cursar

a 2 e depois a 3, essa ordem pode até ser inversa. Os acadêmicos que cursam as disciplinas de Estágio devem atender aos pré-requisitos que as disciplinas pedem e que estão no PPC do curso. As cargas horárias das disciplinas já foram descritas anteriormente e sua aprovação está vinculada à realização das tarefas solicitadas pelo professor de sala, ao cumprimento da carga horária e a nota recebida nos estágios.

É importante que esse regulamento seja sempre revisitado, não só nos momentos de reformas curriculares, como também sempre que professores e estagiários necessitarem uma reformulação desse regulamento, percebida a partir das suas vivências.

## **PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA PRÁTICA DE ENSINO-ESTÁGIO SUPERVISIONADO 2**

O plano de ensino que será apresentado se refere a disciplina que trata do Estágio 2 em 2018.2, pois foi a professora dessa disciplina que entrevistamos, como pré-requisito a disciplina apresenta duas disciplinas, a Prática de Ensino-Estágio Supervisionado 1 e Fundamentos Teórico-metodológico da Educação Física 1 (que trata do ensino na educação infantil e fundamental 1).

Nele a professora justificou a disciplina no Currículo do Curso de Licenciatura em EF para uma prática que envolva o saber pedagógico, o saber científico, o saber político e o social e possa orientar e acompanhar as atividades de iniciação à regência dos alunos do curso de Licenciatura em Educação Física, em turmas de Educação Infantil e do 1º segmento do Ensino Fundamental, criando condições para que os mesmos desenvolvam uma visão global da organização do trabalho pedagógico.

Fica claro na ementa da disciplina as vivências nas aulas de EF das escolas de educação básica. Nos objetivos, geral e específicos, a prática pedagógica fica evidenciada, bem como, a elaboração e aplicação de planos em aulas de EF escolar. Nos conteúdos sentimos uma superposição com as disciplinas de didática e de Fundamentos da EF 1, embora a professora em sua entrevista tenha colocado a necessidade de tratar esses conteúdos como uma solicitação dos alunos.

O cronograma da disciplina só tem as atividades de sala de aula, já que os acadêmicos fizeram seus estágios em locais, dias e horários diferentes e possuem cronogramas específicos cada um.

Utilizou recurso materiais inerentes às aulas realizadas em sala de aula, mas também como faz algumas vivências práticas relaciona materiais usados nessas vivências. Para a avaliação a professora apresenta uma divisão para a I e II unidades. A nota da I Unidade será

composta por: a nota do supervisor + a nota da sala (apresentação do local de estágio + trazer todos os planos de aula assinados pelo professor até aquela data e os diários + 1ª versão do plano de ensino). Na II Unidade será: nota do supervisor + a nota da sala (apresentação das melhores práticas + trazer todos os planos e o diário de aula + Relatório Final de Estágio).

Nas referências foram utilizados livros das décadas de 1980 e 1990, alguns de fato são clássicos e inerentes ao trabalho, mas acreditamos que a utilização de obras mais atuais poderia qualificar mais a disciplina.

## **OS RELATÓRIOS DOS ESTAGIÁRIOS**

Iremos aqui nos referir aos relatórios apresentados pelos 4 (quatro) estagiários que foram selecionados para a entrevista, após responderem ao questionário. Esses relatórios são entregues por todos os estagiários ao final das disciplinas de Estágios 1, 2 e 3, nesse caso iremos nos repostar ao Estágio 2 que foi realizado em 2018. 2.

A estagiária 1 realizou seu estágio em dupla em uma escola particular, apresentou todos os planos de aula, não apresentou o plano de ensino, apresentou as fichas de frequência e avaliação e trouxe no texto do relatório a identificação, histórico e composição da administração da escola e da supervisora, os 2 (dois) estagiários realizaram uma breve descrição de suas experiências no estágio, especificamente a estagiária 1 apresentou algumas dificuldades sentidas no início do estágio por ter encontrado resistência com a supervisora e os alunos pela sua forma de organizar as aulas. Embora tenha trabalhado com o conteúdo esporte, organizou diferentes modalidades com hierarquizações dos fundamentos, tratando inclusive o conteúdo natação, ao final conseguiu superar suas dificuldades reconhecendo a importância da presença da supervisora no seu estágio.

O estagiário 2 realizou seu estágio de forma individual em uma escola particular, apresentou todos os planos de aula, o plano de ensino, as fichas de frequência e avaliação e trouxe seu texto em forma de relato de experiência, apresentando além dos dados da instituição e do supervisor, algumas dificuldades sentidas no aspecto da EF, particularmente por não ser muito reconhecida na escola, porém isso não desqualificou seu estágio, e conseguiu ao final de seu estágio, conquistar ao alunos no sentido de organizar as aulas com conteúdos planejados. O que no início foi bem difícil, pois os alunos estavam acostumados com aulas livres em parte da aula. Também faz uma comparação com os estágios de observação que em parte foi realizado na mesma escola, destacando que o fato dos alunos já o conhecerem foi decisivo para uma melhor aceitação de suas aulas. Reconhece que tem um perfil diferente do supervisor, mas que

com sua experiência trouxe para ele grandes contribuições. Conclui seu relato destacando como é difícil a profissão docente, mas que com o estágio pode confirmar sua vocação profissional.

O estagiário 3 realizou seu estágio em trio em uma escola particular, apresentou todos os planos de aula, o plano de ensino, as fichas de frequência e avaliação e ainda trouxe um diário das aulas com pequenas descrições das aulas ministradas, trouxe no texto do relatório a identificação, histórico e organização administrativa da escola, os 3 (três) estagiários realizaram um relato de suas experiências vividas nesse estágio, o estagiário 3 apresentou que os conteúdos trabalhados foram jogos e esporte onde foi abordado a origem, os fundamentos e as regras básicas, descreve ainda como positivo seu estágio no sentido de superar os obstáculos surgidos pela sua inexperiência na ação docente e aponta que a supervisora ajudou muito nesse momento do estágio.

A estagiária 4 realizou seu estágio de forma individual em uma escola particular, não apresentou os planos de aula, porém no cronograma do plano de ensino ela descreveu os conteúdos e as atividades realizadas. Apresentou o plano de ensino, as fichas de frequência e avaliação, em seu relatório além dos dados de identificação, histórico e organização administrativa da escola, destacou a importância de ter realizado o estágio de observação nessa escola, a importância do supervisor em seu estágio que passou segurança e deu muita liberdade para que pudesse ministrar as aulas sem fugir do conteúdo determinado pela escola (jogos populares brasileiros), ao final relatou que recebeu elogios do supervisor e coordenação da escola quanto à sua atuação no estágio.

Todos os 4 (quatro) estagiários destacaram em seus relatos como foi positivo seus estágios e o fato de terem a presença de 1 (um) supervisor experiente para que pudessem auxiliar no processo ensino-aprendizagem.

## **6.2 O estágio na visão de estudantes de uma turma: descrevendo dados do questionário**

Na aula da disciplina prática de ensino- estágio supervisionado 3, no dia 07 de novembro de 2018, foi explicado em linhas gerais do que se tratava a pesquisa e solicitou dos alunos presentes que colaborassem com a pesquisa, respondendo ao questionário, relacionando suas respostas ao Estágio 2 que foi realizado no semestre anterior, 2018.1, bem como, que lessem e assinassem o TCLE. Nesse dia, dezoito alunos estavam presentes e todos responderam ao questionário entregue. Os demais alunos responderam em outros momentos, mas em todas as vezes o pesquisador usou o mesmo procedimento de explicar a pesquisa e solicitar a assinatura do TCLE, antes de responder ao questionário: um aluno respondeu no dia 09 de novembro de 2018, dois alunos responderam no dia 13 de novembro de 2018, quatro alunos

responderam no dia 20 de novembro de 2018, um aluno no dia 25 de novembro de 2018 e um aluno no dia 12 de dezembro de 2018.

Aqui apresentamos os resultados coletados a partir da aplicação do questionário com os 27 (vinte e sete) acadêmicos de uma turma de estágio. Inicialmente descrevemos o perfil desses estagiários e a estrutura por eles citadas. Posteriormente descrevemos como compreendem e o quão e como importante reconhecem o estágio.

O estagiário mais jovem tem 21 anos e o mais velho tem 33 anos. Do total de entrevistados, catorze são do gênero feminino e treze do gênero masculino. No questionário há uma identificação com nome, idade, fone com WhatsApp, e-mail, idade e data que respondeu ao questionário, essa identificação foi importante pois como selecionaríamos os estagiários para a entrevista, esse contato se fazia imprescindível. Apenas cinco estagiários realizaram o estágio na escola pública, sendo que três fizeram o estágio na mesma escola, ou seja, apenas três escolas pertenciam a rede pública as demais à rede privada. No total foram vinte e três escolas sendo vinte pertencentes à rede privada e três à rede pública. Em relação à carga horária efetiva e realizada no estágio, bem como, aos horários de realização e frequência semanal das aulas podemos observar no quadro abaixo.

#### QUADRO B- CARGA HORÁRIA, HORÁRIO E FREQUÊNCIA DAS AULAS

	<b>CH programada</b>	<b>CH efetiva realizada</b>	<b>Horário do estágio</b>	<b>Frequência semanal das aulas</b>	<b>Se aulas eram geminadas</b>
01	90	98	6ª 13h/17h30	2	Não
02	6 semanais	117	Manhã e Tarde	?	Não
03	-	-	Manhã e Tarde	1	Não
04	97	97	14h/17h30	1	-
05	105	96	Tarde	?	Sim
06	97	98	Tarde	?	Sim
07	97	97	Manhã e tarde	?	Não
08	98	98	Tarde	1 e 5º ano 2	Sim
09	108	108	Manhã e tarde	1	-
10	98	98	Tarde	?	Não
11	116	97	Tarde	1	Não
12	98	96	Manhã e tarde	?	Sim 1 turma
13	97	98	Tarde	2	Sim
14	97	100	Manhã	2	Sim
15	108	97	Tarde	2	Não
16	97	97	Manhã	2	Não
17	108	97	Pública-manhã privada-tarde	1	Não
18	97	100	Manhã	2	Sim

19	98	100	Manhã	2	Sim
20	98	98	Tarde	2	Não
21	4 semanais	97	Tarde	1	Não
22	108	98	Tarde	1	Não
23	97	100	Manhã	2	Sim
24	108	98	Tarde	1	Não
25	Não lembra	Não lembra	Manhã	1	Não
26	Não lembra	Não lembra	Manhã	?	Não
27	97	98	Tarde	2	Sim

Podemos observar no quadro acima que os estagiários não lembram com precisão da carga horária programada para o estágio 2, que é de 108 horas, apenas 5 (cinco) estagiários citaram corretamente, outros 5 (cinco) citaram 98 (noventa e oito) horas, 9 (nove) citaram 97 (noventa e sete) horas, os demais oscilaram entre 90 (noventa) horas e 116 (cento e dezesseis) horas, 2 (dois) não lembram e 1 (um) não respondeu.

Ao observarmos a carga horária efetivamente realizada, ela oscilou de 96 (noventa e seis) a 117 (cento e dezessete), para 9 (nove) estagiários destacam que cumpriram 98 (noventa e oito) horas e 7 (sete) estagiários destacaram que cumpriram 97 (noventa e sete) horas. O cumprimento efetivo da carga horária do Estágio 2 de 108 (cento e oito) horas só foi cumprida por 2 (dois) estagiários. A maioria dos estagiários cumpriu seu estágio de tarde – 14 (catorze) estagiários, os demais cumpriram só no período da manhã e nos períodos da manhã e tarde.

Em virtude do curso de Licenciatura da ESEF-UPE acontecer a maior parte de suas disciplinas no período da manhã, isso explica a incidência maior da realização do Estágio no período da tarde. Em relação a quantidade de aulas por semana 7 (sete) alunos não responderam e o restante se dividiu quase que igualmente entre 1 (uma) e 2 (duas) aulas semanais. A maioria dos estagiários 15 (quinze) afirmam que as aulas não eram geminadas, ou seja, era realizada apenas 1 (uma) por dia para cada turma.

Em relação à escolha das escolas, dos vários motivos, o principal foi o fato da escola ser próximo à residência, apareceram ainda escola que estudou, boa estrutura física e horário compatível. Nesse semestre que a pesquisa se referiu, 2018.2, os estagiários poderiam escolher suas escolas para atuar, mas a partir de 2019.1, a ESEF-UPE optou por definir todas as escolas de acordo com alguns critérios como: proximidade da nossa IES para facilitar a visita pelo professor de sala e pela coordenação, pelas escolas com ex-alunos da ESEF para realizar a supervisão ou mesmo tendo sido de outra IES, houvesse a confiança na relação e ainda sugestões dos relatórios anteriores indicando a escola como um campo de estágio de qualidade.

Essa estratégia para a divisão permanece até hoje, gerou muitas inquietações no início, mas agora os estagiários já aceitam essa forma de organização, que pretende estreitar uma maior relação entre a Universidade e a escola, entre o professor da Universidade e o professor da escola.

Em relação à forma de realização do estágio, praticamente ficaram divididos ao meio, 13 (treze) alunos realizaram o estágio individual e 14 (catorze) alunos realizaram o estágio em grupo. Nos estágios em grupo dos 14 (catorze) alunos, 8 (oito) alunos realizaram o estágio em dupla e 6 alunos realizaram o estágio em trio.

Em relação à quantidade de aulas que foram regentes, nos estágios realizados de forma individual, os estagiários regeram todas as aulas e nos estágios em grupos, duplas ou trios, 8 (oito) estagiários não lembram e os demais oscilaram as respostas entre 30 (trinta) e 49 (quarenta nove) aulas. Abaixo podemos observar a descrição no quadro

**QUADRO C- FORMAS DE REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO E AULAS REGIDAS**

	<b>Individual x grupo</b>	<b>Nº componentes</b>	<b>Aulas que foi regente</b>
01	Grupo	2	3 aulas por semana
02	Grupo	3	2 por semana
03	Individual	-	Todas as aulas
04	Individual	-	Todas as aulas
05	Individual	-	Todas as aulas
06	Individual	-	Todas as aulas
07	Grupo	3	Não lembro
08	Grupo	3	30 aulas
09	Individual	-	Todas as aulas
10	Individual	-	Todas as aulas
11	Individual	-	Todas as aulas
12	Grupo	2	Revezava com a dupla
13	Grupo	2	49
14	Grupo	3	Não lembra
15	Individual	-	Todas as aulas
16	Grupo	2	Não lembra
17	Individual	-	Todas as aulas
18	Grupo	2	Não lembra
19	Grupo	3	Não lembra
20	Individual	-	Todas as aulas
21	Individual	-	Todas as aulas
22	Grupo	2	Em média 30 aulas
23	Grupo	3	Não lembra
24	Grupo	2	Em média 30 aulas
25	Individual	-	Todas as aulas
26	Individual	-	Todas as aulas
27	Grupo	2	49

Além das perguntas objetivas descritas acima e já categorizadas, trazemos agora as perguntas abertas que foram respondidas e transformamos suas respostas em pequenos grupos de categorias.

Dez dos estagiários respondentes do questionário explicam o estágio como momento e ambiente de prática e de teorias. Essa compreensão se apresenta desde a relação imbricada entre teoria e prática até a um certo pragmatismo de pôr em prática o que se aprendeu durante a graduação. O primeiro conflito se dá diante da ideia de que o estágio, quase que não é mais graduação, quase que não é mais estudos, quase que não é formação e sim apenas aplicação, tendo o graduando já aprendido os conteúdos necessários, cabendo ao momento do estágio aplicar os conhecimentos. Como podemos observar em algumas falas abaixo sobre o que entendem sobre Estágio Supervisionado:

Estágio supervisionado é o espaço onde atua como professor em formação. Participa ativamente de processo fazendo uma relação com teoria e prática. (ESTAGIÁRIO 1 do questionário)

Uma prática na qual, usamos o que aprendemos durante a graduação, em ambiente escolar, que tem o intuito de nos qualificar para após o término da universidade. (ESTAGIÁRIO 6 do questionário)

O estágio supervisionado é onde o graduando põe em prática tudo aquilo que aprendeu no curso, em que terá um professor formado da instituição de ensino supervisionando o graduado. (ESTAGIÁRIO 11 do questionário)

O momento de materializar os conhecimentos adquiridos na graduação, além de conhecer a verdadeira realidade que não está presente nas literaturas. (ESTAGIÁRIO 4 do questionário).

Nove dos estagiários concentraram seu entendimento na ideia de que o estágio é uma situação obrigatória e necessariamente supervisionada. A noção de supervisão não é apresentada na lógica de controle ou fiscalização e sim de acompanhamento e monitoramento com apoio de alguém mais experiente, um profissional, dando-lhes retorno, críticas e sugestões acerca do processo pedagógico.

É o momento em que intervimos com nossa prática pedagógica nos locais escolar, e através de um professor supervisor recebemos “feedbacks” sobre as nossas ações pedagógicas, algo que contribui muito para a formação onde pude analisar os avanços e fragilidades na formação docente. (ESTAGIÁRIO 7 do questionário)

É o ato de ministrar aulas em uma determinada instituição sob a supervisão de um profissional formado (ESTAGIÁRIO 14 do questionário).



Uma intervenção pedagógica acompanhada com orientações de professores já ativos no mercado de trabalho! Essas orientações e experiência proporcionarão um vislumbre a nossa prática futura (ESTAGIÁRIO 15 do questionário).

Cinco dos estagiários apresentaram o estágio como momento formativo, constituinte do processo de ensino-aprendizagem da graduação. O estágio, portanto, também é local e momento de acessar, produzir e apreender saberes, inclusive podendo problematizar e até ressignificar teorias, saberes, conceitos, autores, obras a partir do cenário escolar.

Uma prática no processo de ensino – aprendizagem na graduação do aluno com intuito de realizar intervenções no seu campo de atuação profissional, assim qualificando-o (ESTAGIÁRIO 3 do questionário).

Estágio supervisionado é o momento de estabelecer relações e problematizar os saberes elaborados na graduação com a realidade da prática pedagógica, através do exercício da postura docente nas aulas (ESTAGIÁRIO 24 do questionário).

São oportunidades de aprender, identificar, intervir, lidar com o cenário escolar (ESTAGIÁRIO 26 do questionário).

Três dos estagiários apontaram o estágio como momento para experimentar ações da profissão. Adquirir experiência é uma consequência dessa vivência docente realizada no estágio, ou seja, inserido no contexto profissional e com profissionais conhecedores do cotidiano escolar o estagiário poderá ensaiar situações de ensino, em que o erro poderá ser contornado e o acertos analisados.

Espaço que oportunizar ao professor em formação experiências práticas de ensino que são lhe garantir uma certa autonomia na sua futura ação docente (ESTAGIÁRIO 18 do questionário).

É uma intervenção pedagógica, onde os professores em formação podem experimentar um pouco do que é ser professor, conhecendo o dia - a - dia da escola, recebendo um retorno acerca da sua prática pedagógica, podendo identificar seus erros e acertos (ESTAGIÁRIO 23 do questionário).

Todos os 28 (vinte e oito) estudantes consideraram o estágio como importante na sua formação, e ao justificarem essa importância organizamos as respostas em categorias que passamos a apresentar abaixo.

Assim como na resposta anterior aqui também temos uma aplicação da teoria aprendida na Universidade e operacionalizada no campo de Estágio, para oito estagiários essa é uma

realidade, é o momento de aplicação das teorias estudadas, é como se o conhecimento da graduação tivesse acabado e agora seria colocado em prática. Podemos identificar essa aplicação nas falas a seguir,

Importante, pois é onde materializamos todo o conhecimento aprendido ao longo da trajetória acadêmica. Dando robustez a mesma (ESTAGIÁRIO 1 do questionário).

É nesse momento que o estudante irá pôr em prática os conhecimentos aprendidos durante sua formação (ESTAGIÁRIO 10 do questionário).

De certa forma é importante, pois, observando nosso currículo, durante as disciplinas tanto obrigatórias como eletivas, não há prática de intervenção nos diferentes níveis de ensino, logo, o estágio II é o momento de pôr em prática o que aprendemos (ESTAGIÁRIO 17 do questionário).

Para três estagiários, os conhecimentos vivenciados na Universidade são colocados em prática nos Estágios, porém também é um momento de conhecer a realidade que atuarão como futuros professores. Visualizamos essa aplicação e a vivência nas falas abaixo,

Devido a ser essencial para a nossa formação colocamos em prática nossos conhecimentos, e para, além disso, descobrimos na realidade como se permeia o nosso campo profissional (ESTAGIÁRIO 7 dos questionários).

Considero sim, pois é no estágio onde vivenciamos na prática tudo aquilo que conhecemos na universidade e daí então o indivíduo passa a conhecer a realidade na qual está inserido e busca contribuições para sua carreira docente (ESTAGIÁRIO 16 dos questionários).

Para sete estagiários o estágio é momento de vivenciar a realidade que será o futuro campo de trabalho, é o primeiro contato com a escola onde se pode conhecer de fato o cotidiano escolar é um momento de confrontos, aprendizados e descobertas.

Pois, sem o estágio supervisionado, o graduando não teria a vivência no seu campo de atuação profissional, podendo levar a uma desqualificação em seu processo de formação até a sua graduação (ESTAGIÁRIO 3 do questionário).

É nele que saímos da utopia e conhecemos a realidade, vivenciando de perto diversas dificuldades encontradas na profissão (ESTAGIÁRIO 23 do questionário).

Considero por ser um momento de confronto, descobertas e aprendizado em situação real de vida, além de ser vivenciado no ambiente próprio da intervenção do profissional da licenciatura em educação física (ESTAGIÁRIO 24 do questionário).

Para seis estagiários esse momento do Estágio é para se adquirir experiências e para se qualificar a prática pedagógica. Os estagiários necessitam realizar nos Estágios as atividades inerentes a função de professor que não tiveram oportunidade de fazê-las na graduação.

Adiciono também as primeiras experiências em ser professor, controlar a turma, planejar aulas, organizar o material didático, tudo isso influencia no conjunto geral dos pontos significativos do estágio supervisionado (ESTAGIÁRIO 5 do questionário e 2 da Entrevista).

Pois, com o estágio me sinto mais preparada, para reger aula, quando me formar, além da experiência que o mesmo proporciona (ESTAGIÁRIO 6 do questionário).

Sabendo que o mercado vem exigindo cada dia mais um bom profissional, o estágio toma um papel de qualificar o sujeito ainda na graduação. E principalmente quando o professor está presente (ESTAGIÁRIO 12 do questionário e 1 da Entrevista).

Para três estagiários o Estágio é o momento de avaliação da prática docente, da prática pedagógica, através dele o estagiário, ainda na condição de aluno, pode realizar suas práticas sem medo de errar, pois esse ainda é um momento de aprendizagem, como podemos identificar nas falas,

Pois o estágio permite uma avaliação de terceiros, uma avaliação do professor da ESEF e uma auto avaliação sobre a prática docente dos estagiários (ESTAGIÁRIO 13 do questionário).

É um momento do qual assumimos aquela(s) turmas e podemos acompanhar seu progresso, nos levando a refletir sobre nossa prática pedagógica. Como também, nos aproxima desse contexto que às vezes aparenta ser tão distante das discussões na universidade (ESTAGIÁRIO 15 do questionário).

O papel do supervisor no processo do estágio não é só importante no aspecto legal, cumprir o que a legislação preconiza, como também tranquilizar o estagiário em seu processo ensino-aprendizagem. Isso foi descrito por quatro estagiários que afirmam que realizar seu Estágio com a segurança de um profissional já formado e experiente pode ajudar na qualificação através de seus questionamentos e avaliação, sendo algo fundamental. Nas falas seguintes identificamos essa segurança que o estagiário procura.

Sair da teoria de “reger aula” e realmente ir para escola com uma turma desconhecida, é uma excelente experiência que todos devem ter antes de se formar. A adquirir a responsabilidade de assumir uma turma de forma individual e planejar com a tutela do professor da instituição (ESTAGIÁRIO 11 do questionário).

Por ser um momento em que podemos exercer todo o aprendizado da formação, momento de acertar, errar e aprender sob supervisão (ESTAGIÁRIO 22 do questionário).

Sim, é muito importante termos esse momento de intervenção ainda na graduação, e por ser supervisionado tem ainda mais peso, porque recebo um retorno de como tem sido minha prática pedagógica (ESTAGIÁRIO 27 do questionário).

Com as respostas dos estagiários podemos identificar de maneira ainda muito presente a dicotomia teoria x prática tão criticada por autores que estudam sobre formação docente e Estágio, como vimos nos capítulos de diálogo com a literatura.

Para alguns estagiários, o estudo dos conhecimentos adquiridos na Universidade é materializado e transformado em aplicação nos campos de estágio, nas escolas de educação básica. Alguns desses ainda não indicam que nos Estágios também são construídas teorias e que nas salas de aula da Universidade essa relação deve também ser vivenciada, debatida e refletida. O estágio não é apenas um momento de aplicação do conhecimento teórico obtido em aula, mas uma forma desse conhecimento transpor os muros da Universidade, tanto teorizando a prática, quanto problematizando as teorias. O estágio também ensina e produz conhecimento, refletindo conceitual e metodologicamente a partir de autores e obras diante do que é experimentado no ato docente supervisionado por alguém mais experiente.

Percebemos ainda a necessidade da aproximação com a realidade, mas ao mesmo tempo também percebemos a necessidade de experimentar, porque os estudantes-estagiários ainda estão no processo de ensino-aprendizagem e portanto o erro faz parte desse momento e por fim, o acompanhamento de um supervisor, como um profissional da área que pode conduzir o estagiário nesse processo de formação.

### 6.3 O estágio diante das entrevistas com a professora, os supervisores e os estagiários

A partir das entrevistas realizadas com os estagiários e professores de sala e supervisores, passamos a trazer as percepções que encontramos nas falas dos 9 (nove) sujeitos. Como dissemos anteriormente foram 4 (quatro) estagiários, os 4 (quatro) supervisores respectivos desses estagiários e 1 (uma) professora de sala. Em cada uma das entrevistas realizadas de forma individual houve um roteiro e para esse capítulo iniciaremos com uma descrição de caracterização dos sujeitos utilizando as unidades de contexto e de registro já apresentadas na metodologia dessa pesquisa.

Tendo como base a **unidade de contexto organização e como unidade de registro a caracterização dos sujeitos** observamos o professor da disciplina com 37 (trinta e sete) anos, do gênero feminino, tendo concluído sua graduação na ESEF-UPE.

Para caracterizar os estagiários e os supervisores optamos por elaborar quadros que nos dão uma visão geral dos sujeitos.

#### QUADRO D- CARACTERIZAÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS

	ESTAGIÁRIO 1	ESTAGIÁRIO 2	ESTAGIÁRIO 3	ESTAGIÁRIO 4
<b>IDADE</b>	22 anos	22 anos	30 anos	22 anos
<b>GÊNERO</b>	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino
<b>ATUAÇÃO</b>	Acadêmica	Professor licenciado de EF	Acadêmico	Acadêmica

#### QUADRO E- CARACTERIZAÇÃO DOS SUPERVISORES

	SUPERVISOR 1	SUPERVISOR 2	SUPERVISOR 3	SUPERVISOR 4
<b>IDADE</b>	46 anos	50 anos	38 anos	50 anos
<b>GÊNERO</b>	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino
<b>LOCAL DE FORMAÇÃO</b>	ESEF-UPE	ESEF-UPE	UFPE	ESEF-UPE
<b>ATUAÇÃO COMO SUPERVISOR</b>	Há mais de 15 anos	Há mais de 10 anos	Há aproximadamente 10 anos	Há mais ou menos 10 anos

Tendo como base a **unidade de contexto organização e como unidade de registro a estrutura dos estágios**, todos os estagiários apontaram a mesma estrutura de estágio do curso de Licenciatura em EF da ESEF-UPE: 3 (três) disciplinas de estágio em sala de aula no espaço físico da ESEF, sendo o Estágio 1 realizado no 5º (quinto) período do curso como um estágio de observação, o Estágio 2 realizado no 6º (sexto) período do curso como um primeiro estágio de intervenção e o Estágio 3 realizado no 7º (sétimo) período do curso como um segundo estágio de intervenção.

Já nas atividades fora do Campus, quando os estagiários estão inseridos nos locais de estágio, observamos que todos declararam a diversidade de tipo de categoria administrativa das instituições escolhidas, sendo sempre uma pública e outra privada, não aparecendo a categoria

comunitária como aponta a LDB 9394/96 no seu Art. 19 item III, inserido recentemente pela lei nº 13.868, de 2019.

#### QUADRO F- ESTRUTURA DE REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO 1

	ESTAGIÁRIO 1	ESTAGIÁRIO 2	ESTAGIÁRIO 3	ESTAGIÁRIO 4
<b>LOCAIS DE REALIZAÇÃO DOS ESTÁGIOS</b>	1 Escola da rede pública e 1 escola da rede privada	1 Escola da rede pública e 1 escola da rede privada	1 Escola da rede pública e 1 escola da rede privada	1 Escola da rede pública e 1 escola da rede privada
<b>FORMA DE REALIZAÇÃO</b>	Individual	Dupla	Individual	Individual
<b>ESCOLHA DOS LOCAIS DE ESTÁGIO</b>	Por serem próximos a sua residência.	Por ser próxima a sua residência, a escola privada. Pela boa estrutura física da escola privada. Por indicação de um colega a escola pública.	Por ser próxima a sua residência a escola privada. Por ser a escola que estudou a pública.	Não respondeu a esse questionamento

A realização do Estágio 1 nas redes públicas e privadas é uma determinação da disciplina, na época eles poderiam escolher as escolas, atualmente são definidas pela ESEF-UPE. Os supervisores não conheciam com clareza a estrutura de realização dos ECSO, mas todos sabiam que existiam estágios de observação e de intervenção. A professora de sala conhece com clareza essa estrutura do estágio na ESEF.

A partir da fala dos supervisores, percebemos uma das fragilidades de nosso estágio no que se refere a um envolvimento maior entre a ESEF-UPE e as escolas de educação básica no sentido de um garantir que a formação docente aconteça não só dentro da Universidade como também nas escolas onde se realizam os estágios. Acreditamos que um dos primeiros passos para uma maior integração seja apresentar aos supervisores a organização do currículo do curso de LEF da ESEF-UPE para que eles possam participar efetivamente desse processo de formação e desmistificando a ideia de que na Universidade se dá a formação teórica e nas escolas se dá a formação prática. Essa parceria entre a Universidade e as escolas de educação básica podem ser observadas a partir dos autores abaixo,

[...] Ao longo da sua história, a formação de professores tem oscilado entre *modelos acadêmicos*, centrados nas instituições e em conhecimentos “fundamentais”, e *modelos práticos*, centrados nas escolas e em métodos “aplicados”. É preciso ultrapassar essa dicotomia, que não tem hoje qualquer pertinência, adaptando *modelos profissionais*, baseados em soluções de parceria<sup>37</sup> entre as instituições de ensino superior e as escolas [...]. (NÓVOA, 1999, p. 26).

<sup>37</sup> O mesmo que parceria.

Nos processos de formação docente, aprendemos entre o chão da escola e o da universidade, que as parcerias fortes com a escola são uma importante articulação que o estágio pode fomentar, especialmente quando a formação de professores ocorre na perspectiva de conformação entre os formadores universitários e os docentes de estabelecimentos que acolhem os estagiários (AROEIRA, 2014, p. 114).

Tendo como base a **unidade de contexto Estágio 1 (estágio de observação) e unidade de registro importância da disciplina**. A literatura nos mostra que é importante saber que o simples fato de observar o cotidiano de uma escola não o torna capacitado para a intervenção, é necessário que ele conheça e reflita a realidade. Neste aspecto, ainda com essa ressalva, todos os sujeitos destacam sua importância, para que o estagiário se aproprie do lócus que irá intervir nos estágios 2 e 3.

Em relação ao que se aprende no estágio pela observação e pela atuação, podemos observar na literatura que,

[...] é necessário que o estagiário aprenda a exercitar um olhar pedagógico e atento para entender o que há de estranho nas coisas comuns. Quando estamos atentos para o movimento da sala e seu cotidiano, podemos verificar o que não se aprende, o que se ensina, a interação entre os alunos, as possibilidades e contradições entre alunos e professores (LIMA, 2008, p. 203).

Ajudando-nos a conceituar e descrever a importância desse estágio de observação, trazemos a fala da estagiária 1,

O estágio 1 foi só de observação, foi observar as diferentes realidades nas escolas. Eu acho que ele é importante. Porque você não vai entrar na escola se você não sabe de nada. Você não chega lá dando aula, lá você aprende também o professor explica você para sua observação (ESTAGIÁRIA 1).

Para a professora da disciplina de estágio esse caráter do Estágio 1 também é de suma importância, pois faz com que o estagiário se aproprie do que é a escola e identifique as aproximações e os distanciamentos do que a literatura apresenta.

Eu acredito que ela seja importante porque desenvolve no aluno a sensibilidade. Porque ele começa a se apropriar do que é escola, de uma maneira diferenciada, não só na prática, porque o aluno que tem uma sensibilidade maior, ele consegue já de cara. Dentro do processo já fazer a intervenção, já na prática fazer uma leitura como um todo, mas o aluno que não tem isso a de observação dá, obviamente, dependendo da referência da instituição. Onde o aluno vai estar inserido de ter esse olhar de sistematização da aula, dele poder refletir sobre alguns conteúdos teóricos que já foram trabalhados, ele foi provocado. Do ideal de aula, então ele começa a se aproximar desse cenário, mas ainda de uma forma, mais gradativa, mais confortável, ele observa e vai identificando os pontos de aproximação e

distanciamento do que a literatura apresenta, para depois ele partir para a prática (PROFESSORA DA DISCIPLINA).

E ainda corroborando sobre a importância do Estágio1, o de observação, temos a fala do supervisor 3,

...eu sempre digo a meus estagiários, você observa o jeito de todos eles trabalharem aí você pega o melhor de cada um e faz seu modo. Para você ser aquele professor não que é certo ou errado o que cada um tenha, e até certas coisas que a gente ache errado de certas pessoas que a gente também coloque no nosso molde para ajudar de certa forma, eu acho que o estágio curricular é importante sim o de observação (SUPERVISOR 3).

Professores e supervisores destacaram a importância do Estágio 1 de observação com algumas ressalvas de manutenção da carga horária do estágio de observação e aumento da carga horária do estágio de intervenção ou diminuição da carga horária do estágio de observação ou ainda observando durante o semestre os diferentes níveis de ensino e em seguida realizar o estágio de intervenção, no mesmo semestre do estágio de observação o que resultaria também, em um aumento da carga horária do estágio de intervenção.

Não de jeito nenhum, acho que é importante, porque eles veem os professores dando aula eles veem vários professores, eles podem se recordar do tempo dele de escola e ver como era as atividades daquela época e como são hoje acredito que em muitos lugares já tenham mudado, tenham evoluído, então eu acho que é importante esse estágio de observação, só acho mais uma vez que o estágio de intervenção devia ser um pouco mais prolongado (SUPERVISOR 4).

Eu acho que é importante, mas não tanto tempo. [...] muito grande eles passam o semestre todo e um monte de aula. [...] então eu acho que ele podia observar durante um mês o fundamental 1, durante um mês o fundamental 2, durante um mês o ensino médio e durante um mês a educação infantil, então num semestre cada mês ele poderia observar um segmento diferente ele não precisa de 6 meses observando a aula ao meu ver é tempo perdido (SUPERVISOR 1).

Eu acredito que ela seja importante porque desenvolve no aluno a sensibilidade. Porque ele começa a se apropriar do que é escola, de uma maneira diferenciada, não só na prática, porque o aluno que tem uma sensibilidade maior, ele consegue já de cara. Dentro do processo já fazer a intervenção, já na prática fazer uma leitura como um todo, mas o aluno que não tem isso a de observação dá, obviamente, dependendo da referência da instituição. Onde o aluno vai estar inserido de ter esse olhar de sistematização da aula, dele poder refletir sobre alguns conteúdos teóricos que já foram trabalhados, ele foi provocado. Do ideal de aula, então ele começa a se aproximar desse cenário, mas ainda de uma forma mais gradativa, mais confortável, ele observa e vai identificando os pontos de aproximação e distanciamento do que a literatura apresenta, para depois ele partir para a prática (PROFESSORA DA DISCIPLINA).



Não temos dúvida da importância dos Estágios no processo de formação docente e o Estágio 1 da ESEF-UPE, como uma disciplina inicial e com a característica de observação aproxima o estagiário do campo de maneira gradual para que se aproprie do futuro lócus de intervenção.

Ainda tendo como base a **unidade de contexto Estágio 1, porém agora como unidades de registro ações que qualificam e ações que desqualificam essa disciplina**, construímos o seguinte quadro.

### QUADRO G - AÇÕES QUE QUALIFICAM E AÇÕES QUE DESQUALIFICAM O ESTÁGIO 1

	ESTAGIÁRIO 1	ESTAGIÁRIO 2	ESTAGIÁRIO 3	ESTAGIÁRIO 4
<b>QUALIFICAÇÃO</b>	Conhecer as realidades das escolas públicas e privadas.	Ver de perto o bom relacionamento do professor com a direção, coordenação e alunos da escola.	Conhecer as realidades das escolas públicas e privadas.	Conhecer as realidades das escolas públicas e privadas.
<b>DESQUALIFICAÇÃO</b>	Conhecer um professor sem compromisso e bastante acomodado.	Não apontou nenhum fator.	Ter contato com um professor que não tinha compromisso com as aulas e nem com os alunos.	Não apontou nenhum fator.

No aspecto qualificação do Estágio 1 trazemos a fala dos estagiários 2, 3 e 4 ao se referirem a seu Estágio 1 que era de observação e não houve momento de regência,

Naquilo que eu pude perceber eu captei que realmente foi de interesse nosso para discutir. A maneira como o professor se relacionava com os estudantes, com a direção do colégio com o diferente. Pude perceber que a gente na condição de professor muitas vezes precisa se colocar na condição de aprendiz e dizer isso eu não sei, tenho que estudar para saber. Eu só fiquei observando e foi bastante produtivo. Vontade tive, não vou mentir e muito ansioso para ministrar, mas não (ESTAGIÁRIO 2).

O que qualificou foi a preocupação da professora da rede pública sobre a questão da carga horária da tudo certo dos feedback que ela trazia durante a própria aula, tinha esse momento, mas ela conseguia dar conta de estar na aula com os meninos e conseguia dar conta de me explicar o que estava acontecendo em todo o seu processo, ela conseguia ponderar essas duas partes, ela não deixava os meninos soltos mais ela também estava preocupada com o que eu estava fazendo (ESTAGIÁRIO 3).

Com qualidade, principalmente na escola pública que eu passei o semestre inteiro lá, a privada que eu tive um pouco de dificuldade para encontrar então ela foi bem corrida, tanto é que eu te falei eu acho que ia umas 3 vezes na escola por semana, porque quando eu vim conseguir já foi um pouquinho

tarde mas ainda assim foi com qualidade eu consegui cumprir toda a minha carga horária eu consegui observar turmas diferentes (ESTAGIÁRIA 4).

No aspecto desqualificação do Estágio 1 trazemos a fala dos estagiários 1 e 3 ao se referir ao supervisor do estágio.

Teve um professor que ele não gostava de dar aula, o que me marcou foi isso, ele falava que estava há muito tempo, então ele não era obrigado (ESTAGIÁRIA 1).

Já a questão negativa continuo a bater que o professor da particular, me deixou muito solto, mesmo assim eu ficava dizendo professor isso, isso aí, as vezes eu me achava um pouco inconveniente por estar perguntando (ESTAGIÁRIO 3).

A estagiária 4 disse não haver nada que desqualificasse seu Estágio 1. Com as falas dos estagiários foi observado diferentes realidades, onde para 2 (dois) estagiários o estágio de observação foi extremamente positivo, para outro extremamente negativo e para outro foi positivo na rede pública e negativo na rede privada e isso relacionado ao papel do supervisor. Essa escolha do supervisor deve ser vista como fundamental na formação docente, pois os acadêmicos irão ter uma grande influência na sua formação com os exemplos dados por esses profissionais, como podemos observar na citação seguinte,

O Professor colaborador (PC)<sup>38</sup>, é o professor da escola de educação básica que recebe estagiários em condição oficial de estágio curricular supervisionado, dá aos futuros professores elementos da sua experiência, possibilita que os mesmos descubram os macetes da profissão e oferece condições e espaço para os licenciandos colocarem em prática seus conhecimentos didático-pedagógicos (BENITES, et al, 2012, p. 14).

Os supervisores e professor da disciplina não foram questionados quanto à qualificação e desqualificação do estágio de observação, apenas sua importância. Entendemos que nesse momento do Estágio 1, pelo fato de ser o primeiro, é fundamental que esta seja uma experiência exitosa para todos, para que os estagiários se sintam estimulados no cumprimento dos próximos estágios, e os supervisores na acolhida e contribuição do futuro docente.

Tendo como base a **unidade de contexto Estágio 2 e 3 (estágios de intervenção) e unidade de registro importância da disciplina**, a professora da disciplina considerou as disciplinas importantes pelo fato de que o estagiário pode intervir diretamente com o lócus do estágio.

---

<sup>38</sup> Os autores Benites et al (2012) chamam os supervisores que ficam nas escolas de professor colaborador.

Eu acho de extrema relevância, porque é o momento com que ele entra de fato no contato com o lócus de intervenção do profissional de educação física na licenciatura, então é uma situação que é bem distinta e no relato dos alunos a gente percebe, que no momento em que eles poderiam em alguma disciplina fazer uma intervenção na escola mas era num conteúdo, que talvez eles não viam a ligação e a responsabilidade com a formação do sujeito, que é uma responsabilidade que assume dentro do universo escolar a abordagem pedagógica e projeto pedagógico, então eles entendem realmente o que é o universo da educação física escolar e a educação física enquanto componente curricular. Então isso ele não chega mais com atividade pontual e a responsabilidade durante de todo um processo de formação do sujeito, para além do conteúdo, que isso vai agregar valor, então é riquíssimo esse momento (PROFESSORA DA DISCIPLINA).

Os estagiários 1 e 2 consideram que esses estágios de intervenção são mais importantes que o estágio de observação e que é um momento de se iniciar a regência antes de entrar no mercado de trabalho. O estagiário 3 não descreveu essa importância e a estagiária 4 destaca o fato de ter um supervisor acompanhando sua regência.

Para os supervisores foi perguntado se consideravam importante o estágio de uma maneira geral, seja de observação ou intervenção, em um curso de Licenciatura em EF, e todos responderam positivamente deixando claro, para eles, a concepção de que o estágio é o momento prático do curso, de colocar em prática a teoria estudada. Essa ideia de que o estágio é o momento prático vem sendo muito discutida por autores que nos trazem esse pensamento de que o estágio deveria ser teoria e prática, acontecendo de forma indissociável.

A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a necessidade de explicitar porque o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática). De acordo com o conceito de ação docente, a profissão de educador é uma prática social. Como tantas outras, é uma forma de intervir na realidade social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas Instituições de Ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo prática e ação (PIMENTA e LIMA, 2012, p.41).

Para os supervisores do estágio ainda é muito evidente de que o estágio é o momento prático do curso, como observamos nas falas

É o momento que os alunos se preparam para o mercado de trabalho (SUPERVISOR 1).

Eu acho muito importante isso aí, porque eles vão vivenciar, até alguns que nunca passaram por isso vão passar. Vai até abrir o horizonte para eles. Dependendo da escola que eles forem, eles podem até servir de norte para eles na parte de observação e de intervenção (SUPERVISOR 2).

Eu acho que a gente sempre conversa muito isso entre os professores inclusive aqui do colégio, aprender na teoria é muito importante, mas eu acho que o que molda realmente um professor é prática, e o estágio curricular quando você vai para a prática e tem a oportunidade de poder reger as aulas que devem ser feitas assim, você tem uma possibilidade de ter uma experiência muito maior (SUPERVISOR 3).

...vou dizer nem por mim porque já faz tanto tempo, mas às vezes na Universidade a gente se atenta a muita coisa escrita, a muita coisa bonita, assim... até de certa forma utópica... então eu acho que o aluno ele tem que ir ali para aquela realidade entendeu ele acompanhar a estrutura do que é uma escola privada, uma escola pública, uma escola do município... não adianta você tá só dentro de uma Universidade onde você vai fazer sua aula prática com uma diversidade incrível de material de espaço físico e quando você sair de lá com seu diploma você vai chegar numa realidade que muitas vezes nem o espaço físico você tem e aí... o que é que essa Universidade preparou pra você? então eu acho que é necessário é muito importante o dia a dia de realmente você se deparar com aquilo ali (SUPERVISOR 4).

Encontramos aqui uma outra fragilidade do estágio da ESEF-UPE, no que diz respeito à concepção que os supervisores têm do estágio como o momento prático do curso, o momento de colocar em “prática” o que foi aprendido na “teoria”. Nesse sentido, a partir dessa visão dicotômica os estagiários também podem ser levados a assumir esse discurso e como consequência fragmentar sua ação pedagógica. Temos clareza de se tratar de um grande desafio a ser vencido por muitas IES, inclusive a nossa. Os estágios precisam sair do lugar “prático” que se encontram e passarem a ser um espaço de construção e problematização das teorias educacionais, reelaborando as concepções de ensino a partir da realidade das escolas de ensino básico. Para Franco (2008),

A história brasileira com formação de docentes utilizou-se sempre dos estágios para complementar o currículo de formação de professores, mas tais estágios foram sempre vistos na dimensão experimental: pressupunha-se que primeiro se aprende a teoria e depois se aplica na prática. Essa fórmula já está teoricamente desgastada, no entanto, na prática, ainda continua a fundamentar a formação de nossos docentes (...). Será preciso, enfim, que os processos formativos de docentes absorvam a dimensão experiencial, não mais separando teoria e prática, mas mergulhando, desde o início, o aluno e o formador em situação de mediação dos confrontos da prática, buscando a significação das teorias (...) criar articulações cada vez mais profundas entre a teoria e a realidade. Essa é a grande tarefa que os cursos de formação devem enfrentar (p. 122-123).

Por vezes, encontramos relatos dos professores nas escolas, como vimos do Supervisor 4, alegando que na Universidade os acadêmicos usam muitas vezes, um espaço físico privilegiado com materiais didáticos de grande diversidade e quantidade, diferente, algumas vezes, da realidade que irão se deparar em algumas escolas e nesse sentido é importante que na

Universidade não perca de vista a realidade a qual o futuro profissional irá atuar, oferecendo múltiplas possibilidades de formas de ensino adequadas a diferentes realidades.

Os lugares da prática educativa, as escolas e outras instâncias existentes num tempo e num espaço, são o campo de atuação dos professores (os já formados e os em formação). O conhecimento e a interpretação desse real serão o ponto de partida dos cursos de formação, uma vez que se trata de possibilitar aos futuros professores as condições e os saberes necessário para sua atuação profissional. [...] Esse conhecimento envolve o estudo, a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções às situações de ensinar e aprender (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 54-55).

Ainda tendo como base as **unidades de contexto Estágio 2 e 3 e unidades de registro a qualificação e desqualificação** dessas disciplinas, observemos o quadro a seguir.

#### QUADRO H- QUALIFICAÇÃO E DESQUALIFICAÇÃO DO ESTÁGIO 2 e 3

	ESTAGIÁRIO 1	ESTAGIÁRIO 2	ESTAGIÁRIO 3	ESTAGIÁRIO 4
<b>QUALIFICAÇÃO</b>	Iniciar a intervenção no estágio 2. Realizar o estágio 3 na Residência Pedagógica.	Começar a fazer o papel de professor e receber críticas no estágio 2. Ter um supervisor que estimulou o tempo inteiro com desafios, estágio 3.	Os confrontos com as realidades no estágio 2 e cumprir o estágio 3 depois da sua turma, o tornou mais maduro.	Estágio 2 realizado com qualidade. Estágio 3 a troca entre os componentes do grupo.
<b>DESQUALIFICAÇÃO</b>	A falta de uma melhor orientação por parte do supervisor no estágio 2. O descaso da escola com a EF, nos estágios 2 e 3.	Uma participação maior do supervisor com questionamentos, críticas e sugestões no estágio 2. No estágio 3 nada desqualificou.	Não apontou nenhum fator.	O estágio 2 não teve nada que desqualificou. O que desqualificou no estágio 3 foi o relacionamento com o supervisor e número insuficiente de aulas para reger.

Como qualificação dos estágios 2 e 3 podemos indicar alguns pontos: a relação de troca que aconteceu entre os estagiários que fizeram seu estágio em grupo, um relacionamento com o supervisor que estimulou o tempo inteiro com desafios e a realização do estágio na Residência Pedagógica.

O 2 com plena qualidade, o 3 parcialmente porque eu senti falta de diversas coisas e principalmente de reger. Mas um ponto fundamental foi pelo fato do estágio 3 ter sido realizado em grupo, éramos 3 no grupo, e foi importante a troca entre nós, já que nos outros estágios eu fiz sozinha, essa troca de planejar, conversar, trocar experiências, foi importante (ESTAGIÁRIA 4).

Porque não era algo planejado, por isso que eu falo que era muito do supervisor, era algo de improvisado ele estava lá na condição de supervisor para avaliar e ele queria tirar a gente da esfera do comodismo eu lembro de um

momento que foi a última aula que estava no planejamento, que era no primeiro momento na sala de aula e o segundo momento na quadra, ele simplesmente colocou todos os dois momentos na quadra, ou seja, se eu não tivesse estudado se tivesse me prendido a um slide a aula não tinha acontecido. Foi um desafio entanto porque eu preparei, perdi noites de sono preparando a aula, buscando certa qualidade estudei bastante e na hora ele simplesmente disse vamos para quadra, mas professor eu estou com o pen drive, trouxe o computador a minha bolsa está super pesada, meu amigo se vire e fechou a porta da sala. Aula na quadra. Desenrolei bem nesse dia (ESTAGIÁRIO 2).

Acho que a residência, no caso o estágio 3 ele contribuiu mais, por isso do preceptor. Por ele ter que estar em cima e a professora de sala ficava em cima dela para ela ficar em cima da gente, além dela ainda tinha a professora de sala que nos cobrava muito em fazer relatório, fazer os diários de campo no começo... a residência foi basicamente o estágio, os três estágios em um só. É tem a observação, tem a intervenção e intervenção também a gente continuava com intervenção eu acho que a residência e mais um bônus do estágio sabe. É ficou mais rico com a residência, porque o estágio a gente era mais... assim a gente ia para escola dava aula e ia embora, não participava de reunião de corpo docente não tinha isso. É a gente vai na escola, a gente participa das reuniões, a gente fez agora os jogos internos da escola, a gente que elaborou, a gente que organizou, está tendo ainda, amanhã no caso aí acho que em relação a isso a residência contribuiu mais. A gente participa como se fosse da escola mesmo. Com as limitações da gente mais a gente ia para as reuniões fazia os planos como sempre. Se sentia mais dentro do processo da escola dos planos assim, com mais autonomia. Por mais que corrigisse os planos sempre corrigiam os planos conversando após as aulas, dizendo o que a gente errou, o que a gente podia fazer ou não foi bem mais foi bem mais qualificado. Essa imersão dentro da escola como um participante dentro do processo. Como um membro mesmo acho que essa imersão é fundamental de que até eu coloco no meu TCC que ele é um pós do estágio a residência é mais que um aperfeiçoamento do estágio (ESTAGIÁRIA 1).

Fica bem evidente uma diferença entre estágio de intervenção no Programa Residência Pedagógica (PRP), quando comparado a realização do estágio na forma tradicional que é realizada na ESEF-UPE tal qual aconteceu no Estágio 2. Percebe-se no estágio vinculado ao PRP um maior envolvimento do acadêmico na escola de educação básica, participando não apenas das aulas, mas também da vida da escola, assim como, um envolvimento maior da professora de sala e do professor supervisor. Essa aproximação da Universidade-Escola, parece ser um ponto chave na formação docente.

A escola, assim como a instituição de ensino, pode contribuir uma com a outra, a primeira abrindo as portas para a aprendizagem dos graduandos e para possíveis pesquisas e a segunda possibilitando a atualização e aprimoramento de conhecimentos para os professores da escola (NATASHA & NEIRA, 2016, p. 42-43).

E ainda em relação à Residência Pedagógica, ela possui como uma das características a imersão no ambiente escolar:

Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhada por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciado e orientada por um docente da sua Instituição Formadora (CAPES, 2018).

Como desqualificação dos estágios 2 e 3, trazemos a necessidade de uma maior interação dos estagiários com os supervisores, observado na fala de 3 (três) estagiários, tal qual o exemplo abaixo.

É foi essa ausência e... não sei se é em todas as escolas, mas mesmo o descaso com a educação física nas escolas. [...] É pouca importância, como se fosse um momento de lazer, a educação física é um momento de lazer e os professores vão nessa, a educação física é um momento de lazer se quiser fazer algo diferente e os alunos gostarem muito (ESTAGIÁRIA 1).

A professora de sala destacou como pontos que qualificaram os estágios de intervenção 2 e 3 o trabalho realizado em sala de aula com o acompanhamento dos planejamentos das aulas e as discussões e o compartilhamento das boas práticas. Como fator de desqualificação em alguns momentos a falta de orientação e acompanhamento de alguns supervisores como vemos nessa fala da professora.

Por vezes a desqualificação, essa falta de orientação, né!? E irresponsabilidade por parte de alguns supervisores... Que eu sentia que eu pedia... Que o aluno vinha: “professora, mas ele não está me cobrando”, mas você passe por quê isso é da sua formação, isso vai lhe orientar, então alguns processos inclusive de direcionar o aluno para querer conduzir aula sem ele está na instituição. Minha orientação era: não tem supervisão, não tem intervenção de estágio, porque estágio ele é supervisionado. Então esse distanciamento, de fato, comprometeu em alguns grupos (PROFESSORA DE SALA).

Os supervisores foram questionados quanto à qualificação e desqualificação apenas do estágio 2, todos foram unânimes em relatar que não houve ponto que desqualificasse o estágio assim como, trouxeram apenas pontos positivos para qualificar o estágio, elogiando o estagiário na pontualidade e assiduidade, passando pelo fato que um estagiário assumiu a organização de uma atividade nos jogos internos até o fato de que a aluna ter realizado o estágio de observação na escola foi um fator de qualificação por ela já conhecer a estrutura e funcionamento da escola, como identificamos nas falas seguintes

Eu me lembro de uma coisa que veio agora na minha mente assim, um jogos internos que \*\*\*\*\* ficou responsável de fazer algumas atividades com os alunos do infantil e a gente deu um norte para ele usa cone, usa arco, aí ele fez um circuito ele ficou sozinho, praticamente sozinho só com as tias fazendo aquilo (SUPERVISOR 2).

Eu acho que o fato de eu deixá-la bem à vontade e o fato dela já tem observado anteriormente no estágio de observação.eu acho que isso qualificou muito o estágio dela e até pelo fato dela ter sido aluna daqui ela conhece inclusive

todos os professores de educação física da escola que trabalham com educação física escolar (SUPERVISOR 3).

Em relação à qualificação e desqualificação dos Estágios 2, percebemos aqui como centralidade dos Estágios uma prática reflexiva, que deve ser incentivada pelos supervisores e pela professora de sala para que no momento do Estágio, momento esse de formação e aprendizagem, os estagiários possam reconhecer os entraves mas também as potencialidades que esse momento pode proporcionar.

Tendo como base a **unidade de contexto Supervisor e unidade de registro importância**, a professora de sala destacou a importância desse sujeito e dessa função no processo de formação. Declarou que inicialmente a coordenação de estágio fazia os primeiros contatos e depois ela se comunicava por e-mail e telefone para alguns alinhamentos. Ainda destaca a importância do supervisor no processo de formação docente trazendo inclusive, sua responsabilidade também na formação do aluno.

Supervisor... Ele tem a importância de orientar, né!? O aluno, de acompanhar, de conduzir esse processo principalmente dos primeiros conflitos que ele lida, com a realidade quando ele está diante do aluno e sempre dá o feedback, que por vezes a gente nesse tempo que eu acompanhei estágio os alunos tinham ótimas, é... Vivências, referências, aqueles profissionais que de fato acompanhavam, que davam feedback, que orientavam na sua essência e outros que nem tanto, né!? Então ele tem uma extrema importância nesse processo já que ele se responsabiliza também pela formação (PROFESSOR DE SALA).

Para os supervisores, além de ter sido questionado sobre a importância do supervisor em um estágio, também questionamos qual o objetivo do estágio para ele, enquanto supervisor. Ao trazermos as falas dos supervisores fica evidente que no aspecto importância todos se reconhecem no papel de ajudar os alunos em formação, já que são profissionais experientes.

O supervisor já foi formado, ele já está ali no dia a dia, já está na prática ele já tem a experiência de estar dando aula no caso o profissional de educação física que é comprometido com a disciplina porque tem professores que nem aceitam estagiários por conta disso e aí eles vão ter essa intervenção eu vou estar ali do lado deles qualquer problema que tenha dos alunos eu vou lá e digo a eles como proceder com aquele aluno e se for necessário intervir diretamente com o aluno dependendo da situação (SUPERVISOR 1).

Eu acho isso muito importante em relação a eles terem um norte né, porque às vezes ele passam por várias escolas e vários supervisores e aí eles tiram a ideia, tiram o melhor de cada um para o próprio benefício. Comigo também foi assim eu tinha alguns supervisores e eu via o que eles tinham de melhor para absorver (SUPERVISOR 2).

A gente tem aquela insegurança né, a gente tá começando a gente aprende uma coisa na teoria e sabe que na prática é completamente diferente, então quando a gente tem aquele supervisor lado a lado com a gente muitas vezes acontecia com a estagiária e acontece com outros, que quando é hora deles regerem a



aula eles perguntarem, professor assim ? Não fique à vontade, depois a gente faz algumas pontuações caso necessário, então acho que é importante está correndo lado a lado e por incrível que pareça a gente também aprende muito com o estagiário (SUPERVISOR 3).

É primeiro porque quer queira quer não é você tendo uma pessoa que já está formada que já tá ali no dia a dia muito tempo é não é que intimide o aluno mas de certa forma é o aluno se sente mais seguro é se cobra mais talvez leve mais a sério esse estágio sabendo que tem uma pessoa é supervisionando não o intuito de castigar de ser de punir ou dizer que ele está errado aqui o que a criatividade está errada aqui ou ali mas como realmente uma troca de informação e conhecimento pela sua experiência de estar ali há tanto tempo e para mostrar pra ele que essa troca é que vai fornecer também subsídios importantes para que ele siga o dia a dia na carreira que ele está abraçando (SUPERVISOR 4).

Quanto ao aspecto objetivo do estágio para o supervisor, os supervisores 1, 3 e 4 são categóricos em afirmar que há uma troca entre supervisores e estagiários, que é uma forma de se atualizar e aprender as novidades da área. Para o supervisor 4 é uma forma de dar uma aula melhor por estar sendo observado. Os supervisores apresentam ainda, a consciência de que existe uma aprendizagem de mão dupla, os alunos aprendem com eles e eles aprendem com os alunos, como podemos observar na fala dos autores abaixo:

Os estudos já realizados sobre os estágios em Educação Física mostram-nos que a atividade pode favorecer ambas as partes envolvidas nesse processo. Aparentemente com o tempo de prática os estudantes auxiliados pelos professores conquistam uma segurança e autonomia para ministrarem aulas, amadurecendo profissional e pessoalmente durante esse processo, sendo professores valorizam essa fase vivida e ainda acreditam que se faz necessária essa experiência desde o início do curso para aproximar mais os graduandos do ambiente escolar. Com a presença dos estagiários é possível estimular os professores a buscar novos conhecimentos e realizarem projetos interdisciplinares para enriquecer os conteúdos oferecidos para seus alunos, despertando o interesse desses para diferentes temas (NATASHA; NEIRA, 2016, p. 42).

No contexto da importância do supervisor, parece ser consenso que sua presença é fundamental para a realização do estágio de qualidade, ele exerce um excelente papel para que seja realizada uma sistematização da reflexão sobre a prática, pois além de sua formação possui um lastro de experiência e se apresenta sempre disponível em ouvir orientações da IES que auxiliem em seu papel também com o formador. Em relação a importância da presença do supervisor nos estágios, gostaríamos de refletir que não basta a presença, mas que o docente que fará esse papel de supervisor terá que ser submetido a um processo de formação para sua dupla jornada, a de professor de alunos (da educação básica) e a de formador de professores (dos alunos das IES que estão no estágio). Nesse sentido, entendemos que a Universidade deve ter um papel fundamental na escolha, na qualificação e no acompanhamento dos professores que farão o

papel de supervisores. Mesmo com essa dificuldade não se descarta a importância do papel do supervisor, e sim sua qualificação. Podemos identificar muito do que foi dito na citação abaixo,

Assim, quando os estagiários vão à escola e entram em contato com o PC, eles encontram alguém que foi destinado e aceitou recebê-los, mas que não tem informações para orientá-los e na grande maioria das vezes desconhece como trabalhar com o futuro docente para que o mesmo possa aprender a profissão e contribuir para a sua formação.

Apesar desta compreensão, não se descarta a importância deste PC no momento do estágio curricular supervisionado, pois sua figura aparece como expoente, se torna imprescindível na mediação do difícil diálogo das concepções da escola e da universidade com as práticas existentes e as expectativas dos estagiários (BENITES et al, 2012, p. 19).

Ainda tendo como base a **unidade de contexto Supervisor e unidade de registro atuação**, foi questionado aos estagiários como seus supervisores atuaram nos 3 (três) estágios e para ilustrar a resposta apresentaremos em forma de quadro e a seguir apresentaremos algumas falas dos estagiários.

QUADRO I- ATUAÇÃO DOS SUPERVISORES

	ESTAGIÁRIO 1	ESTAGIÁRIO 2	ESTAGIÁRIO 3	ESTAGIÁRIO 4
<b>ESTÁGIO 1 Escola Pública</b>	O supervisor não sistematizava as aulas, justificava a falta de estrutura da escola	Não mencionou	Supervisor contribuiu muito com dicas.	Supervisor muito envolvido com a escola.
<b>ESTÁGIO 1 Escola Privada</b>	O supervisor deixava os alunos em aulas livres.	Supervisor não interagia muito com o estagiário.	Supervisor não interagia com o estagiário nas aulas	Excelente relacionamento com o estagiário.
<b>ESTÁGIO 2 Escola Pública</b>	-	-	-	-
<b>ESTÁGIO 2 Escola Privada</b>	O supervisor conversava no início e no final da aula. Dava sugestões do que melhorar.	Supervisor poderia ter contribuído mais com questionamentos e sugestões	Supervisor estava sendo atento	Supervisor ficava junto durante toda a aula.
<b>ESTÁGIO 3 Escola Pública</b>	O supervisor intervia pouco no início no final intervia mais.	-	-	-
<b>ESTÁGIO 3 Escola Privada</b>	-	Supervisor maravilhoso interagia durante toda a aula com desafios.	Supervisor contribuiu muito	Supervisor com muita dificuldade no relacionamento com o estagiário que discordou muitas vezes de sua forma de trabalho.

Em relação aos supervisores do Estágio 1, destacamos que os supervisores que não sistematizavam suas aulas, deixavam os alunos livres e outro que trazia o estagiário para dentro de sua aula, por mais que ele não regesse, mas o deixava dentro do processo ensino-aprendizagem.

No estágio 1 na minha escola, na escola pública, era uma escola que não tinha estrutura, só tinha uma quadra que era na comunidade então as pessoas usavam a quadra e a escola não podia usar, aí o professor dava aula na sala de aula e era o ano inteiro jogos de tabuleiro, jogos de salão, xadrez às vezes ele passava pesquisa de saúde, passava no quadro, escrevia um textinho para eles lerem o texto e achar a resposta sobre saúde, condicionamento físico essas coisa era o máximo da escola pública, aí eu ficava observando. Ele explicava, eu não faço isso porque não tem estrutura, não tem espaço. Ele não tinha esse o espaço ele não sistematizava. Hoje é isso, tinha um espaço pequeno que ele conseguiu colocar uma rede entre um poste e outro, e dava bola para os meninos que não queriam ficar na sala eles ficavam jogando vôlei. Na escola particular o professor era banda voou, por mais que ele explicasse estou aqui há mais de 10 anos, então já cansei de fazer isso, aí às vezes eu dou a bola e eles vão jogar (ESTAGIÁRIA 1).

É..... eu o meu supervisor do particular não conversava muito comigo sobre a questão da própria dinâmica da aula, ele não me trazia para dentro da aula. Já na rede pública foi muito legal porque ela me botava em situações olha se acontecer isso tem que prestar atenção a isso quando estiver regendo, ela me botava dentro da própria situação do próprio plano (ESTAGIÁRIO 3).

Em relação aos supervisores do Estágio 2, destacamos, desde um supervisor que tinha uma abertura com o estagiário no sentido de apoiar e incentivar o seu estágio mesmo sem existir uma Educação Física na escola valorizada até outro que teve uma ótima relação com a estagiária e também recebia todo suporte necessário a realização de sua aula.

Foi tranquilo, o supervisor me deu carta branca para fazer digamos assim, seguir dar uma certa sequência e por trás faz meio o que você bem entender. Ah uma coisa que eu percebi é que lá na rede privada não tem projeto político pedagógico, tem o projeto do colégio em geral, mas não tem inserindo a Educação Física, a Educação Física digamos assim é um, é um apêndice (ESTAGIÁRIO 2).

E como eu já tinha falado eu não tenho o que falar de infraestrutura, não tenho o que falar de materiais e do meu supervisor muito menos. Todo suporte que eu necessitava, inclusive da coordenação também, a gente tinha a coordenação esportiva e a coordenação pedagógica, tanto uma quanto a outra, nenhum problema, tudo fluiu muito bem (ESTAGIÁRIA 4).

Em relação aos supervisores do Estágio 3, destacamos, desde um supervisor que dialogava com o estagiário durante todo o processo e ainda estabelecia desafios para serem realizados durante a aula até um supervisor que apresentava pontos de vista diferentes do estagiário, mas nem por isso ela deixou de considerar o estágio rico.

Ele dialogava durante todo o processo. Ele sempre falava comigo aí se fosse em uma realidade tal que não tivesse bola como modifica essa aula aí? Era bastante desafiador teve um dia que eu precisava de cordas, aí ele tinha corda lá no almoxarifado. Se vira, não tem corda não. Eu tive que adaptar a aula toda, por isso que foi um ganho imenso nessa escola. Que eu vivia uma realidade ótima com variedade de materiais, com tudo do bom e do melhor, mas no momento da aula eu era desafiado, não tem bola e aí? Ou só tem uma

bola? Aí quando ele dava uma bola, a bola está murcha. Mas só que eu não terminava aula toda, era só um momento para poder ter uma qualidade na aula, se não ficava muito baixa aí durante ele pedia para os que ficavam lá de auxiliares pegarem os materiais que necessitavam. Lá foi onde eu tive tempo de pensar mais a aula, pensar no conteúdo, tinha o plano de ensino deles e a gente pode trabalhar direitinho o plano de ensino com aulas teóricas e práticas, foi muito gratificante (ESTAGIÁRIO 2).

No estágio 3, assim, houve contribuições por parte do supervisor mas assim, algumas coisas eu discordava e continuo discordando mas aquilo ali a gente tem que entender que é a realidade dele e ele é que o professor e precisa respeitar algumas imposições também dele não achava correta e continuo não achando mas foi muito rico, muito rico (ESTAGIÁRIO 4).

Importante destacar nessa unidade de registro da atuação dos supervisores, vemos que é necessário que um relacionamento amistoso entre supervisores e estagiários se faz necessário para que a partir desse acolhimento, ambos saibam ouvir o outro, nessa construção de empatia mútua poderá se ter maior facilidade em aceitar críticas e sugestões das aulas e assim realizar as reflexões das aulas com mais tranquilidade.

Ainda tendo como base a **unidade de contexto Supervisor e unidade de registro Professor da ESEF no campo do estágio**, foi questionado aos supervisores e professora de sala se eles consideravam importante a presença de um professor da ESEF de forma efetiva nos locais de estágio, para a professora de sala de aula a presença do professor da ESEF no campo de estágio seria fundamental, principalmente para alinhar as ações, já para os supervisores há um consenso entre todos de que a presença do professor é importante no campo de estágio, porém de forma eventual, porque o supervisor do campo já faz esse papel e o professor da ESEF poderia inibir o estagiário (supervisor 3) e não deveria intervir nas aulas, deixar a supervisão para o professor da escola (supervisor 1).

Em relação à importância de ter um supervisor da ESEF-UPE nos estágios encontramos apenas 1 (um) supervisor que não achou importante essa presença, os demais consideraram importante um professor da IES, mesmo que de forma esporádica.

Totalmente para ver até se eu como supervisora da escola porque assim eu não recebo da ESEF um salário para fazer isso então qual a vantagem de eu receber esses estagiários às vezes tem estagiário que causa problema para gente também quando acontece isso a gente devolve ele e ele que se vire em outro canto mas é importante porque tem que saber de repente o professor é amigo do cara não sei assina lá pelo cara, o cara não está indo então tem que ter o supervisor nem que seja um passando ali para ver se está tudo certo (SUPERVISORA 1).

Não, eu acho que não. Não que ele não tenha importância, porque ele tem importância, mas eu acho que o fato do professor da ESEF está inserido no estágio, talvez até cause um certo travamento no estagiário. Eu acho que nas

aulas do próprio curso quando o estagiário vai levar o relatório e faz os próprios relatos nas aulas de estágio, eu acho que o professor já consegue orientar um pouco melhor, acho que não teria necessidade de ele ficar no campo não. As visitas seriam importantes também, as visitas no caso sim. Não frequentemente (SUPERVISOR 3).

Eu considero importante. [...] Não, ela pode ser assistemática já que tem a gente lá pra essa troca de informação ela pode ser assistemática mas é muito importante entendeu porque é um momento até que junta que junta os 3 o aluno que está fazendo estágio com o supervisor que é um professor da escola e o supervisor da disciplina que vem da Universidade então 3 cabeças ou 4 ou 5 dependendo do grupo que esteja conversando trocando ideias no final de um período com certeza vai você vai é ter muito mais retorno do que se ficar só ali o aluno e eu (SUPERVISOR 4) .

Em uma de suas conclusões de um estudo realizado por Benites, et al (2012), trazido no artigo: Qual o papel do professor-colaborador no contexto do estágio curricular supervisionado na Educação Física? Os autores apontam que apesar da legislação acerca do estágio ter avançado, o reconhecimento da importância do professor que atua como supervisor, ainda não foi alcançado.

A importância do professor que acolhe os estagiários na forma de uma política pública enquanto alguém que tem um papel claro, que deve ter uma formação específica, ser remunerado e ter um plano de carreira ainda não foi alcançada mostrando brechas no setor da formação, tanto para o futuro professor quanto para o próprio sistema de ensino que trabalhará com as consequências (BENITES, et al, 2012, p. 23).

Na década de 1990, vários professores da ESEF realizavam a supervisão dos estágios obrigatórios, indo até as escolas selecionadas pela ESEF-UPE. Em uma consulta realizada aos relatórios da Coordenação de Estágio (APÊNDICE F), podemos observar que, em 2004, 1 todos os alunos matriculados na disciplina de Estágio eram supervisionados por professores da ESEF-UPE, a partir de 2004.2 esses números foram caindo até que em 2011, até o primeiro semestre de 2019, nenhum professor da ESEF-UPE realizava a supervisão dos estágios. Podemos atribuir isso a vários motivos: hoje temos dois cursos de graduação, Licenciatura e Bacharelado em EF, um número menor de professores, temos mais cargos administrativos que demandam carga horária dos professores, 4 cursos de especialização, 2 (dois) cursos de Mestrado (um profissional e outro acadêmico), 1 (um) doutorado, professores envolvidos em extensão, pesquisa com alunos de Iniciação Científica (IC), adoção dos Programas de Residência Pedagógica e PIBID, e por todos esses fatores fica extremamente difícil que os professores possam disponibilizar carga horária para exercer o papel de supervisor. No segundo semestre de 2019, a UPE estabeleceu alguns ajustes nas Licenciaturas no sentido de unificar os

documentos dos estágios e criou a figura do orientador do estágio, que seria o professor da instituição que iria até as escolas de educação básica realizar supervisões assistemáticas e as avaliações dos estagiários. Na ESEF-UPE, esse papel foi ocupado por 2 (dois) professores com contratação temporária.

Ainda tendo como base a **unidade de contexto Supervisor e unidade de registro supervisor de estágio da ESEF**, todos supervisores são ou foram supervisores de outras IES, ao serem questionados se havia diferença entre supervisionar alunos da ESEF e de outras IES todos foram categóricos em responder afirmativamente e ainda indicaram que os estagiários da ESEF são estagiários melhores e a organização da Instituição é boa (supervisor 1), são mais comprometidos (supervisor 2), são mais amadurecidos, seguros e experientes (supervisor 3) e sinto uma seriedade maior dessa Instituição na organização dos estágios (supervisor 4).

Totalmente os estagiários além dos alunos serem alunos melhores são alunos que têm a mesma formação que eu tenho então quando eles vêm com planejamento ele vem planejando da mesma forma que eu aprendi a planejar então ele segue a mesma linha que eu. Eu peguei dois outros grupos que eu não quis mais pegar nem da Faculdade A nem da Faculdade B, porque eles não têm aquela organização que a ESEF tem (SUPERVISORA 1).

Sim, tem diferença. Comprometimento dos alunos, os alunos da ESEF são mais comprometidos do que os alunos de outras Instituições. [...] a gente nota o comprometimento dos alunos da ESEF, inclusive nos horários deles, eles chegam na hora certa e saem só final, algumas vezes que acontece algumas besteiras com eles que dizem que vou ter que sair mais cedo porque vou fazer uma prova alguma coisa assim. Mas de outra Instituição os caras nem vão, aí querem que a gente assine, ou então dizem assim vou assistir duas pode assinar três? Alguma coisa assim (SUPERVISOR 2).

Eu acredito que o estagiário da ESEF já vem um pouco mais amadurecido, quando ele chega para gente se ele já vem com uma bagagem um pouco maior com relação aos outros alunos. Os outros alunos chegam mais inseguros do que os alunos da ESEF quando chega. O aluno da ESEF já chega, a gente percebe, com uma certa experiência. Não sei se é por conta de algum projeto que tem por lá em relação a isso. Eles já chegam com uma experiência um pouco maior (SUPERVISOR 3).

Tem, eu acredito que tem é eu não sei se a palavra certa é seriedade talvez não seja essa mas é o estágio da exerce ele requer um pouco mais de mim não só do lado profissional do lado emocional eu tenho um maior envolvimento do que do que com as outras Universidades que que eu já pude.  
(...) Então eu acho que as 2 coisas claro que tem aquele lado emocional de você ter sido aluno de você conhecer professores de lá e ex professores, mas também por que eu percebi que é feito um acompanhamento de forma mais é como é que eu posso dizer, é mais efetiva (SUPERVISORA 4).

Ao observarmos as falas dos supervisores sobre a diferença entre supervisionar alunos da ESEF-UPE e de outras IES, podemos fazer algumas inferências no sentido de que alunos de

Universidades Públicas, como é o caso aqui desses estudantes da ESEF, possuem uma maior possibilidade de experiências de pesquisa e extensão e isso pode influenciar no seu comportamento durante a graduação.

Mesmo que não tenha sido objeto de nosso estudo, não tenha sido questionado em nossos procedimentos de pesquisa, fica evidente que, genericamente, os alunos desta instituição têm uma possibilidade de participação ativa em atividades de pesquisa e de extensão. Afinal, na análise do PPC, evidenciamos uma oferta de cursos de especialização, mestrado profissional, mestrado e doutorado acadêmico, o que pode facilitar acessos a pesquisas e/ou programas de iniciação científica. Na análise documental também fica evidente o registro da existência de projetos e programas de extensão, tal como nas atividades complementares e competências e habilidades previstas no PPC.

Como vimos, autores, tais como Andrade e Resende (2010) e Taffarel (1993), destacaram o diferencial de estudantes com acesso à uma vivência na formação inicial com aproximações ou mesmo experimentação do tripé ensino-pesquisa-extensão. Isso de fato é uma hipótese a ser investigada posteriormente.

Tendo como base a **unidade de contexto Currículo e unidade de registro Disciplinas que contribuíram para a realização do estágio**, tivemos todos os sujeitos respondendo a essa questão e uma ênfase das respostas nas disciplinas que tratam os esportes coletivos. Para a professora de sala de aula a disciplina de didática e as disciplinas que tratam os fundamentos teórico metodológicos dos conteúdos específicos da educação física (jogo, esporte, dança, luta, ginástica), são as que mais ajudam diretamente no Estágio. Como podemos observar na sua fala,

Olha, a disciplina de didática. Um processo mesmo de identificação metodológica tudo isso é de extrema importância e todas as outras disciplinas que trabalham com fundamentos teóricos metodológicos, com os conteúdos específicos da Educação Física, então é o momento que é um diálogo (PROFESSORA DE SALA).

#### QUADRO J- DISCIPLINAS QUE CONTRIBUEM PARA OS ESTÁGIOS NA VISÃO DOS SUPERVISORES

	SUPERVISOR 1	SUPERVISOR 2	SUPERVISOR 3	SUPERVISOR 4
<b>Psicologia da Educação</b>			<b>X</b>	
<b>Psicologia</b>		<b>X</b>		
<b>Enorme 1<sup>39</sup></b>				<b>X</b>

<sup>39</sup> Nome dado cotidianamente pelos estudantes à disciplina de Fundamentos teóricos metodológicos da EF na educação infantil e no primeiro segmento do ensino fundamental, pelo fato de ser uma das disciplinas-síntese,

<b>Didática</b>	<b>X</b>			
<b>Ginástica</b>			<b>X</b>	
<b>Disciplinas” práticas”</b>		<b>X</b>		
<b>Recreação</b>			<b>X</b>	
<b>Atletismo</b>			<b>X</b>	
<b>Fundamentos filosóficos da EF</b>	<b>X</b>			
<b>Introdução à educação</b>			<b>X</b>	

Para os supervisores as disciplinas que contribuíram foram as disciplinas que tratam dos fundamentos específicos da EF como ginástica, “disciplinas práticas”, recreação e atletismo e a Enorme 1 que faz intervenções com regência e análise de aulas). As disciplinas de psicologia, psicologia da educação, introdução à educação e didática também são citadas pelos supervisores. O supervisor é sem dúvida nenhuma uma figura imprescindível para a realização do estágio, por isso, temos a clareza que é importante que ele tenha cada vez mais uma maior orientação e qualificação para receber os estagiários e assim melhor contribuir em sua formação. Para Benites, et al (2012),

Para a tarefa de ensinar e orientar os alunos o docente experiente recebeu uma formação inicial, e muitos deles realizam cursos de formação continuada para se atualizar e agregar outros saberes. Entretanto, estes professores geralmente não recebem uma formação específica para receber e orientar os estagiários, o que pode ocasionar uma lacuna e se pautarem, possivelmente, em suas experiências quando eram estagiários, ou ainda se manterem em um acompanhamento à distância.

Assim, quando os estagiários vão à escola e entram em contato com o PC, eles encontram alguém que foi destinado e aceitou recebê-los, mas que não tem informações para orientá-los e na grande maioria das vezes desconhece como trabalhar com o futuro docente para que o mesmo possa aprender a profissão e contribuir para a sua formação.

Apesar desta compreensão, não se descarta a importância deste PC no momento do estágio curricular supervisionado, pois sua figura aparece como expoente, se torna imprescindível na mediação do difícil diálogo das concepções da escola e da universidade com as práticas existentes e as expectativas dos estagiários (p.19).

Para os estagiários elaboramos um quadro com as disciplinas mais citadas e a seguir trazemos as falas dos estagiários.

---

como mais de um professor, uma densidade de conteúdos e uma extensa carga horária semanal (10h/a) e semestral (180h/a).



QUADRO K- DISCIPLINAS QUE CONTRIBUEM PARA OS ESTÁGIOS NA VISÃO DOS ESTAGIÁRIOS

	ESTAGIÁRIO 1	ESTAGIÁRIO 2	ESTAGIÁRIO 3	ESTAGIÁRIO 4
<b>Metodologia dos Esportes coletivos</b>	X	X		X
<b>Psicologia</b>	X			
<b>Enorme 1</b>	X	X		
<b>Enorme 2<sup>40</sup></b>	X		X	X
<b>Didática</b>	X	X	X	X
<b>Gestão</b>		X		
<b>Ginástica</b>		X		
<b>Ética Profissional</b>			X	
<b>Anatomia</b>				X
<b>Crescimento e desenvolvimento</b>				X
<b>Aprendizagem e controle motor</b>				X
<b>Atletismo</b>				X
<b>Sala de aula do estágio 2 e 3</b>			X	
<b>Handebol</b>				X

Todos os estagiários citaram que a disciplina de didática contribui para os estágios, no que se refere ao planejamento das aulas, mas aparecem também outras disciplinas que tratam dos fundamentos da EF como metodologia dos esportes coletivos (citada por três estagiários), ginástica, atletismo e handebol (citadas por um estagiário cada). Também aparecem disciplinas ligadas à área de saúde, ao próprio estágio, a psicologia e ética profissional.

A disciplina de Metodologia dos Esportes Coletivos (MEC). Era superficial, mesmo assim deu para a gente... me baseei em algumas aulas das vivências de lá, via o conteúdo específico de cada modalidade quando dei estágio não estava fazendo enorme não, mais a disciplina de MEC e psicologia me ajudou. A enorme 1 (Fundamentos teóricos metodológicos da EF na educação infantil e no primeiro segmento do ensino fundamental) e a enorme 2 (Fundamentos teóricos metodológicos da EF no segundo segmento do ensino fundamental e ensino médio), era mais para entender a cabeça da criança, sobre criança para ter toda essa compreensão antes de ir para escola, o que a gente aprendeu sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Didática, foi importante a divisão das pedagogias os tipos de...histórico-crítico, superadora, entender para montar a partir dali o que é escola, nem toda escola tem a mesma

<sup>40</sup> Tal qual a Enorme 1, este também é o termo usado pelos estudantes pra se referirem à disciplina de Fundamentos teóricos metodológicos da EF no segundo segmento do ensino fundamental e ensino médio.

abordagem. A partir dali já tem uma noção. Já tendo uma noção, tem um entendimento já posso montar um plano de aula (ESTAGIÁRIA 1).

Que eu vivenciei. Gestão, para mim foi fundamental, MEC e ginástica de uma certa forma, a que mais marca hoje na minha realidade foi MEC, eu trabalho com futsal e é a que me ajuda bastante na maneira como se organiza os esportes para alinhar com o futsal. A maneira como se organiza um planejamento, como se estrutura um jogo, seja um jogo aproximado do basquete, do vôlei, a gente só pega o formato do jogo e pode usar no handebol, no basquete, no futsal, a gente faz obviamente com as devidas alterações, mas MEC me ajudou bastante. Quanto a planos de aula hoje eu faço plano de aula, fiz um curso onde forneciam maneiras convenientes de fazer um plano de aula para futsal e hoje dá conta da minha realidade essa maneira de planejar eu sigo direitinho a organização faço uma avaliação anual e vou seguindo. Enorme 1 de certa forma, que é uma maneira de olhar a educação e a Educação Física que ajuda de certo modo a perceber certas coisas, mas eu achei também algumas enormes repetitivas que na prática não deu conta, mas eu me recordo bem da enorme 1 que me ajudou foi o período que eu estava engajado em uma certa área de educação física e pude aprender bastante que fui IC e participar de grupos de estudo. Para organizar os planos de aula, a enorme 1. A enorme 1 já deu a conta e didática ajudou bastante também. A compreensão do plano, no início tudo era mais difícil, o que era o objetivo o que era isso era e aquilo outro (ESTAGIÁRIO 2).

Facilmente, se eu posso destacar é enorme 2 pra mim me ajudou a crescer bastante depois eu posso dizer por que o professor da disciplina foi essencial por causa da visão dele de escola, isso foi fundamental pra mim as suas observações dentro da sala de aula e a intervenções da própria escola que utilizamos na disciplina foi fundamental, para o meu crescimento na regência. Eu acredito que o próprio estágio 2, ética profissional e didática (ESTAGIÁRIO 3).

Olha nós tivemos enorme, nós tivemos atletismo, nós tivemos handball. Teve um professor que foi destaque, professor \*\*\*\*\*, qualidade de professor, foram as oportunidades dadas é no sentido de que a gente vinha com um conteúdo, a gente trabalhava aquele conteúdo e a gente materializava aquele conteúdo, ele pegava as crianças da Escola que utilizamos nas disciplinas, ele trazia e por mais que fosse uma realidade diferente do que seria por exemplo de uma escola comum a gente pegar uma turma com 25, 30, 35 40 alunos, a gente pagava 6, 8 alunos. Um grupinho e a gente ministrava, às vezes o grupo ministrava na verdade, perdão, o grupo montava, mas sempre tinha um regente para ministrar aquilo ali para mim crucial. A gente trabalhou assim em handebol, atletismo, nas enormes antes dos estágios, aí quando eu cheguei no estágio 1 eu tinha uma mínima base para trabalhar direto com eles. Para o planejamento, teve acho que didática, para o planejamento, para organização da aula sem ela de fato a gente não conseguiria trabalhar, inclusive na época eram dois professores, sem ela a gente não teria muita base pra trabalhar, pra montar uma estrutura, para compreender a estrutura de uma aula, montar a estrutura de uma aula, de um plano de aula, do que seria aquilo tudo. Acredito que as disciplinas que tratavam dos esportes individualmente como naquele grupo de esporte coletivo, as enormes, já citadas acho que são os 3 pilares que contribuíram muito. E ainda, Anatomia, Crescimento e Desenvolvimento humano (CDH), teve uma outra também que foi Aprendizagem e Controle Motor. Foram disciplinas importantes é até para que gente compreendesse assim particularmente, o que é aquele indivíduo, o que ele está passando

minimamente, como é que está a cabeça dele, psicologia trabalhou muito isso, foi muito importante. Mas, assim, como de fato algo a mais dentro daquilo que a gente estava trabalhando, foi importante (ESTAGIÁRIA4).

A professora de sala citou a disciplina de didática e as disciplinas dos fundamentos teóricos metodológicos da EF.

Olha, a disciplina de didática. Um processo mesmo de identificação metodológica tudo isso é de extrema importância e todas as outras disciplinas que trabalham com fundamentos teóricos metodológicos. Com os conteúdos específicos da educação física, então é o momento que é um diálogo (PROFESSORA DE SALA).

Observamos que a disciplina de didática foi citada por todos os estagiários, pelo professor de sala e por 1 supervisor, as disciplinas ligadas aos fundamentos da EF são citadas por: ginástica (1 supervisor e 1 estagiário), atletismo (1 supervisor e 1 estagiário), recreação (1 supervisor), “disciplinas práticas” (1 supervisor) e MEC (citada por três estagiários). A disciplina Enorme 1 (foi citada por um supervisor e dois estagiários) e a Enorme 2 (por três estagiários).

Observamos ainda fortemente uma tendência em considerar as disciplinas de fundamentos e didática como instrumentalização para o estágio. E ainda as Enormes pelo fato de estudarem temáticas diretamente ligada à Educação Física Escolar, no que diz respeito ao estudo das crianças e adolescentes em seus diversos aspectos e a função da EF na escola.

Nestas se indicam diversos momentos de intervenções práticas de metodologias do ensino em escolas da educação básica, o que pode vir a contribuir para que, principalmente o estagiário, tenha mais facilidade de aplicar o que foi vivenciado na disciplina, nas suas práticas do estágio.

Isso pode ser um indício de que o estágio na ESEF-UPE tem uma tendência a ser como uma prática de imitação de modelos e a prática como instrumentalização técnica, que segundo Pimenta e Lima (2012),

O estágio então, nessa perspectiva, reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa. Assim, a observação se limita à sala de aula, sem análise do contexto escolar, e espera-se do estagiário a elaboração e execução de “aulas-modelo”. (p.36)

O exercício de qualquer profissão é técnico, no sentido de que é necessária a utilização de técnicas a utilização de técnicas para executar as operações e ações próprias. Assim, o médico, o dentista necessitam desenvolver habilidades específicas para operar os instrumentos

próprios de seu fazer. O professor também. No entanto, as habilidades não são suficientes para a resolução dos problemas com os quais se defrontam, uma vez que a redução às técnicas não dá conta do conhecimento científico nem da complexidade das situações do exercício desses profissionais. Nessa perspectiva, o profissional fica reduzido ao “prático”: não necessita dominar os conhecimentos científicos, mas tão somente as rotinas de intervenção técnica deles derivadas (p. 37).

Nesse sentido, entendemos que, se queremos uma maior qualificação dos estágios na nossa Instituição se faz importante que a busca por uma imbricação entre teoria e prática, sujeitos e ações.

Os sujeitos realizam suas ações nas instituições em que se encontram, sendo por estas determinadas e nela determinando. Se a pretensão é alterar as instituições com a contribuição das teorias, precisamos compreender a imbricação entre sujeitos e instituições, ação e prática (PIMENTA E LIMA, 2012, p. 42).

Ainda tendo como base a **unidade de contexto Currículo e unidade de registro Disciplinas que poderiam ter contribuído para a realização do estágio**, tivemos todos os sujeitos respondendo a essa questão onde observamos que os supervisores apontam em disciplinas com conhecimento de aptidão física relacionado à saúde e qualidade de vida, dos esportes coletivos com mais profundidade e de preferência separadas (supervisor 1), separar as disciplinas esportivas, tendo uma de caráter mais pedagógico e outra mais aprofundada (supervisor 3) e separar as disciplinas esportivas, disciplinas que trate sobre síndromes, sobre saúde e sobre homossexualidade (supervisor 4). Apenas o supervisor 2 não sugeriu disciplinas para que o estágio pudesse ser mais bem realizado. Podemos identificar as sugestões das disciplinas nas falas,

Eu acho que não tem como você ser um profissional de educação física na escola sem falar em saúde não tem como o aluno tem que sair do ensino médio com a autonomia de entender o que é que ele vai fazer fora do ensino da escola então para que é que você aprende matemática? para utilizar no dia-a-dia então a educação física ela tem que ser trabalhada de alguma forma que eles quando saírem ele vai fazer musculação, porque ele vai fazer musculação? ele não vai saber só ele não vai sair da escola sabendo fazer os exercícios de musculação mas ele tem que saber para que servem os exercícios de força porque é exercício de resistência muscular porque exercício aeróbico o que é um exercício anaeróbico então ele tem que chegar na academia e ter o conhecimento do que aquele exercício ali vai fazer o que de bem para ele e ele não sai do ensino médio e o currículo do estado hoje dentro do currículo tem esse conteúdo de qualidade de vida é atividade física e saúde se você pegar o currículo tá tudo lá e a ESEF não tem essa disciplina então como a ESEF tá formando profissionais que o currículo estadual pede e ele não tem como

porque ele não aprendeu na faculdade então a faculdade não tá ensinando determinadas coisas que ele tem que saber (SUPERVISORA 1).

Para ser muito sincero quando eu conversei com ela eu citei muito as disciplinas esportivas voleibol 1, basquetebol 1e que se não me engano agora é uma disciplina única não é, até eu comentei com ela justamente o que eu acabei de falar para você com relação a atletismo, essas disciplinas de caráter 1 era mais a parte pedagógica, era a mais a parte de iniciação, eu acho que a gente adaptava muita coisa principalmente para a educação física escolar, da parte de recreação. Então eu acho que quando eu soube que saiu do currículo, quer dizer, não saiu ela se juntou e formaram uma única disciplina, eu acho que isso aí faz um pouco de falta hoje (SUPERVISOR 3).

[...] porque tá chegando nas escolas muitas crianças com síndromes muitas crianças com o transtorno então assim eu que já saí há muito tempo tenho que procurar ajuda porque eu tenho dificuldade de trabalhar com essas crianças então eu não sei hoje se a Universidade ela tá buscando ajudar esses alunos no que diz respeito aí a gente sabe que agora assim pra frente um pouquinho já vão chegar os que tiveram microcefalia que vai ser uma realidade grande então eu não sei como é que na Universidade...

Talvez esse essa questão da, não sei se se na Universidade você já teria como tratar isso, é a questão dessa homossexualidade de tudo que é ligado a psicologia, isso que agora está mexendo tudo da escola, então assim é um mundo de informação que tá chegando dessas crianças, desses adolescentes e a gente fica meio perdido na escola então essas gerações que estão saindo da Universidade eu acho que elas tem que ter um pouquinho de conhecimento de tudo com relação a esses temas, abordar essas questões que ainda é pra gente que saiu há mais tempo um misticismo, uma dificuldade muito grande a gente fica sem muitas vezes saber como tratar. Outra coisa é a saúde, também dentro da escola, nossa a gente vê talvez a questão da saúde é ligada como aqui é licenciatura a gente vê mais a questão do bacharelado, mas eu acho que a saúde dentro da escola também é importante e deveria ser abordada com mais cuidado dentro das Universidades (SUPERVISORA 4).

A professora de sala colocou a disciplina de didática em dois momentos, como a disciplina que ajuda no estágio, mas também como a disciplina que poderia contribuir mais, pois na sua visão a carga horária é pequena e não dá conta, por exemplo de falar sobre as abordagens da EF e por vezes ela necessitou na disciplina de Estágio 2 tratar sobre esse conteúdo.

Na verdade, o que eu me recordo, geral não, mas com relação a conteúdo, porque na mudança no nosso currículo, a disciplina de didática, o que ela tem de tempo pedagógico não dá conta de trabalhar com o que a gente entende sendo a didática geral e a didática da educação física, então por vezes é uma lacuna muito grande, inclusive, com algumas turmas de estágio, eu ainda conduzi que era o conteúdo sobre as abordagens, por que com relação a abordagem crítico superadora muitos alunos tem uma clareza maior. Não diria que todos, mas quando a gente menciona quando eles chegam nas escolas, que trabalham principalmente... As escolas privadas com outra, eles tinham muita dificuldade que era isso que a gente debatia na construção do planejamento, na elaboração da aula, para além da referência que eles tinham da crítico superadora, então por que na disciplina de didática eles não davam conta de visualizar com tanta propriedade, fazer momentos de vivência.

Para os estagiários aprofundamento de futsal, jogo e de esportes coletivos e sobre saúde (estagiário 2), fisiologia do exercício (estagiário 3) e aprofundamento dos esportes coletivos (estagiário 4), como podemos observar nas falas:

Eu não cursei futsal, por questões extras, a disciplina de saúde a gente deveria ter um trato de fato com a saúde na Educação Física, eu senti logo no início no próprio estágio essa falta da saúde, a gente é exigido mas que na prática a gente não sabe como tratar da saúde, a saúde para mim e outro o jogo também, um aprofundamento do jogo porque MEC foi bem superficial, mas que um deu certo alicerce mas a disciplina jogo como aprofundamento seria bastante conveniente. Eu só paguei voleibol de aprofundamento. Sinto falta das outras disciplinas esportivas, MEC ajuda de uma forma, mas quando você vai fazer algo mais específico obviamente você entra naquele campo, quando chega aquele desafio você já está mais preparado. Não que hoje eu não dê conta de uma aula de handebol, de basquete, mas quanto mais qualidade em uma aula, melhor (ESTAGIÁRIO 2).

Fisiologia do exercício, não paguei porque é da área do bacharel. Porque que eu sinto professora Patricia, a dificuldade do exercício dentro da própria escola essa abordagem mais envolta da saúde acho muito importante a gente vê o quanto nosso sistema de saúde é fragmentado e a gente sabe que nossas intervenções no saber fazer implica em muitas mudanças nos hábitos das crianças, dos adolescentes e dos jovens (ESTAGIÁRIO 3).

Basquetebol, handebol, futsal, separado dos esportes coletivos. tipo um aprofundamento. Eu só consegui fazer o voleibol, eu não consegui fazer os outros três, dois eles nunca abriam para a gente na licenciatura e o outro abria, mas aí para encaixar com a nossa grade, gente tinha que, por exemplo, atrasar o que seria obrigatório aquele semestre para poder conseguir cursar. E entre fazer isso e não cursar eu optei por cursar o obrigatório, para não atrasar o curso, óbvio (ESTAGIÁRIA 4).

Em relação as sugestões dadas pelos sujeitos em relação às disciplinas que poderiam contribuir nos Estágios temos 3 (três) dos 4 (quatro) supervisores apontando a necessidade de separar as disciplinas de esportes coletivos, o que é corroborado por 1 (um) estagiário. Essa necessidade de separação das disciplinas que tratem das modalidades esportivas pode ser explicada por dois motivos: primeiro, porque as disciplinas de forma separada fizeram parte da formação dos supervisores e por isso sentem a necessidade de que os conteúdos sejam vistos de maneira separada e segundo, porque em nosso currículo, poucas vezes temos oferecido disciplinas de aprofundamento nessas modalidades, o que pode causar uma lacuna de conteúdo. Os demais apontaram que as disciplinas esportivas necessitam de mais profundidade para sua formação. Dois supervisores e um estagiário trouxeram a temática de saúde como uma necessidade para o currículo, principalmente porque um dos supervisores relatou que no currículo oficial do estado de Pernambuco esse tema é tratado, ainda apareceu a disciplina de

fisiologia do exercício e disciplinas que tratem como lidar com a homossexualidade (talvez na psicologia), com as síndromes (inclusive dos futuros alunos que virão com microcefalia) e com os transtornos, são considerados temas importantes a serem estudados em alguma disciplina na Universidade.

Tendo como base a **unidade de contexto carga horária e unidade de registro carga horária realizada**, Para os supervisores 1 e 2 a carga horária utilizada no estágio 1 de observação é muito grande, para o supervisor 3 é ideal e para o supervisor 4 a carga horária é ideal porém deveria ser realizada em várias Instituições. Em relação à carga horária do Estágio 1 de observação temos as seguintes falas.

Eu acho que foi suficiente. Nem maior, nem menor. Eu acho que foi suficiente. Acho que dá para ele, com a carga horária que ele pegou dá para ele aprender muita coisa ali, tirar muito proveito (SUPERVISOR 2).

Não, eu acho que essas 8 horas já são suficientes, até porque a gente sabe que é necessário a gente ter outro tempo para trabalhar, para estudar, para fazer outros exercícios mesmo do curso e eu acho que às vezes, vou buscar para minha época novamente, eu lembro que a gente teve uma carga horária muito grande de estágio e isso atrapalhava caramba. porque era um período que a gente já estava querendo entrar na vida profissional como estagiário de academia, como estagiário de escola até estagiário da parte esportiva e isso atrapalhava um pouco a gente tinha um entrave danado em relação a isso. Eu acho que 8 horas semanais era suficiente uma quantidade boa (SUPERVISOR 3).

Acho que é uma carga horária suficiente, o de observação é suficiente. Talvez a sugestão é que durante esse estágio de observação, os alunos não ficassem presos só numa instituição que tipo assim você vai observar, se forem 4 meses, você vamos supor 8 aulas, então o que você vivencia 8 aulas numa instituição 8 aulas em outra instituição ou é assim que ele pudesse abranger mais instituições e ficasse com justamente níveis diferentes, entendeu? (SUPERVISORA 4).

Para os estagiários 1, 2 e 3 a carga horária utilizada no estágio 1 de observação de 90 horas é muito grande e que por vezes torna o estágio repetitivo, para o estagiário 4 a carga horária é ideal, porém além da observação também poderia já ter intervenção, ou seja, na verdade apesar de afirmar que não acha grande, sugere que no semestre do Estágio de observação parte da carga horária já seja de estágio de intervenção.

No meu Estágio 1 de observação, os dois foram médios, a escola pública foi pior porque era a realidade da escola, ficava na sala de aula só aula teórica. Eu vi a realidade mas, só foi isso eu não tinha nada pra fazer, não tinha nada pra discutir, eram os meninos jogando ping-pong, jogos de xadrez, ficava jogando com eles também, porque não tinha nada para fazer pra passar o tempo era de 13h as 17h que ficava lá sem fazer nada, ai ficava lá conversando com os meninos. Acho que a carga horária é muito grande, podia ser menor. Para

compreender o universo da realidade da escola, seis meses é muito tempo. Acho importante o estágio de observação, mas a carga horária podia ser menor (ESTAGIÁRIA 1).

No estágio 1 a carga horária, eu julgo como sendo muito grande não tem necessidade de ser tão grande, porque por ser um estágio de observação você com o tempo acaba entrando rotina e termina ficando muito repetitivo. Poderia ser uma carga horária menor, não ser excluído, ele é importantíssimo só que uma carga horária menor e como mais discussões dentro de sala, com mais formas de tratar e já no estágio 2 eu julgo que o tempo foi ideal, foi bastante proveitoso (ESTAGIÁRIO 2).

Na minha opinião a carga horária foi o ideal. Tendo em vista também o que a gente trabalhava dentro de sala de aula, na época a professora à frente da disciplina abordava diversos pontos que a gente trabalhava na realidade, e todos os pontos que ela abordava a gente conseguia tratar, trabalhar com muita naturalidade, com muita coisa pra falar, muita coisa pra escrever, por vezes a gente tinha dificuldade de conseguir juntar tudo pra falar porque bem entrou de sala de aula, nosso tempo é bem curto, por mais que ele seja semanal, ela trazia proposições para a gente, eu lembro que à época ela pedia, gente por favor enxuga, gente para vamos passar para outro, mas assim dentro das escolas acredito que tenha sido o suficiente, menos eu acho que não e também muito mais não. [...] Poderia haver uma alteração nisso, talvez até dentro do próprio semestre, por exemplo são 5 meses completos, 2 meses e meio a gente começava a trabalhar com observação a gente observava, observava e os 2 meses e meio para a frente dentro daquelas mesmas instituições, daquelas mesmas realidades a gente começava a reger. E eu acho que seria inclusive uma contribuição digna para os estagiários no geral, posso estar equivocada lógico, quem sou eu, mas eu acredito que seria ótimo, mas nos outros aí sim os 5 meses fechados para regências. Inclusive isso a gente comentou, chegou a comentar no estágio 1 de que a experiência foi muito válida, mas que talvez se a gente começasse a reger junto com o processo fosse muito mais rico, do que só as observações (ESTAGIÁRIA 4).

Para a professora de sala a carga horária atual de 108 horas utilizada para o estágio 2, sua disciplina, é grande e que esbarra muitas vezes no calendário das instituições de ensino e na demora em iniciar o estágio. Para a professora, a carga horária poderia ser menor, porém com horas destinadas efetivamente a intervenção no estágio.

É que essa conta ela fica um pouco difícil de fechar, principalmente quando a gente tá iniciando, por que a gente não inicia no primeiro dia de aula na escola, a gente perde algumas semanas de aula e essa carga horária de 108 horas, elas acabam não sendo nem efetivas de 108 horas de intervenção, mas entendendo que o processo de elaboração, de planejamento, tudo isso também é computado, então o percentual fazia distribuição pra dar conta, desse processo. O que por vezes a gente tem uma limitação do calendário da instituição que ele está inserido, então talvez se a gente tivesse sem dúvida uma redução disso, a gente diminuiria os ruídos nesse processo e iria computar exatamente o que eles fazem. A gente iniciava em fevereiro, digamos e aí partir de março e até junho eles começam, mas que fosse essa carga horária de fato efetiva, de uma vivência para além do planejamento. Por vezes o aluno está mais preocupado em cumprir a carga horária do que fato conduzir o estágio, vivenciar o estágio (PROFESSORA DA DISCIPLINA).



Todos os estagiários consideraram que a carga horária do estágio 2 de 108 horas foi ideal, porém apenas 1 (um) estagiário cumpriu a carga horária na integralidade. A carga horária do estágio 3 de 162 horas foi realizada em um número maior por ter sido realizada na Residência Pedagógica e foi feita em dois semestres letivos, o estagiário 2 considerou a carga horária muito grande, o estagiário 3 considerou ideal e o estagiário 4 considerou pequena em virtude de ter realizado o estágio em trio e o número de regência foi pequeno. A quantidade de carga horária do estágio 3 não foi consenso entre os estagiários.

No estágio 2 a carga horária foi considerada suficiente para os supervisores 1, 2 e 3 e para o supervisor 4 foi considerada pequena quando os estágios são realizados em grupo e eles precisam fazer rodízios para regerem as aulas. A carga horária do estágio 3 não foi avaliada pelos supervisores. Em relação ao Estágio 2 trazemos as seguintes falas dos supervisores:

Acho que é a ideal porque eles só vão um dia não tem que ir dois dias, esse ano são 6 aulas então eles têm que ir dar 4 aulas num dia e 2 no outro dia, ou seja, perda de tempo. Fazer cinco só, pronto para que seis? Tem um dia a mais então na minha opinião se eu pudesse eu manteria cinco aulas e não seis (SUPERVISORA 1).

É insuficiente, é óbvio e notório que quanto mais você tem a oportunidade de vivenciar aquilo ali porque já que tenho em grupos de 3, 4 normalmente um ministra a aula os outros 2 ficam mais ajudando ou fica observando ajudando com material ou até na disciplina então assim talvez se se prolongasse um pouco mais para que aquele aluno é como eu falei no início um ajuda o outro vai lá pega o material junto com a disciplina mas que com o desenrolar do estágio que ele tivesse mais oportunidade dele chegar sozinho e fazer aquele estágio sozinho ele chegar pegar o material se sentir sozinho no ambiente de trabalho dele que é o que vai acontecer futuramente porque quer queira quer não é a gente se sente mais seguro quando está com a pessoa principalmente quem está começando então só eu ver é por exemplo estou dando aula é João e Maria, João vai chegar pra dar aula, mas só ele vê a figura de Maria ele já se sente mais seguro, é uma coisa instintiva do ser humano então talvez se esse estágio pudesse um pouco mais não ser tão grande, ser prolongado, depois de um período em que tivessem todos juntos ter mais 1 dia ou 2 que hoje só vai vir João dar aula sozinho, vai estar ele e a supervisora dele, na outra semana João não vai vir e vai vir Maria, vai estar Maria e a supervisora dela. Era bom que eles tivessem a experiência de chegar um dia sozinho e ir desde o início da aula eu tivesse a oportunidade de ficar sozinho realmente dele se sentir mais seguro (SUPERVISORA 4).

Como podemos observar, de uma maneira geral, a maioria dos sujeitos considerou a carga horária do Estágio 1 de observação de 90 (noventa) muito grande, talvez pela forma como vem sendo conduzido, do aluno ficar em 2 (duas) escolas 1 (uma) da Rede Pública e outra da Rede Privada, talvez fosse interessante que houvesse um rodízio entre os estagiários para que pudessem confrontar mais realidades. Importante destacar que desde 2018.2 as

escolhas das Escolas de Educação Básica que serão utilizadas para os estágios estão sendo realizadas pela ESEF-UPE e não mais pelos alunos, isso aconteceu, em virtude de observarmos que os acadêmicos muitas vezes faziam suas escolhas por comodidade de ser próximo à sua casa e optavam por Escolas que não oferecia espaços de discussão e de formação de qualidade, como os próprios alunos depois se queixavam, ou por terem estudado na Escola o que não traz muitos ganhos para o estagiário no sentido de conhecer novas realidades. Essa mudança causou uma estranheza inicialmente entre os estagiários, mas agora eles já aceitam de uma forma melhor.

No estágio 2 a carga horária de 108 (cento e oito) horas, vem sendo considerada ideal para a maioria dos sujeitos, com exceção da professora de sala que considera grande e da supervisora 4 que considera pequena quando o estágio é realizado em grupo, sente que poderia ter mais regências individuais, já que os estagiários precisam fazer rodízio para ministrar as aulas.

No Estágio 3 a carga horária de 162 só foi avaliada pelos estagiários que não apresentaram consenso, o estagiário 1 fez seu estágio na Residência Pedagógica e realizou em 2 (dois) semestres letivos, o estagiário 2 considerou a carga horária muito grande, o estagiário 3 considerou ideal e o estagiário 4 considerou pequena pois realizou seus estágios 1 e 2 individualmente e conseqüentemente fez mais regências, no 3 por ter sido realizado em grupo a quantidade de regências foram menores

As Resoluções que instituíram as atuais Diretrizes, das Licenciaturas<sup>41</sup> e do Curso de Graduação em Educação Física<sup>42</sup> estabelecem como carga horária destinada para a realização dos ECSO, 400 horas e 640 horas respectivamente para serem distribuídos no currículo, cada IES poderá organizar a carga horária e dividir em quantos Estágios achar pertinente, no caso da EF, vivemos um dilema, vamos nos adequar às Diretrizes das Licenciaturas ou do Curso de Graduação em EF? As Diretrizes de EF ainda não foram implementadas na ESEF-UPE, temos até 2 (dois) anos depois de sua publicação para ser implementada, no caso, até dezembro de 2020.

---

<sup>41</sup> Resolução nº 2 de 1/07/2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.

<sup>42</sup> Resolução nº 6 de 18/12/2018. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências.

A carga horária total das disciplinas de Estágios atualmente na ESEF-UPE é de 468 (quatrocentos e sessenta) horas, atendendo as Resoluções anteriores das Licenciaturas<sup>43</sup> (que foi revogada e substituída, porém ainda não implementada) e da Educação Física<sup>44</sup> (que foi revogada e substituída, porém ainda não implementada) e ambas estabeleciam a carga horária para a realização dos ECSO de no mínimo 400 horas, na ESEF optamos por dividir os estágios em 3 (três) semestres, 1 (um) estágio de observação com 90 (noventa) horas distribuídas entre as atividades de sala de aula e o estágio e 2(dois) estágios de intervenção, 1(um) com 108 (cento e oito horas) e outro com 162 (cento e sessenta e duas) horas, entre as atividades de sala de aula e o estágio.

Desde que a ESEF-UPE aderiu ao Programa da Residência Pedagógica, um grupo de acadêmicos fez seu Estágio obrigatório dentro do Programa, entre os sujeitos da pesquisa, apenas 1 (uma) estagiária fez parte do Programa e como já colocado anteriormente, na comparação com os outros Estágios cursados ela considerou o da Residência realizado com mais qualidade, principalmente pelo maior envolvimento dos estagiários na escola de educação básica e dos professores, supervisores e da Universidade. Se forem de fato implantadas as 640 (seiscentos e quarenta) horas para o ECSO no Curso de EF, acreditamos que será bem difícil sua operacionalização, principalmente se pretendemos qualificar os estágios com uma maior relação da ESEF-UPE com as Escolas de Educação Básica e com os supervisores que também participam da formação docente, precisamos selecionar Escolas com instalações com condições mínimas para atender aos estagiários e aos professores supervisores comprometidos com a formação deles.

Ainda tendo como base a **unidade de contexto carga horária e unidade de registro quantidade de carga horária x qualidade do estágio**, quando questionados acerca de que o aumento da carga horária de estágio poderia ser traduzido em uma maior qualificação desses estágios, a professora de sala destacou que,

Essa relação de quantidade de carga horária e qualidade de estágio poderia até ser inversamente proporcional, se tivermos estágios com menos carga horária, mas bem cuidados com professores comprometidos poderia ter mais qualidade nos estágios (PROFESSORA DE SALA).

---

<sup>43</sup> Resolução CNE/CP nº 01 de 18/02/2002. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.**

Resolução CNE/CP nº 02 de 19/02/2002. **Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.**

<sup>44</sup> Resolução CNE/CP nº 07 de 31/03/2004. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física em nível superior de graduação plena.**

Para os supervisores 1, 2 e 3 o aumento de carga horária não qualifica os estágios e para o supervisor 4 qualifica porque quanto mais você treinar para ministrar aula mais você aprende, porém todos são unânimes em afirmar que outros fatores qualificam, como infra estrutura (espaço físico e materiais didáticos), supervisor e professor da ESEF competentes e comprometidos, vejamos as falas

O fato de aumentar a carga horária do estágio não qualifica o estágio, de jeito nenhum. Outros fatores qualificam. O que qualifica seria eles terem essa supervisão na Faculdade que é o que está sendo feito discutir sobre o que foi feito a cada semana, por exemplo eu tive um estágio na ESEF com um professor que eu tive essa sorte, o que era bom para mim, era cansativo mas eu aprendi mais com estágio desse professor do que com 4 anos e meio de Faculdade, ele reunia a gente dia de sábado para planejar as aulas e toda vez a gente dava a aula depois da aula ele tinha uma hora para discutir essa aula que a gente deu, então eu acho que se eles dão quatro aulas a quinta aula a supervisora teria esse espaço para falar com eles, como eu não vou ter esse espaço porque eu ocupo as cinco aulas então eu acho que é importante eles terem essa aula com a supervisora da Faculdade para dizer o que é que foi feito naquela aula e o que é que não foi feito, se foi legal se não foi, vocês podiam ter feito de forma diferente[...] então eu acho que cinco aulas eles dão eles como é que chama eles regem fazem a regência de cinco aulas e essa última aula que eles estão regendo deixava para que eles vissem na Faculdade o que é que foi feito nessas cinco aulas. A presença do professor da ESEF nos estágios também qualifica os estágios, eu acho que o supervisor da ESEF ele não precisa ir todas as aulas mas ele precisa se fazer presente por exemplo pelo menos ali no começo porque o começo a gente já vê quem é que o aluno, o estagiário que é enrolão quem não é, o estagiário que não tem experiência nenhuma até mesmo para dizer por que você não lê tal livro, para dar uma melhorada nessas aulas e eu acho que o supervisor da ESEF ele está mais para ir lá observar a minha a minha interferência no estágio e não como o estagiário está dando aula isso ele tem que fazer na ESEF discutir na ESEF sobre isso, essa é a minha opinião mas eu acho que tem que ter isso é indiscutível tem que ter um supervisor da ESEF, aí supervisor do supervisor da escola e não supervisionar o estagiário na escola. O supervisor da escola também considero importante nessa qualidade dos estágios, se você pega um profissional a gente te profissionais e profissionais eu tenho na minha Escola eu e outro professor dando aula na outra quadra, digamos que esse professor então eu já tive situação de não digo agora mas por exemplo eu estou aqui dando minha aula e aí os alunos da outra aula querem fazer minha aula porque o outro professor não dá aula, aí você mostra ao seu estagiário você escolhe qual profissional que você quer ser, aquele ou esse aqui então até isso o estagiário observa dentro de uma escola, então você mandar um estagiário para um supervisor da escola que não dá aula, ele vai ter dificuldade porque os alunos não vão querer ter aula vão querer ficar jogando bola e aí ele vai ter dificuldade em organizar esse estágio (SUPERVISORA 1) .

Eu acho que existem outros fatores, não é o aumento da carga horária que vai fazer com que a aula dele fique com a qualidade maior não. Um supervisor comprometido, vai interferir. O exemplo não é. Se ele seguir o exemplo e tem outras coisas que possa ser, que a gente ache que é exemplo para ele, mas ele acha que não. Até assim um aluno mal comportado e aí você diz não vai fazer não então, você vai ficar fora e vou botar falta e tal, tem outros professores

que vão dizer assim, vamos lá, vamos tentar, vamos insistir 1, 2, 3,4, 5, 10 vezes para ver se o aluno vai, o que não é o meu caso. Eu não sou assim não, não tenho essa paciência não. Um bom professor de sala também pode dar qualidade no estágio, inclusive dando exemplos, trazendo pessoas para comentar para falar do cotidiano das aulas. Eu acho que é importante. A estrutura física e material também pode influenciar muito. Eu trabalho em outra escola que não é do mesmo jeito que essa e influencia muito nas aulas, nos conteúdos das aulas e na qualidade das aulas também. Material, muitas vezes não tem, você quer fazer uma coisa melhor, não tem, você até tem que levar de casa eu tenho vários materiais de funcional que eu levo alguma coisa assim para mudar as aulas para fazer alguma coisa diferente com eles, aí eu tenho que levar meu material porque se eu quiser fazer uma coisa diferente com eles. A quadra também é pequeniníssima, acho que não tem nem 15m. O aumento da carga horária sozinha pode ajudar, mas, tem outros fatores. Eu acho que é um conjunto. Mas principalmente um lugar que tenha um material, uma quadra boa, uma coisa assim. Esse fica na frente, no topo. O resto fica no mesmo nível. Porque se não tiver isso eu acho que o resto fica meio complicado, algumas coisas. Se não tiver essa qualidade do material e do espaço que você tem. Fica mais comprometido (SUPERVISOR 2).

Eu acredito que existem outros elementos que podem qualificar mais do que a carga horária e para ser bem preciso eu acho que a gente não tem como estabelecer que oito é o número ideal, 12 é o número ideal, 4 é o número ideal, eu acho que também vai depender de cada um, vai depender do estagiário, vai depender o supervisor de estágio isso é muito relativo. Eu acredito que os recursos materiais ele vai qualificar mais o estágio do que propriamente a carga horária, porque às vezes a gente tem uma carga horária muito grande de estágio e a gente não tem uma quadra para trabalhar, às vezes a gente tem uma quadra mas a quadra não é coberta, acústica horrível, alunos dispersos o tempo, falta de material, então assim quando a gente tem aqui no colégio a gente tem a sorte e a competência da direção e da coordenação de ter tantos recursos de materiais como os recursos pessoais que são os alunos e professores eu acho que isso ajuda muito (SUPERVISOR 3).

O aumento de carga horária qualifica o estágio sim, quanto mais ministrar aula, treinar, o estagiário melhora, mas não é só isso, eu acho que a vivência como eu disse alguns conteúdos que estão ficando uma lacuna na Universidade talvez também suprisse essa questão. O supervisor tem um papel importante também porque antes dele vir ministrar as aulas ele faz um longo período de observação então assim, ele já viu o seu supervisor dando algumas aulas já viu como ele inicia atividade é a maneira que ele quer passar para as crianças a maneira que ele acolhe as crianças e depois de certa forma o que ele achou positivo ele vai o que você acha positivo você vai tentar copiar e fazer da mesma forma então eu acho que é importante, qualifica, o professor da ESEF também influencia, eu às vezes recebo queixas assim dos alunos, discutem uma coisa um tipo de atividade em sala de aula na ESEF só que quando eles chegam na prática por mais que eles queiram eles falam a gente conversou isso com o professor tal, professora tal, mas não funciona como a gente não consegue como é que a gente vai fazer aqui que essa questão da utopia, assim eles acham que fica muito é nessa questão[...] não dá não pra gente fazer determinadas coisas que eles pregam na faculdade querem que a gente siga mais essa linha de raciocínio, que questionar muito os alunos, conversar muito com os alunos, a gente chega aqui os meninos querem correr, querem fazer atividades, e vai ser o que? Então eles ficam muito nessa entre a Cruz e a espada se segue aquilo ali que eles estão vendo que tá funcionando

ou às vezes não funciona tão bem mas tá funcionando, ou aquilo da Universidade que eles absorvem que estava muito bonitinho no papel e eles não conseguem, eles ficam assim por achar que a Universidade tá plenamente certo vamos supor assim, mas eles não conseguem efetivamente muitas coisas colocarem na prática (SUPERVISOR 4).

Para a estagiária 4 há uma relação de aumento de carga horária e melhor qualidade nos estágios, para os estagiários 1, 2 e 3 não existe essa relação de aumento de carga horária e mais qualidade nos estágios.

O aumento de carga horária não significa qualidade, acho que pode complicar na hora de organizar, o que pode qualificar os estágios poxa eu acho que é mais a formação, que a gente não pode mexer com isso, dos preceptores. Eles têm o poder de ajudar muito a gente mais só que alguns não atentam para isso, sabe, ali é nosso espaço de formação então muito não usam a experiência que tiveram de anos, pra falar com a gente, sobre isso, não sei se isso e por pouco tempo que a gente passa na escola, mais alguns meio que é um estagiário, mão de obra. Considero o supervisor muito importante nesse processo e a gente não sabe onde a gente está pisando, não é a nossa escola, não é nosso ambiente e a gente nunca deu uma aula numa escola pública e particular tem gente que entra no estágio sem nunca ter entrado numa escola, aí esse espaço é um espaço pra gente errar, consertar, conversar, ver o erro, ver onde pode melhorar e quando entrar no mercado de trabalho, é você sozinho. A carga horária não precisa ser enorme, mas que tenha qualidade nessa vivência que a gente tenha na escola por 6 meses (ESTAGIÁRIA 1).

Não tem essa relação de qualidade do estágio com a quantidade de carga horária. A qualidade está de fato no planejamento da aula, fazer a aula acontecer e seguir direitinho as estratégias e a forma como vai lidar. O aprendizado acontece aí, não é pela quantidade que está relacionada com a qualidade. Para a qualidade eu elenco duas esferas a esfera individual e a esfera coletiva. Individual no sentido do estagiário está pronto para o desafio, ser pontual é um ponto que eu bato muito na tecla, porque não adianta você está aqui na graduação levantando uma bandeira de organização se na prática você não consegue. A minha formação está ultrapassada, não a pontualidade não tem nada a ver com formação, então eu enxergo muito isso na esfera individual. Buscar conhecimentos, não ficar só esperando da graduação, porque a realidade te mostrou uma coisa na esfera individual, se você for só depender da graduação simplesmente você não dá conta, primeiro a forma como é organizada como é pensada a educação e a Educação Física, quando vai para a realidade é outra história, eu respeito a ESEF como ela pensa a educação e a Educação Física, é uma maneira de pensar mas você tem que se ajustar a realidade meu amigo. E na dimensão coletiva deve ter paciência com o diferente, principalmente o estágio 3 tínhamos perfis completamente diferente, cada um tinha uma maneira de regência e a gente fez um trato a gente não pode julgar um ao outro, porque se for dessa forma a gente vai perder em qualidade, a gente não vai se sentir estimulado e se tiver algum ponto errado, equivocado na maneira que você pense do seu colega chega no canto e fala com ele, não expor no meio da turma. Por isso que o estágio 3 também foi um ganho imenso na questão coletiva e eu senti falta também dessa continuidade no trato com relação ao professor, os meus amigos que estavam comigo não tiveram tanta paciência com relação a esses desafios e eu já olhei esses desafios de outra forma. O supervisor contribui muito para a

qualidade do estágio sem dúvida. Depende muito do perfil se for aquele cara que simplesmente deixa a coisa acontecer, não dá uma opinião sequer, acha que tá tudo dando certo ele não vai contribuir tanto, porque a experiência que ele tem 20, 19 no colégio é diferente do estagiário que não tem nem 1 ano de experiência, o olhar que ele pode oferecer para alguém que é marinho de primeira viagem é muito agregador se feito na maneira certa, organizada com intenção em ajudar o próximo, porque não adianta você está na condição de supervisor, chega um estagiário e diz: professor me oriente, professor me ajude, professor me socorra e não adianta ele fica lá sentado e só esperar o tempo passar, colocar a planilha e ele avaliar de forma subjetiva. Eu sou um cara um pouco inquieto com as coisas, porque várias discussões que tivemos no momento do estágio, para mim quando vai para um ambiente fora de sala de aula, simplesmente a coisa não acontece daquela forma que foi discutida e esse fator de ter qualidade no estágio eu vejo certa qualidade no estágio sim, mas digamos assim a maneira de atuar seja de quem está na condição de professor de estágio aqui da ESEF, seja o próprio estagiário de trazer mais realidades para cá. A questão do apito por exemplo, eu era um dos que critiquei muito o uso do apito e na minha realidade hoje eu uso o apito, soa contraditório o apito hoje é meu amigo, amigo da minha fala. Mas não é porque eu uso o apito que eu sou opressor, eu estou lá para organizar e fazer a coisa acontecer a maneira como se usa o apito e que se trata o outro é que está a diferença, não é porque eu uso o apito quando estou na condição de professor que eu estou oprimindo o outro (ESTAGIÁRIO 2).

Para mim o mais importante no estágio era nossa reunião na sala de aula, por que a gente tinha uma turma de estágio 2 a gente tinha uns 30 alunos e isso aumentava muito o leque de possibilidade de pensamento e até de melhora na própria regência mais dali já tem um feedback e um feedback da própria professora. Por exemplo a professora foi lá, aparecia lá pra observar a gente isso aí foi muito bom foi muito forte, por que ela poderia ver no diário o que estava escrito, isso aí foi muito forte pra mim como crescimento tem pessoas que podem perguntar ou pensar o seguinte é uma questão de pressão não, é uma questão que ela está vendo. O acompanhamento do professor da ESEF qualifica muito o estágio. Por que eu acredito o seguinte quantidade nunca vai ser garantia de qualidade mais o fundamental nos estágios era a organização, a preocupação dos professores, não em só dar a carga horária mais o seguimento lógico da própria disciplina não desprezando a carga mais se que não era só uma questão da carga, a gente sabe que a gente tem que cumprir, mas só que o planejamento era sempre o mais importante a disponibilidade da professora em procura as escolas ter uma sequência do próprio grupo, isso é muito importante, pra não fica partido, por exemplo por ter esse ciclo passa por várias faixas etárias, por isso de planejar a gente consegue o pensamento lógico de todos e introduzir dentro da própria aula. a gente não fica disperso, se torna mais ajustado. O que qualificou mais foi a preocupação da professora responsável pela disciplina em escolher profissionais e analisar os profissionais, os supervisores, isso foi muito importante dentro do próprio feedback, que eles tinham que trabalhar conosco (ESTAGIÁRIO 3).

Olha na minha opinião aumentar não vejo que seja ruim agora aumentar para quanto e em que condições? Porque assim, uma coisa é a gente tá trabalhando com 90 horas e você chegar e falar assim agora não são mais 90 são 180 continuando a mesma realidade, ou outra coisa de 90 a gente vai passar pra 120 e a gente vai ter tais alterações por isso pra mim é lógico, quanto mais tempo a gente conseguir passar dentro da sala de aula regendo isso é muito importante pra gente, muito importante. Então se a gente conseguir um

aumento e a gente conseguir um suporte maior, a gente conseguir uma organização maior. Porque por exemplo, trazendo para minha realidade o que foi o meu estágio 3 a gente começou a reger as aulas nós estávamos na metade do semestre, certo, quando a gente começou a reger a gente soube que individualmente ou em dupla nós não poderíamos trabalhar de 3 para 4 pessoas no mesmo ambiente, na mesma hora com o mesmo ou os mesmos supervisores compartilhando um determinado quantitativo de horas. Então assim, primeira coisa vai começar o semestre todas as escolas ela já necessitam impreterivelmente Patrícia, porque são muito graves elas necessitam deixar pelo menos pré organizadas para que se diga tem tantas escolas em tal lugar, tem tantas escolas em tal lugar, os horários dos professores são esses, outra coisa a gente precisa ter a certeza disso, trazendo novamente pra minha realidade eu fui pra uma escola me organizei com mais duas pessoas quando a gente chegou na escola a professora mandou a gente voltar porque uma coisa foi o que ela tinha entendido outra coisa era o que a gente necessitava ela disse eu não tenho como como dar o suporte para o que vocês necessitam então a escola e eu não podemos ofertar o estágio e aí a gente volta pra ESEF e a professora foi procurar outra Escola. Então é assim, quando eu digo vai aumentar? Acho ótimo, quanto maior o quantitativo de horas dentro da sala, melhor. Precisa ver que a gente também está normalmente com TCC finalizando, está necessitando realmente de locomoção, de tempo, de dias, precisando de uma organização é isso que eu falo (ESTAGIÁRIA 4).

Entre os sujeitos não encontramos consenso entre o fato de ter uma carga horária grande de estágio ser traduzido em uma maior qualidade nos estágios, porém a maioria acredita que a qualidade dos estágios vai além do aumento da carga horária que outros fatores contribuem para essa qualidade. São fatores de qualificação do estágio para o supervisor 1 um professor de sala competente e comprometido, um professor da ESEF que visite os locais de estágio eventualmente e um supervisor comprometido, para o supervisor 2 um professor de sala competente, boa estrutura física e de material e supervisor competente, para o supervisor 3 estrutura física e material para as aulas e para o supervisor 4 além do aumento da carga horária, melhorar os conteúdos que são lacunas na Universidade e professor de sala e supervisor comprometido.

Para os estagiários são fatores de qualidade do estágio para o estagiário 1 a qualidade dos supervisores também é um fator, para o estagiário 2 compromisso e relacionamento dos estagiários, para o estagiário 3 a competência do professor de sala e do supervisor do estágio e para o estagiário 4 além do aumento da carga horária, melhor organização da estrutura dos estágios, infraestrutura das escolas, qualidade dos supervisores e liberdade para organizar e reger as aulas.

Ao serem questionados sobre o aumento de 400 horas para 640 horas do estágio de acordo com as diretrizes de licenciatura nº 06 de dezembro de 2018, apenas o estagiário 4 e o supervisor 4 acreditam que esse aumento resultará em uma maior qualidade nos estágios, os



demais sujeitos acreditam que esse aumento será difícil de ser operacionalizado e não traduzirá a qualidade nos estágios. Observamos nas falas dos sujeitos essa relação quantidade de carga horária x qualidade dos estágios.

Levando em consideração o que eu já tinha pontuado anteriormente, essa quantidade ela não vai garantir a qualidade, então eu não faço nem ideia como é que isso vai ser conduzido, porque dentro de uma lógica que a gente funciona hoje, é... Até pra computar isso no tempo pedagógico por semestre teria que ter a divisão desse estágio em vários semestres pra dar contra por 640 horas, ou durante o semestre o aluno nem viria pra instituição e estaria imerso por 2 turnos, 3 turnos numa escola, então o volume aí era que estaria sendo mais levado em consideração, né!? Então acredito que não teria uma melhora nessa relação na qualidade e sim na quantidade por pontuar só (PROFESSORA DE SALA).

Não qualifica o estágio, vai sobrecarregar o estagiário. Muito grande essa carga horária (SUPERVISOR 1).

Não vai qualificar, a aumento é muito grande e os estagiários vão ter dificuldade em cumprir (SUPERVISOR 2).

Não qualifica. Os estagiários terão dificuldade para cumprir. Acho que até vai desqualificar (SUPERVISOR 3).

Vai qualificar o estágio porque o estagiário vai ter mais tempo para treinar as regências (SUPERVISOR 4).

Eu acho que aumentou muito. Porque eu lembro que eu tinha dificuldade, porque eu ia só um dia na escola, em cumprir essa carga horária até porque o semestre era pouco, a gente chega ficava corrido demorava um pouco para chega na escola chegava no final de agosto e acabava antes de dezembro (ESTAGIÁRIA 1).

Mesmo assim, é muito alta. E o fato de ter tanta carga horária não significa que o estágio vai ter uma qualidade maior (ESTAGIÁRIO 2).

Eu continuo batendo na tecla da organização da instituição mais o currículo não mais a carga horária isso aí vai ser um divisor de águas porque como eu disse que tem setores das disciplinas que deveriam ter um cuidado maior. Então, é só para os estágios mesmo não é das disciplinas não. Eu não vejo uma progressão a quantidade, não acho positivo o aumento da carga horária para qualificar os estágios (ESTAGIÁRIO 3).

Eu acredito que seja desde que essas 640 sejam fracionadas nos semestres, não dá para em um semestre a pessoa dar as 640 (Estagiário 4).

Em relação do aumento da carga horária dos estágios ser fator de qualificação dos estágios, não encontramos consenso nos sujeitos dessa pesquisa, nem na literatura. Para Agostini e Terrazzan (2012), esse aumento causou um desconforto para as escolas que passaram a receber maiores números de estagiários para que pudessem atender as demandas da carga horária,

Com a implementação do currículo novo decorrente da Resolução CNE/CP 2/2002, ampliou-se a carga horária para 400 horas de Estágio Curricular, fato este que provocou certo “desconforto” para as escolas, tendo em vista que aumentou consideravelmente o número de alunos estagiários em sala de aula, prejudicando, assim, a qualidade no atendimento durante a realização dos estágios (p. 992).

No entanto, para Montiel e Pereira (2011), o aumento de carga horária pode evidenciar uma melhor formação pedagógica

Com o ECS a partir da segunda metade do curso e com o aumento da sua carga horária, foi evidenciada melhor formação pedagógica para atuar na escola, pois, além de maior diversificação de experiências, o estudante em situação de estágio tem mais oportunidades de discutir teoria e prática de modo articulado. Os estudantes ficam mais horas dentro da escola, o que lhes permite experimentar a docência e vivenciar mais o cotidiano do ambiente escolar, etapa importantíssima no seu processo de formação (p. 430).

Mas os mesmos autores acima, que evidenciam o aumento de carga horária do estágio como algo positivo, trazem uma observação de que esse não pode ser o único fator de qualificação na formação. “Salientamos que não basta aumentar a carga horária do ECS, é necessário realizar um trabalho de qualidade, com resultados positivos na qualificação do futuro professor”. (MONTIEL e PEREIRA, 2012, p. 430). Acreditamos que o aumento de carga horária do Estágio, por si só, não qualificará o estágio, se pensarmos que o fato de realizar muitas horas de regência para treinar o papel de ser professor, pode não necessariamente qualificar a prática pedagógica se as aulas forem realizadas de forma inadequadas ou impróprias o estagiário estará exercitando muitas vezes de forma errada, cabe aqui uma reflexão de que muitos são os fatores que poderão qualificar a docência nos estágios, especialmente a relação Universidade-Escola de Educação Básica, supervisores-professores da Universidade que devem assumir o papel de formadores dos estagiários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar até aqui não significa que acabou, afinal de contas, para o caminhante não há um caminho, pois cada caminho se faz ao caminhar<sup>45</sup>. Chegar até aqui, significa que, por hora, faremos algumas considerações provisórias e que a caminhada vai seguir.

Nesse estudo procuramos percorrer todo o caminho para que pudéssemos responder nosso problema: o aumento na quantidade de carga horária do ECSO acarreta uma maior qualidade na operacionalização desses estágios nesse momento de formação inicial no curso de Licenciatura em EF da ESEF-UPE?

Para que pudéssemos responder a esse questionamento utilizamos um percurso que iniciamos justificando nossa escolha pelo tema, já que pela trajetória de 30 anos, como professora de uma IES e por mais de 20 atuando na Coordenação de Estágio, nos deu condições de trazer contribuições significativas para o Estágio na ESEF-UPE, o qual fez parte de minha trajetória de vida, e que para este precisava retribuir de alguma forma, por tudo o que essa Instituição fez por mim.

No percurso histórico da formação docente, especificamente a dos Estágios, fica claro que, a partir da LDB nº 9394/96, que estabelece uma carga horária de 300 horas para a realização dos Estágios nos Cursos de Licenciaturas, se começa a dar uma maior importância a esse momento de formação.

Com a implantação das Diretrizes das Licenciaturas pelas Resoluções nº 01 e 02 de 2002, há um aumento da carga horária de Estágio para 400 horas, sendo também referendada pela Diretriz de EF com a Resolução nº 07 de 2004. Se como esse aumento de 300 horas para 400 horas já desconfiávamos que não haveria qualificação da prática, imagine com a Resolução nº 06 de 2018 que instituiu uma nova Diretriz de EF e que aumenta a carga horária do Estágio para 640 horas, correspondendo a 20% da carga horária total do curso.

A partir desses aumentos passamos a refletir através das leituras de documentos, de uma revisão de literatura acerca das temáticas formação docente e Estágio e pela análise dos dados

---

<sup>45</sup> Inspirado no poema de Antônio Machado - Poeta espanhol.

Caminhante, são teus passos  
o caminho e nada mais;  
Caminhante, não há caminho,  
faz-se caminho ao andar.  
Ao andar se faz caminho,  
e ao voltar a vista atrás  
se vê a senda que nunca  
se voltará a pisar.  
Caminhante, não há caminho,  
mas sulcos de espuma ao mar.

encontrados nos documentos e no campo. Nessa ida ao campo procuramos traduzir todo o sentimento trazidos nas falas dos sujeitos, apontando fragilidades de nosso currículo, no que se refere aos ECSO e discutindo sugestões para futuras reestruturações curriculares.

Um dos aspectos que surgem dessa pesquisa, tanto na literatura, quanto no campo, foi a dicotomia teoria x prática, apesar de críticas de diversos autores e com sugestões para essa superação, ainda encontramos muito presente em nossa realidade essa dicotomia.

Grande parte dos sujeitos entrevistados nessa pesquisa ainda acredita que o que se estuda na Universidade é a teoria e o que se faz no Estágio é a aplicação prática dessa teoria. Para (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 45) [...] o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade[...], a partir desse conceito trazido, corroboramos com a ideia das autoras de que o Estágio é ao mesmo tempo teórico e prático, pois é, ao mesmo tempo, conhecimento e intervenção.

Essa é uma fragilidade encontrada em nosso estágio, todos os supervisores entrevistados ainda têm a concepção dicotômica que o estágio é o momento prático do curso, o momento de colocar em “prática” o que foi aprendido na “teoria, a partir dessas falas inferimos que, por pensar e agir dessa forma, certamente os supervisores irão levar os estagiários a pensar do mesmo modo, no entanto pela fala dos estagiários isso não é consenso, dois ainda possuem essa visão dicotômica e os outros dois já pensam na perspectiva de aliar a teoria com a prática, a professora de sala também se aproxima da visão de que o estágio é o momento prático. Temos clareza de se tratar de um grande desafio a ser vencido por muitas IES, inclusive a nossa.

Para superar essa dicotomia, acreditamos que os professores que tratam a disciplina de Estágio na IES, os estagiários e os professores das escolas de educação básica que atuam como supervisores, precisam participar cada vez mais de momentos onde suas intervenções sejam integradas, precisam partilhar do momento de formação docente como um só, a formação se dá na IES, mas também se dá nas escolas.

Outra fragilidade encontrada foi a distância entre a ESEF-UPE e os campos de estágio, nesse caso as escolas, e isso pôde ser percebido na fala dos supervisores que desconhecem a estrutura dos estágios. Neste caso se queremos uma maior aproximação dessas instituições de formação, o primeiro passo será uma conhecer a outra, ou seja, a escola conhecer todo o funcionamento do estágio e a IES conhecer a escola nos seus aspectos estruturais e pedagógicos. Esse primeiro passo será fundamental para que possam cada uma conhecer e respeitar a realidade da outra.

Observarmos com o estudo uma grande contribuição com a classificação de estágios trazida por Pimenta e Lima (2012). A mesma apresenta o estágio na perspectiva prática com a

imitação de um modelo, passa por uma perspectiva prática na instrumentalização técnica, parte para um estágio como teoria e prática, que só pode ser conseguido quando for um eixo de todas as disciplinas do curso e chega aos estágios como uma superação da dicotomia teoria x prática, sendo estes uma atividade teórica de conhecimento e intervenção na realidade, como pesquisa e a pesquisa no estágio.

Em relação a essa última classificação de estágio proposta corroboramos com Ghedin, Oliveira e Almeida (2015) que nos trazem.

A experiência de estágio na formação de professores representa uma primeira aproximação de seu campo de atuação profissional. Tal experiência o obriga a realizar um trabalho de síntese entre teoria e prática educativa. Acredita-se que tanto o desenvolvimento profissional quanto o curricular, só poderão dar-se no contexto de um processo que articule intimamente teoria e prática educativa. Em nosso entendimento, o eixo que articula esses dois espaços da formação é o conceito de pesquisa, enquanto instrumento epistemológico e metodológico do processo de construção do conhecimento do professor em formação. Compreendemos que o processo formativo fundado sobre a reflexão na ação e sobre a ação, ao mesmo tempo em que valoriza a prática docente como fonte de pesquisa e de autonomia do professor, lhe dá a responsabilidade por seu desenvolvimento profissional (GHEDIN; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2015, p. 165).

Temos clareza de que na ESEF-UPE ainda temos um longo caminho a percorrer, para se superar os estágios, pois os mesmos ainda acontecem no sentido de uma perspectiva prática. Precisamos alcançar uma perspectiva mais avançada de teoria e prática e quiçá da pesquisa no estágio e do estágio na pesquisa, que seria a forma mais qualitativa de realização dos estágios.

Há na ESEF-UPE dois tipos de estágio obrigatório no curso de Licenciatura, como vimos ao longo do texto: o estágio de observação e o estágio de intervenção. A importância do estágio é inquestionável para todos os sujeitos, porém queríamos identificar se os dois tipos de estágios possuem o mesmo nível de importância entre os sujeitos. Assim pudemos comprovar, pelas falas, que todos consideram o estágio de observação como imprescindível, porém divergem quanto à carga horária, como veremos a seguir.

Em relação ao Estágio 1 de observação, encontramos todos os sujeitos o considerando como um estágio imprescindível para que haja uma aproximação, como um primeiro contato, do estagiário com o futuro campo de atuação. Porém divergem em relação a carga horária e, mesmo sem ser unanimidade, a maioria considera que 90 horas para esse tipo de estágio como é muito grande.

Aqui trazemos algumas sugestões que vai desde diminuir essa carga horária até a realização dos estágios em forma de rodízio, passando por diferentes escolas e

consequentemente diversas realidades, já que, atualmente usam duas, uma da rede pública e outra da rede privada, selecionadas pela instituição, sendo portanto uma grande queixa dos estagiários a monotonia de permanecer muito tempo nas mesmas instituições.

Em relação à carga horária do Estágio 2, que possui 108 horas, em intervenção, encontramos todos os sujeitos considerando um estágio imprescindível e até mais importante que o estágio de observação, onde, a grande maioria dos sujeitos, considera a carga horária ideal. Nesse estágio não há a utilização de duas escolas, apenas uma que pode ser da rede pública ou privada, mas também selecionada pela instituição.

Em relação ao Estágio 3, que também possui como característica a intervenção, os quatro estagiários entrevistados deram opinião a respeito e diferiram em relação à carga horária de 162 horas. Um considerou grande, outro considerou pequena, outro considerou ideal e outro por ter feito dentro do Programa da Residência Pedagógica em dois semestres afirmou não conseguir avaliar.

Ao chegarmos ao ponto principal dessa pesquisa, a relação da quantidade de carga horária de estágio com a qualificação dos estágios, retomamos que, para sete sujeitos dos nove entrevistados, esse aumento não garante a qualidade dos estágios. Entretanto eles trazem outros elementos como mais importantes para a qualificação, tal como a presença de um supervisor qualificado, atuante e comprometido, uma escola que valorize a EF e que apresente uma boa estrutura física e de material, um professor de sala comprometido até a ampliação de alguns conteúdos da graduação identificados como lacunas na formação. Os dois sujeitos, um estagiário e um supervisor, que consideram que há uma relação de aumento de carga horária com a qualidade dos estágios, o fazem na perspectiva de que, quanto mais se pratica algo, melhor se faz. Respeitando e compreendendo a posição de cada um deles ponderamos diante dos demais elementos de importância encontrados no estudo, pois partem de um pressuposto linear, em que toda repetição leva a perfeição, porém se essa repetição se der de forma distorcida, as dificuldades vão continuar a aparecer.

Ainda em relação à carga horária dos estágios, também vimos que um novo aumento de carga horária foi proposto na Resolução nº 6 de 2018, que institui as Diretrizes dos cursos de EF, que passou de 400 horas para 640 horas (20% de 3200 horas). Em relação a esse aumento a resposta foi igual a anterior, ou seja, a maioria dos sujeitos não acredita que esse aumento trará qualidade aos estágios, pode ser até que desqualifique, pelo volume que terão que cumprir em quatro semestres, como apresenta a Diretriz. No entanto trazemos uma sugestão de que o Estágio na modalidade observação seja realizado desde a etapa comum, levando nossos

estudantes, antes da entrada na etapa específica, a observarem elementos da cultura de movimento (jogo, dança, ginástica, luta, esporte).

Essa antecipação, facilitaria para as IES que ofertarem uma dupla formação com os cursos de Licenciatura e Bacharelado, pois ao diluir, parte da carga horária de estágio, na etapa comum (poderia ser 240 - duzentos e quarenta horas), ficariam 400 horas para a etapa específica de cada curso, e ainda para que o acadêmico pudesse ter contato com o campo de trabalho através de disciplinas conforme descrito na Resolução em seu art. 8º e ainda cumprir a resolução específica das licenciaturas de 2019.

Mas só encontramos fragilidades no nosso estágio? Não! Também encontramos alguns pontos fortes e o primeiro já é essa autocrítica que estamos fazendo, esperando com isso contribuir para uma maior qualificação dos estágios e conseqüentemente da formação docente. Mas não basta a autocrítica são necessárias algumas ações conscientes diante das fragilidades.

Uma ação é tomar uma atitude para superá-las no sentido de discutir com o professor de sala, estagiários e supervisores maneiras de se fazer entender que a formação se dá por dois vieses, ou seja, a Universidade e a escola de educação básica, precisam discutir outras formas de atuação do estágio, inclusive com a utilização da pesquisa.

O fato de que desde 2019 a ESEF-UPE ter retomado a seleção das escolas para que os estagiários possam intervir, também pode ser considerado um ponto forte, apesar da grande resistência e críticas trazidas pelos estagiários que, acostumados com a escolha das escolas, muitas vezes pela proximidade de suas casas ou por serem ex-alunos da instituição, terminavam por realizar seus estágios em escolas sem infraestrutura adequada ou com profissionais descomprometidos. Essa retomada se deu quando a coordenação, junto com a professora da sala de aula e os professores que foram contratados para serem orientadores de estágio, passaram a visitar as escolas e para isso restringiram a quantidade de escolas para qualificar os estágios e facilitar as visitas.

Ao pensarmos em um curso de formação docente os desafios são muitos, indo desde um maior envolvimento da Universidade com a escola e conseqüentemente do professor universitário, com o professor da educação básica, passando pela ideia de que a qualidade na formação docente depende de uma profissão docente forte, e chegando à superação da dicotomia teoria-prática no processo de formação, precisamos compreender que a Escola e a Universidade são teoria e prática, que a teoria e prática da Universidade precisa se encontrar com a teoria e prática da Escola e ainda pela apropriação dos saberes docentes necessários à

prática docente. Os ECSO, como parte integrante desse processo de formação docente, precisam superar esses desafios.



## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R.C.R.; RESENDE, M.R. Aspectos legais do estágio na formação de professores: uma retrospectiva histórica. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 1, n. 2, p. 230-252, jul./dez. 2010.
- AGOSTINI, S. A organização e o desenvolvimento de estágios curriculares em cursos de licenciatura da UFSM: **envolvimentos de estagiários e orientadores**. 2008. 295 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.
- AGOSTINI, S. e TERRAZZAN, E. A. O estágio curricular supervisionado na UFSM: o trabalho docente no ensino superior. **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 12, n. 37, p. 977-995, set./dez. 2012
- AROEIRA, K.P. Estágio supervisionado e possibilidades para uma formação com vínculos colaborativos entre a universidade e a escola in ALMEIDA, M. I.; PIMENTA, S.G. **Estágios supervisionados na formação docente**. São Paulo: Cortez, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENITES, L. C., SOUZA NETO, S. e HUNGER, D. O processo de constituição histórica das diretrizes curriculares na formação de professores de Educação Física. **Revista Educação e Pesquisa**. v. 34, n. 2, p 342-360, 2008.
- BENITES, L. C., et al. Qual o papel do professor-colaborador no contexto do estágio curricular supervisionado na educação física. **Revista Brasileira Ciência & Movimento**. v. 20, n. 4, p 13-25, 2012.
- BRASIL, Decreto –Lei nº 1.212 de 17 de abril de 1939. **Cria, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e desporto**. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1212-17-abril-1939-349332-norma-pe.html>. Acessado em 02 de novembro de 2014.
- BRASIL, Decreto –Lei nº 8.270 de 03 de dezembro de 1945. **Institui centros de Educação Física, destinados à prática dos exercícios físicos e à disseminação das normas científicas a que deverão obedecer**. Disponível <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8270-3-dezembro-1945-457382-publicacaooriginal-1-pe.html> Acessado em 02 de novembro de 2014.
- BRASIL, Decreto –Lei nº 8.530 de 02 de janeiro de 1946. **Lei Orgânica do Ensino Normal**. Disponível em [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/6\\_nacional\\_desenvolvimento/decreto-lei-8270-3-dezembro-1945-457382-publicacaooriginal-1-pe.html](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_nacional_desenvolvimento/decreto-lei-8270-3-dezembro-1945-457382-publicacaooriginal-1-pe.html). Acessado em 30 de janeiro de 2020.
- BRASIL, Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acessado em 02 de novembro de 2014.

BRASIL, **Parecer CFE nº 292/1962**, a licenciatura previa o estudo de três disciplinas: Psicologia da Educação, Elementos de Administração Escolar, Didática e Prática de Ensino, esta última em forma de Estágio Supervisionado. Acessado em 02 de novembro de 2014.

BRASIL, Resolução CFE nº 69 de 06/12/1969. **fixava o currículo mínimo dos cursos de formação docente em Educação Física, carga horária das disciplinas (1.800 horas/aulas) e duração do curso (mínimo de 3 anos e máximo de 5 anos), com disciplinas comuns a todas as licenciaturas; dentre elas a disciplina Estágio Supervisionado.** Acessado em 02 de novembro de 2014.

BRASIL, Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.** Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acessado em 02 de novembro de 2014.

BRASIL, PARECER CFE Nº 346 de 06/04/72, **institui o Exercício do magistério em 1.º grau, habilitação específica de 2.º grau.** Disponível em [HTTP://SIAU.EDUNET.SP.GOV.BR/ITEMLISE/ARQUIVOS/NOTAS/PARCFE349\\_72.HTM](HTTP://SIAU.EDUNET.SP.GOV.BR/ITEMLISE/ARQUIVOS/NOTAS/PARCFE349_72.HTM). Acessado em 02 de novembro de 2014.

BRASIL, , Decreto –Lei nº 8.270 de 03 de junho de 1987. **Institui centros de Educação Física, destinados à prática dos exercícios físicos e à disseminação das normas científicas a que deverão obedecer.** Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8270-3-dezembro-1945-457382-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em 02 de novembro de 2014.

BRASIL. Resolução CFE nº 3 de 16 de junho de 1987. **Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física (Bacharelado e/ou Licenciatura Plena.** Disponível em <http://www.ufpb.br/sods/consepe/resolu/1990/Res0387-cfe.htm>. Acessado em 02 de novembro de 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, DF. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acessado em 04 de dezembro de dez. 2018.

BRASIL, Resolução CNE/CP nº 01 de 18 de fevereiro de 2002. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.** Disponível em [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1\\_2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf). Acessado em 02 de novembro de 2014.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 02 de 19 de fevereiro de 2002. **Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.** Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>. Acessado em 02 de novembro de 2014.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 07 de 31 de março de 2004. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física em nível superior de graduação plena.** Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>. Acessado em 02 de novembro de 2014.

BRASIL. Lei nº 11.788 de 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre o estágio de estudantes.** Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm). Acessado em 02 de novembro de 2014.

BRASIL, Resolução CNE/CP nº 04 de 06 de abril de 2009. **Dispõe sobre a carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação em Educação Física.** Disponível em [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rces004\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rces004_09.pdf). Acessado em 02 de novembro de 2014.

BRASIL, Resolução, nº 2 de 1 de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Acessado em 04 de dezembro de 2018.

BRASIL, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior. Disponível em <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acessado em 03 de fevereiro de 2020.

BRASIL, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior. Disponível em <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acessado em 03 de fevereiro de 2020.

BRASIL, Resolução nº 6 de 18 de dezembro de 2018. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências. Acessado em 07 de julho de 2019.

BRASIL, Lei nº 13.868, de 03 de setembro de 2019. Altera as Leis nºs 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir disposições relativas às Universidades comunitárias. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2019/Lei/L13868.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13868.htm). Acessado em 18 de fevereiro de 2020.

BRASIL, Resolução CNE/CP nº 2 de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNCC). Disponível em <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>. Acessado em 18 de fevereiro de 2020.

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Escola Superior de Educação Física – 25 anos – 1940-1965**, Recife, 1965.

FRANCO, M.A.S. Entre a lógica da formação e a lógica das práticas: a mediação dos saberes pedagógicos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.1, p. 109-126, jan./abr. 2008.

GATTI, B. A. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 17, n. 53, p. 721-737, 2017.

GHEDIN, E; OLIVEIRA, E. S de; ALMEIDA, W. A. de. **Estágio com Pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2015.

IMBERNON, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2011.

ISSE, S. F. e MOLINA NETO, V. Estágio supervisionado na formação de professores de educação física: produções científicas sobre o tema. **J. Phys. Educ.** v. 27, e2759, 2016.

LIMA, M. S.L. Reflexões sobre o estágio/ prática de ensino na formação de professores. *Revista Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr. 2008.

LIRA, P. **Inovação Pedagógica e Práticas Reflexivas no Estágio Supervisionado em Educação Física**. Recife: Fasa, 2018.

MATTOS, M.G. de; ROSSETTO JÚNIOR, A. J. e BLECHER, S. Metodologia da Pesquisa em educação física: **construindo sua monografia, artigos e projetos**. São Paulo: Phorte, 2008.

MARTINS, P.B.; CURI, E. Estágio Curricular Supervisionado: uma retrospectiva histórica na legislação brasileira. **Revista Eletrônica de Educação**. v. 13, n. 2, p 689-701, maio/ago. 2019.

MENEZES, E. T. de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbete Reforma Capanema. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** – Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <https://www.educabrazil.com.br/reforma-capanema/>. Acesso em 31 de jan. 2020.

MILANESI, I. Estágio supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 46, p. 209-227, out./dez. 2012. Editora UFPR.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo – Rio de Janeiro: HUCITEC, 1998.

MONTIEL, F. C.; PEREIRA, F. M. Problemas evidenciados na operacionalização das 400 horas de estágio curricular supervisionado. **Revista de Educação de Maringá**. Maringá, v. 22, n. 3, p. 421-432, 3. trim. 2011.

NATASHA, R. & NEIRA, M.G. O lugar do estágio na formação de professores de Educação Física in **Formação de professores de educação física em perspectivas: Brasil, Portugal e Espanha**. 2016. São Paulo. Alexandre Shigunov Neto & Ivan Fortunato (org.)

NEIRA, M. G. Desvelando Frankensteins: interpretações dos currículos de Licenciatura em Educação Física. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 2, n.2, p. 189-211, 2017.

NEIRA, M. G. Desvelando Frankensteins: interpretações dos currículos de Licenciatura em Educação Física. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, v. 1, n.1, agosto/2009. p. 118-140.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa** v.47 n.166 p.1106-1133 out./dez. 2017.

NÓVOA, A. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1999.

PANIAGO, R.N, SARMENTO, T. e ROCHA, S.A. O PIBID e a inserção à docência: experiências, possibilidades e dilemas. *Educação em Revista*. Belo Horizonte.v.34 e 190935.2018.

PERNAMBUCO. Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco. **Programa de Graduação em Educação Física - Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física**. Recife, 2004. 128 p.

PIMENTA, S. G. e LIMA, M. S. L. Formação de professores: identidade e saberes da docência in **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, S. G. e LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 2012.

PIRES, G. Estágio supervisionado em Educação Física: relatos e apontamentos como demandas à formação profissional in **Construção da identidade profissional em Educação Física: da formação à intervenção**. Florianópolis: ED. Da UDESC, 2012.

RINALDI, I.P.B. e PIZANI, J. Desafios dos estágios nos cursos de bacharelado em Educação Física in **Construção da identidade profissional em Educação Física: da formação à intervenção**. Florianópolis: ED. Da UDESC, 2012.

SANTOS, S. G; PIRES, R.O.M. **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14, n. 40, p 143-155, jan./abr. de 2009.

SAVIANI, D. Os saberes implicados na formação do educador in **Formação do educador: dever do estado, tarefa da Universidade**. Organização Maria Aparecida Viggiani Bicudo, Celeste Alves da Silva Júnior. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. (Seminários e debates).

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHERER, A. O desafio da mudança formação inicial de professores: o estágio curricular no curso de Licenciatura em Educação Física. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, 2008.

SHON, D. A. Formar Professores Como Profissionais Reflexivos. In NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os Professores e a sua Formação**. 3ª ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997. p. 79-92.

SOUZA JÚNIOR, M. B. M, MELO, M. S. T. e SANTIAGO, M. E. A análise de conteúdo como forma de tratamentos dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física Escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 29-47, jul/set. de 2010.

TAFFAREL, C. N. Z. **A formação do profissional da educação**: o processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no curso de Educação Física. 1993, 312 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Campinas, São Paulo, 1993.

TANURI, L. M. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação** n. 14, p. 61-88, maio/Jun/Jul/Ago, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

UPE. Disponível em <http://www.upe.br/institucional.html>. Consulta realizada em 10 de dezembro de 2018.

# ANEXOS

## ANEXO A- CARTA DE ANUÊNCIA




### PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UEPB – DOUTORADO

Título da pesquisa: O estágio curricular supervisionado obrigatório no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade de Pernambuco: contribuição na formação de professores

#### ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Karla Chagas Toniolo, documento de identidade nº 1.618.055 e CPF 476.198.374-20, vice-diretora da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco, declaro ter conhecimento da Pesquisa "O estágio curricular supervisionado obrigatório no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade de Pernambuco: contribuição na formação de professores", coordenada pelos professores pesquisadores, Profª Patricia Pessoa da Silva, supervisionada pelo Profª Dr. Marcilio Souza Júnior, e assim dou anuência para a realização do referido projeto na ESEF-UPE.

Recife, 30 / 10 / 2018



## ANEXO B- APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

COMPLEXO HOSPITALAR  
HUOC/PROCAPE



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO OBRIGATORIO NO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO: CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**Pesquisador:** PATRÍCIA PESSOA DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 01201318.2.0000.5192

**Instituição Proponente:** FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.992.261

#### Apresentação do Projeto:

O presente projeto de tese tem por objetivo analisar as contribuições do Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório no curso de Licenciatura em Educação Física da ESEF-UPE para a formação inicial de graduandos na área. Será uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo com abordagem qualitativa descrita. Esperamos que as discussões ligadas a esse tema sejam ampliadas e, apontadas algumas sugestões de encaminhamentos para uma maior qualificação na operacionalização dos estágios e consequentemente na formação de professores desse curso.

#### Objetivo da Pesquisa:

##### Objetivo Primário:

Analisar as contribuições do ECBO no curso de Licenciatura em EF da ESEF-UPE para a formação inicial de graduandos na área.

##### Objetivo Secundário:

Compreender a legislação vigente acerca da temática estágio, identificando sua contribuição nos ECBO; Compreender como os autores que tratam da temática estágio estabelecem suas contribuições para os ECBO; Avaliar nas disciplinas de ECBO da ESEF-UPE como esses estágios são realizados. Estabelecer sugestões de modificações dos ECBO na ESEF-UPE, a partir dos dados encontrados na legislação e nas teorias sobre estágio e na prática atual.

**Endereço:** Rua Amóbio Marques, 310

**Bairro:** Santo Amaro

**CEP:** 50.100-130

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)3184-1271

**Fax:** (81)3184-1271

**E-mail:** cep\_huoc.procape@upe.br

## COMPLEXO HOSPITALAR HUOC/PROCAPE



Continuação do Parecer: 2.992.261

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

#### **Riscos:**

Quanto aos riscos associados à utilização da metodologia desta pesquisa, estes estão relacionados apenas à dedicação de tempo para responder ao questionário e realizar entrevistas. Como medida protetiva caso algum sujeito da pesquisa relatar desconforto de qualquer natureza o pesquisador suspenderá imediatamente a etapa em que se encontra a pesquisa, para que sejam solucionados os problemas.

#### **Benefícios:**

Ao participar desta pesquisa os sujeitos não terão nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre contribuições dos Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório no curso de Licenciatura em Educação Física da ESEF-UPE para a formação de professores na área, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir com a qualificação acadêmica da Educação Física

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Apresenta viabilidade para ser aplicado e não oferece óbice ético.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresentados.

#### **Recomendações:**

Sem recomendações.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Projeto aprovado de conformidade com as Resoluções 466/12, do CNS-MS, não havendo nenhum impedimento ético para realização do mesmo, devendo o pesquisador enviar relatório parcial, caso no decorrer da pesquisa venha a serem demonstrados fatos relevantes e resultados parciais de seu desenvolvimento; e um relatório final a ser apresentado após o encerramento da pesquisa, totalizando seus resultados.

#### **Considerações Finais a critério do CEP:**

Projeto aprovado de conformidade com as Resoluções 466/12, do CNS-MS, não havendo nenhum impedimento ético para realização do mesmo, devendo o pesquisador enviar relatório parcial, caso no decorrer da pesquisa venha a serem demonstrados fatos relevantes e resultados parciais de seu

Endereço: Rua Amélio Marques, 310  
 Bairro: Santo Amaro CEP: 50.100-130  
 UF: PE Município: RECIFE  
 Telefone: (81)3184-1271 Fax: (81)3184-1271 E-mail: cep\_huoc.procape@upe.br

**COMPLEXO HOSPITALAR  
HUOC/PROCAPE**



Continuação do Parecer: 2.992.201

desenvolvimento; e um relatório final a ser apresentado após o encerramento da pesquisa, totalizando seus resultados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	FB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1239538.pdf	30/10/2018 16:31:13		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	30/10/2018 16:29:53	PATRICIA PESSOA DA SILVA	Aceito
Outros	termodeconcessao.pdf	30/10/2018 15:47:35	PATRICIA PESSOA DA SILVA	Aceito
Outros	instrumentos.pdf	30/10/2018 14:53:19	PATRICIA PESSOA DA SILVA	Aceito
Outros	termoconfidencialidade.pdf	30/10/2018 14:50:00	PATRICIA PESSOA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	30/10/2018 14:49:27	PATRICIA PESSOA DA SILVA	Aceito
Outros	curriculo2.pdf	26/10/2018 12:00:14	PATRICIA PESSOA DA SILVA	Aceito
Outros	curriculo1.pdf	26/10/2018 11:59:23	PATRICIA PESSOA DA SILVA	Aceito
Outros	cartadeanuencia.pdf	16/10/2018 16:43:54	PATRICIA PESSOA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	foihaderosto.pdf	16/10/2018 16:42:46	PATRICIA PESSOA DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 31 de Outubro de 2018

Assinado por:  
**Magaly Buchatsky**  
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Amâncio Marques, 310  
Bairro: Santo Amaro CEP: 50.100-130  
UF: PE Município: RECIFE  
Telefone: (81)3184-1271 Fax: (81)3184-1271 E-mail: cep\_huoc.procape@upe.br

## **ANEXO C- REGULAMENTO DO ECSO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EF DA ESEF-UPE**



### **TÍTULO I**

#### **DO ESTÁGIO E SEUS OBJETIVOS**

##### **CAPÍTULO I - DA DENOMINAÇÃO E ABRANGÊNCIA**

ART. 1º - Denomina-se estágio supervisionado curricular obrigatório aquele que acontece nas disciplinas Prática de Ensino - Estágio Supervisionado 1, Prática de Ensino- Estágio Supervisionado 2 e Prática de Ensino - Estágio Supervisionado 3. Em cada um dos estágios há um professor responsável em sala de aula e professores de Educação Física dos locais em que são realizados os estágios.

##### **CAPÍTULO II - DOS OBJETIVOS**

ART. 2º - O estágio supervisionado visa oferecer aos alunos oportunidades de vivenciar as atividades específicas do ciclo docente: planejamento, aplicação e controle do processo ensino-aprendizagem da Educação Física na educação infantil, no ensino fundamental e médio.

ART. 3º A disciplina Prática de Ensino- Estágio Supervisionado 1, é caracterizada por um estágio de observação onde os alunos irão estudar o perfil e as características da organização e da prática pedagógica da Educação e da Educação Física no sistema escolar, reconhecendo o campo de aplicação profissional e da prática pedagógica realizada através de um estágio de observação. Essa disciplina é pré-requisito para os estágios 2 e 3.

ART. 4º A disciplina Prática de Ensino- Estágio Supervisionado 2, é caracterizada por um estágio de intervenção onde os alunos irão intervir didático e metodologicamente no campo profissional, analisando criticamente os fundamentos teórico- metodológicos da prática pedagógica, responsabilizando-se diretamente pela planificação, regência e avaliação de sessões de aulas na Educação Infantil e no 1º. Ciclo do ensino fundamental. Essa disciplina pode ser cursada concomitante com a disciplina de Prática de Ensino – Estágio Supervisionado 3.

ART. 5º A disciplina Prática de Ensino- Estágio Supervisionado 3, é caracterizada por um estágio de intervenção onde os alunos irão intervir didático e metodologicamente no campo profissional, analisando criticamente os fundamentos teórico- metodológicos da prática pedagógica, responsabilizando-se diretamente pela planificação, regência e avaliação de sessões de aulas no 2º. Ciclo do ensino fundamental e Ensino médio. Essa disciplina pode ser cursada concomitante com a disciplina de Prática de Ensino – Estágio Supervisionado 2.

### **TÍTULO II**

## DAS NORMAS DE FUNCIONAMENTO

### CAPÍTULO I - DOS PROFESSORES ORIENTADORES DE SALA DE AULA

ART. 6º - Nas disciplinas de Prática de Ensino- Estágio Supervisionado 1, 2 e 3 – Os professores de sala de aula serão professores do quadro da ESEF-UPE responsáveis pelas aulas presenciais e pela organização, distribuição e acompanhamento assistemático dos alunos nos locais de estágio.

### CAPÍTULO II - DOS SUPERVISORES

ART. 7º - Nas disciplinas de Prática de Ensino- Estágio Supervisionado 1, 2 e 3 – Os professores supervisores serão professores de Educação Física que se encontram nos campos de estágio como professores das Instituições de Ensino e serão responsáveis por acompanhar, orientar e avaliar os estagiários.

### CAPÍTULO III - DOS ALUNOS ESTAGIÁRIOS

ART. 8º - Nas disciplinas de Prática de Ensino- Estágio Supervisionado 1, 2 e 3 os alunos estagiários devem participar das aulas teóricas e dos estágios, analisando criticamente a intervenção do professor de Educação Física na Escola nos diferentes níveis de ensino.

### CAPÍTULO IV - DA FREQUÊNCIA E APROVAÇÃO NO ESTÁGIO

ART. 9º - A disciplina Prática de Ensino - Estágio Supervisionado 1 – **possui uma carga horária de 126 horas, sendo, 36 horas em sala de aula e 90 horas de estágio efetivo, estando sua aprovação condicionada: ao cumprimento da carga horária e a realização das** atividades estabelecidas na disciplina.

ART. 10º - A disciplina Prática de Ensino - Estágio Supervisionado 2 – **possui uma carga horária de 144 horas, sendo, 36 horas em sala de aula e 108 horas de estágio efetivo, estando sua aprovação condicionada: ao cumprimento da carga horária e a realização das** atividades estabelecidas na disciplina.

ART. 11º - A disciplina Prática de Ensino - Estágio Supervisionado 3 – **possui uma carga horária de 198 horas, sendo, 36 horas em sala de aula e 162 horas de estágio efetivo, estando sua aprovação condicionada: ao cumprimento da carga horária e a realização das** atividades estabelecidas na disciplina.

**ANEXO D-PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA PRÁTICA DE  
ENSINO – ESTÁGIO SUPERVISIONADO 2  
PLANO DE ENSINO**

**1. Dados de Identificação**

Nome da Disciplina: Prática de Ensino - Estágio Supervisionado II		Código: UM06170
Departamento: Curso de Licenciatura em Educação Física		Modalidade do Curso: <b>Licenciatura</b>
Carga Horária Total: 144	Carga Horária Teórica: 36	Carga Horária Prática: 108
Período de Aplicação: 6º		Nº. de Créditos: 04
Pré-requisitos: UM05160 - Prática de Ensino – Estágio Supervisionado I; Fundamentos Teórico-metodológicos da Educação Física I.		
Profª:		

**2. Justificativa**

Partindo da premissa de que o fazer pedagógico requer momentos de planejamento, execução e avaliação do trabalho, proporcionando um intercâmbio entre a realidade e a educação, através de uma prática que envolva o saber pedagógico, o saber científico, o saber político e o social, o Estágio Supervisionado II justifica-se por sua finalidade de orientar e acompanhar as atividades de iniciação à regência dos alunos do curso de Licenciatura em Educação Física, em turmas de **Educação Infantil e do 1º segmento do Ensino Fundamental**; criando condições para que os mesmos desenvolvam uma visão global da organização do trabalho pedagógico. Para tanto, propõe-se um registro reflexivo da prática desenvolvida, através da elaboração de um relatório descritivo-analítico, buscando uma análise mais crítica e planejada da atividade de docência.

**3. Ementa**

Vivência prática de aulas de educação física curricular em escolas e colégios da comunidade em nível de Educação Infantil e 1º segmento do Ensino Fundamental. Orientação técnica e metodológica coletiva, grupal e individual através de observações e vivências de situações de ensino. Participação em atividades integrativas professor/aluno. Trabalho em cogestão na organização e desenvolvimento de atividade de jogos, esportes, lutas, danças e ginásticas adequadas ao nível de desenvolvimento da criança.

**4. Objetivo Geral**

Analisar a prática pedagógica do professor de educação física no contexto da educação infantil e 1º segmento do ensino fundamental.

## 5. Objetivos Específicos

1. Refletir sobre a realidade da educação física escolar na educação infantil e 1º segmento do ensino fundamental a partir de experiências cotidianas da prática.
2. Elaborar e aplicar planos de ensino do contexto da educação física escolar na educação infantil e 1º segmento do ensino fundamental

## 6. Conteúdos

- A escola e o projeto político-pedagógico;
- A prática pedagógica - Introdução;
- Caracterização da Educação Física na educação infantil e no 1º segmento do Ensino Fundamental;
- Planejamento de Ensino em Educação Física escolar: tipos de planos e elementos constituintes;
- Prática pedagógica da Educação Física escolar: relato de experiências
- Educação Física Como Componente Curricular

## 8. Cronograma

<b>I UNIDADE</b>		
<b>ENCONTRO</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>CH</b>
<b>1º</b> (15/08)	Apresentação da Disciplina + acordos	2h/aula
<b>2º</b> (22/08)	Definição dos locais de estágio	2h/aula
<b>3º</b> (29/08)	Caracterização da Educação Física Escolar neste segmento	2h/aula
<b>4º</b> (05/09)	Proposições Pedagógicas da Educação Física Escolar	2h/aula
<b>5º</b> (12/09)	Planejamento de Ensino: Limites e Possibilidades	2h/aula
<b>6º</b> (19/09)	Tipos de Planos: Plano de Curso	2h/aula

<b>7º</b> (26/09)	Tipos de Planos: Plano de Aula	2h/aula
<b>8º</b> (03/10)	Roteiro para elaboração do Relatório Final	2h/aula
<b>9º</b> (10/10)	Definindo os objetivos	2h/aula
<b>10º</b> (17/10)	A escolha dos Conteúdos	2h/aula
<b>II UNIDADE</b>		
<b>ENCONTRO</b>	<b>ASSUNTO</b>	<b>CH</b>
<b>11º</b> (24/10)	A escolha dos Conteúdos ( <i>não presencial – INTEREF</i> )	2h/aula
<b>12º</b> (31/10)	Organização dos planos de aula para entrega	2h/aula
<b>13º</b> (07/11)	Metodologia: como fazer? ( <i>não presencial – Semana Universitária</i> )	2h/aula
<b>14º</b> (14/11)	Avaliação: O que? Como? e quando?	2h/aula
<b>15º</b> (21/11)	Elaboração de uma resenha crítica acerca da vivência da avaliação no estágio atual.	2h/aula
<b>16º</b> (28/11)	Apresentação das boas práticas do estágio	2h/aula
<b>17º</b> (05/12)	Apresentação das boas práticas do estágio	2h/aula
<b>18º</b> (12/12)	Aula de encerramento (Entrega do Relatório Final)	2h/aula

## 9. Recursos Materiais

- Textos (livros, artigos etc.).
- Quadro branco e caneta para quadro branco.
- Tv e DVD.
- Equipamentos de informática (computador e projetor digital).
- Equipamentos esportivos (bolas, cone, arco, corda etc.).

## 10. Avaliação

A avaliação será processual, onde serão atribuídas notas formais obtidas a partir dos instrumentos avaliativos estabelecidos.

A nota da I Unidade será composta por: a nota do supervisor + a nota da sala (apresentação do local de estágio + trazer todos os planos de aula assinados pelo professor até aquela data e os diários + 1ª versão do plano de ensino). Na II Unidade será: nota do supervisor +



a nota da sala (apresentação das melhores práticas + trazer todos os planos e o diário de aula + Relatório Final de Estágio).

Os instrumentos avaliativos são: produção de textos, leitura e interpretação de textos e debates, apresentação de trabalhos individuais ou em grupos.

Os critérios avaliativos são: assiduidade, pontualidade, domínio de conteúdo, clareza das informações, participação das atividades propostas.

## 11. Bibliografia

### Básica

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.  
SOUZA JUNIOR, Marcílio. SOUZA JUNIOR, Marcílio. O saber e o fazer pedagógicos: a Educação Física como componente curricular...? Isso é história! Recife: EDUPE, 1999.  
VEIGA, Ilma Passos A. (ORG) Projeto Político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1995.

### Complementar

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí: Sedigraf, 1997.  
OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de. *et al.* Educação Física no ensino de 1º grau: uma abordagem crítica. São Paulo: EPU, 1988.  
SAVIANI, Nereide. Saber escolar, currículo e didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. Campinas: Autores Associados, 1994.  
TURRA, C. M. G. Planejamento de ensino e avaliação. Porto Alegre: Sagra, 1988.  
VEIGA, Ilma Passos A. A prática pedagógica do Professor de Didática. 3ª edição. São Paulo: Papirus, 1994.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos V.Sa. a participar da pesquisa “**O estágio curricular supervisionado obrigatório no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade de Pernambuco: retrato atual perspectivas futuras**”, sob responsabilidade da pesquisadora Patrícia Pessoa da Silva e sob orientação do Dr. Marcílio de Souza Júnior, que tem por objetivo analisar como os ECSO podem ser mais qualificados no curso de Licenciatura em Educação Física da ESEF-UPE .

Para a realização deste trabalho usaremos como método uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo com abordagem qualitativa-descrita como instrumento da pesquisa serão utilizados: questionário e entrevista semiestruturada. Esclarecemos que manteremos em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem o sujeito da pesquisa usando apenas, para divulgação, os dados inerentes ao desenvolvimento do estudo. Informamos também que após o término da pesquisa, serão destruídos todo e qualquer tipo de mídia que possa vir a identificá-lo tais como filmagens, fotos, gravações etc., não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente.

Quanto aos riscos e desconfortos associados à utilização da metodologia desta pesquisa, estes estão relacionados apenas à dedicação de tempo para responder ao questionário e realizar entrevistas, e para minimizá-los, o pesquisador irá se deslocar até o (a) Sr (a) para coleta das informações. Assim, todos os cuidados éticos serão tomados para garantir seus direitos como sujeito pesquisado, mantendo sua integridade física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual.

Caso você venha a sentir algo dentro desses padrões, comunique ao pesquisador para que sejam tomadas as devidas medidas protetivas, suspendendo imediatamente a etapa em que se encontra a pesquisa, para que sejam solucionados os problemas.

Os **benefícios**. Ao participar desta pesquisa o (a) sr. (sra.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre como os ECSO podem ser mais qualificados no curso de Licenciatura em EF da ESEF-UPE, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa contribuir com a qualificação acadêmica na EF.

O (A) senhor(a) terá os seguintes **direitos**: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si; a garantia de privacidade à sua identidade e do sigilo de suas informações.

Nos casos de **dúvidas e esclarecimentos** procurar os pesquisadores através do endereço de e-mail, endereço da Instituição ou pelos Telefones (**inclusive ligações a cobrar**):

**Pesquisadores Responsáveis:** Marcílio Souza Júnior ((81) 98723-1996; [marcilio.souza@upe.br](mailto:marcilio.souza@upe.br) e Patrícia Pessoa da Silva(994046741; [patypessoa@hotmail.com](mailto:patypessoa@hotmail.com) e [patricia.psilva@upe.br](mailto:patricia.psilva@upe.br))

**Endereço da Instituição:** ESEF- Escola Superior de Educação Física, Rua Arnóbio Marques, Nº 310, Santo Amaro. Recife – PE. CEP: 50.100-130.

Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética do Complexo Hospitalar HUOC-PROCAPE Pavilhão Ovídio Montenegro – 1º andar- Rua Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro, CEP- 50.100-130, Recife-PE, Fone- (81) 3184-1271, e-mail- [cep\\_huoc.procape@upe.br](mailto:cep_huoc.procape@upe.br).

### Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu,....., após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Local:

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do Sujeito (ou responsável): \_\_\_\_\_

Assinatura dos Pesquisadores: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIOS DE ALUNOS



### PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPB – Doutorado

**Título da pesquisa:** O estágio curricular supervisionado obrigatório no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade de Pernambuco: contribuição na formação de professores.

#### APÊNDICE B - ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO com alunos

Nome: \_\_\_\_\_ Fone: (wa): \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

#### DADOS REFERENTES AO OBJETO DE ESTUDO

**Em relação à disciplina de Prática de Ensino - Estágio supervisionado curricular 2 (Estágio de intervenção cursado em 2018.1):**

1. O que você entende por estágio supervisionado?

---



---



---

2. Você considera o estágio supervisionado curricular obrigatório importante para sua formação em um curso de licenciatura?

Sim

Não

3. Justifique sua resposta.

---



---



---

4. Qual (is) Escola(s) você realizou seu estágio supervisionado curricular de intervenção?

Escola Pública \_\_\_\_\_

Escola Privada \_\_\_\_\_

5. Qual (is) o (s) motivo (s) da escolha dessas escolas?

Escola Pública \_\_\_\_\_

Escola Privada \_\_\_\_\_

6. Em quais turmas você realizou, com 1 (uma) aula por semana, o estágio supervisionado curricular de intervenção?

Escola Pública – Educação Infantil - \_\_\_\_\_ turmas  
Ensino fundamental 1- \_\_\_\_\_ turmas

Escola Privada - Educação Infantil - \_\_\_\_\_ turmas  
Ensino fundamental 1- \_\_\_\_\_ turmas

7. Em quais turmas você realizou, com 2 (duas) aulas por semana o estágio supervisionado curricular de intervenção?

Escola Pública – Educação Infantil - \_\_\_\_\_ turmas  
 Ensino fundamental 1- \_\_\_\_\_ turmas

Escola Privada - Educação Infantil - \_\_\_\_\_ turmas  
 Ensino fundamental 1- \_\_\_\_\_ turmas

8. Qual (is) o (s) professor(es) que foi(ram) o(s) responsável (is) pela sua supervisão?

Escola Pública – Educação Infantil - \_\_\_\_\_ turmas  
 Ensino fundamental 1- \_\_\_\_\_ turmas

Escola Privada - Educação Infantil - \_\_\_\_\_ turmas  
 Ensino fundamental 1- \_\_\_\_\_ turmas

9. No seu estágio qual a carga horária que estava programada?

---

10. No seu estágio qual a carga horária efetiva realizada?

---

11. No seu estágio qual o horário de realização de seu estágio?

---

12. No seu estágio as turmas utilizadas para o estágio tinham que frequência semanal?

---

13. Se as turmas tinham duas ou mais horas semanais, essas aulas eram geminadas? (aconteciam juntas no mesmo dia)

---

14. Na(s) turma(s) que realizou o estágio:

Individual

Grupo

15. Se seu estágio era em grupo, de quantos componentes seu grupo era formado?

---

16. Se seu estágio era em grupo, quantas aulas você foi o regente no semestre?

---

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS



### PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UEPB – Doutorado

**Título da pesquisa:** O estágio curricular supervisionado obrigatório no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade de Pernambuco: retrato atual perspectivas futuras.

NOME: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

#### ENTRADA

1. Você está trabalhando atualmente? Na área da EF, onde? Fora da área da EF, onde?
2. Você se lembra da estrutura do seu estágio curricular supervisionado obrigatório na ESEF/UPE? (Expectativa que ele fale sobre o 1, 2 e 3)

#### SOBRE O ESTÁGIO EM GERAL

3. Como foi organizada a disciplina considerando os momentos de sala de aula?
4. Seu estágio foi individual ou em grupo? (de quantos componentes)? Como era essa organização entre os estagiários? Divisão dos dias? Das turmas? Das aulas? Quantas aulas você fez a regência? Era regência dupla?
5. Qual a carga horária que foi utilizada para esse estágio? E a quantidade de aulas que você ministrou? Você considera que essa carga horária foi adequada? Se não, poderia ser maior ou menor? Justifique sua resposta.
6. Você considerou importante a presença do supervisor? Descreva como foi a dinâmica com o supervisor do estágio. Ao final das aulas, o supervisor realizava uma avaliação das aulas? Foram realizados debates sobre o estágio por parte do supervisor? Quando não regia, o que você fazia? Havia uma observação? O supervisor dialogava sobre a observação?
7. Como você avalia a questão quantidade de carga horária x qualidade do estágio? Você considera que um número maior ou menor de carga horária pode qualificar mais o estágio? Justifique.
8. Você sabia que ao longo dos anos a carga horária do estágio foi aumentando diante da legislação? No final da década de 80 na Diretriz de Educação Física o estágio obrigatório era de no mínimo um semestre letivo. Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996 orientava as licenciaturas para ter um estágio obrigatório com 300 horas. Em 2002 nas diretrizes das licenciaturas ficou estabelecido 400 horas para o estágio obrigatório. Em 2018 na diretriz da graduação em EF ficou estabelecido 640h para o estágio obrigatório. O que você acha desse aumento? Isso qualifica? Justifique...
9. Alguma disciplina do seu currículo teve uma contribuição direta para a realização do seu estágio supervisionado curricular obrigatório? Se sim, qual (is)? Quais conteúdos dessas disciplinas você poderia citar como tendo uma contribuição direta no seu estágio?
10. Que conteúdo (s) não tem no seu currículo e que, na sua opinião, deveria ser incluída para qualificar o estágio supervisionado curricular obrigatório?

#### COM RELAÇÃO AO ESTÁGIO 1

11. Qual a contribuição do estágio 1 para sua formação?

12. Você considera que o estágio de observação foi realizado com qualidade? Se sim, que ações realizadas você poderia citar que qualificaram seu estágio? Se não, que ações realizadas você poderia citar que desqualificaram seu estágio?

### **COM RELAÇÃO AO ESTÁGIO 2 e 3**

13. Qual a contribuição do estágio 2 e 3 para sua formação?
14. Você considera que esse estágio foi realizado com qualidade? Se sim, que ações realizadas você poderia citar que qualificaram seu estágio? Se não, que ações realizadas você poderia citar que desqualificaram seu estágio?
15. Você planejava suas aulas e apresentava o plano a seu supervisor?
16. Você considera mais importante uma carga horária grande que atenda todos os níveis e modalidades de ensino e diferentes faixas etárias ou uma carga horária menor que atenda alguns níveis e modalidades de ensino e algumas faixas etárias, mas que faça um planejamento e intervenção com mais qualidade?

### **FINALMENTES**

17. Você considera a contribuição do estágio de intervenção igual ou diferente ao estágio de observação?

## APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSOR DE SALA



### PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPB – Doutorado

**Título da pesquisa:** O estágio curricular supervisionado obrigatório no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade de Pernambuco: retrato atual perspectivas futuras.

#### **DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL**

NOME: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1. Faça uma breve descrição do funcionamento da disciplina que ministrou, estágio curricular supervisionado 2 – estágio de intervenção, em 2018.1.

a) Qual a carga horária total da disciplina, carga horária de sala de aula, carga horária do estágio? Quais foram os objetivos, conteúdos tratados, instrumentos e critérios de avaliação da disciplina

2. Como foi que começou a ministrar essa disciplina? Por quanto tempo ministrou essa disciplina?

3. Qual a importância dessa disciplina no currículo de Licenciatura em Educação Física?

4. Considera que alguma disciplina do currículo de Licenciatura em Educação Física é fundamental para o funcionamento dessa disciplina? E quais conteúdos dessas disciplinas considera importante?

5. Que disciplinas e/ou conteúdos não tem no currículo de Licenciatura em Educação Física e que, na sua opinião, deveria ser incluída para qualificar o estágio curricular supervisionado obrigatório?

6. Qual a importância do estágio de observação?

7. Na elaboração do planejamento da disciplina observou o projeto pedagógico de curso? O que ele fala sobre estágio?

9. Caso tenha considerado o projeto pedagógico de curso para elaborar seu planejamento, considera que sua disciplina atendeu aos requisitos estabelecidos no projeto pedagógico de curso?

10. Qual a importância do supervisor em um estágio curricular supervisionado obrigatório?

11. Qual a sua relação com os supervisores? Como foi feito o acompanhamento dos estágios? Você considera importante a presença de um professor da ESEF/UPE na supervisão do estágio? Por quê?

12. Você considera que o estágio de intervenção foi realizado com qualidade? Se sim, que ações realizadas você poderia citar que qualificaram seu estágio? Se não, que ações realizadas você poderia citar que desqualificaram seu estágio?

13. Você considera a carga horária prevista para a realização do estágio adequada? Como você avalia a questão quantidade de carga horária x qualidade do estágio? Você considera que um número maior ou menor de carga horária pode qualificar mais o estágio? Justifique.

14. Você considera mais importante uma carga horária grande que atenda todos os níveis e modalidades de ensino e diferentes faixas etárias ou uma carga horária menor que atenda alguns níveis e modalidades de ensino e algumas faixas etárias mas que faça um planejamento e intervenção com mais qualidade?



15. Você sabe que ao longo dos anos a carga horária de estágio foi aumentando diante da legislação. No final da década de 80 na Diretriz de Educação Física o estágio obrigatório era de no mínimo um semestre letivo. Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996 orientava as licenciaturas para ter um estágio obrigatório com 300 horas. Em 2002 nas diretrizes das licenciaturas ficou estabelecido 400 horas para o estágio obrigatório. Em 2018 na diretriz da graduação em EF ficou estabelecido 640h para o estágio obrigatório. O que você acha desse aumento? Isso qualifica? Justifique...

## APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM SUPERVISORES



### PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPE – Doutorado

**Título da pesquisa:** O estágio curricular supervisionado obrigatório no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade de Pernambuco: retrato atual perspectivas futuras.

#### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO PESSOAL

NOME: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Gênero: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1. Faça uma breve descrição da supervisão que realizou do estágio curricular supervisionado 2 – estágio de intervenção, em 2018.1 Qual a carga horária que foi utilizada para o estágio? Quais as turmas que foram realizados os estágios? O que você considerou como sendo objetivos da supervisão do estágio??
2. Qual a importância do supervisor em um estágio curricular supervisionado?
3. Como foi feito o acompanhamento dos estágios? Havia discussão do plano de aula e sua aplicação após as aulas. Qual sua relação com os estagiários?
4. Desde quando você é supervisor de estágio dos estagiários da ESEF/UPE?
5. É ou foi supervisor de estágio de estagiários de outras Instituições de Ensino Superior (IES)? Se a resposta for afirmativa, qual a diferença entre ser supervisor de estagiários da ESEF ou de outras IES?
6. Descreva a estrutura de estágio da ESEF que você teve conhecimento.
7. Para você qual a importância dessa disciplina de estágio no currículo de Licenciatura em Educação Física?
8. Você considera que alguma disciplina e/ou conteúdos do currículo de Licenciatura em Educação Física é fundamental para os estudantes realizarem o estágio curricular supervisionado?
9. Você tem conhecimento que disciplina e/ou conteúdo não tem no currículo de Licenciatura em Educação Física e que, na sua opinião, deveria ser incluída para qualificar o estágio supervisionado curricular?
10. Considera que o estágio de observação é importante para a realização dos demais estágios de intervenção?
11. Você considera importante a presença de um professor da ESEF/UPE na supervisão do estágio? Por quê?
12. Você considera que o estágio de intervenção foi realizado com qualidade? Se sim, que ações realizadas você poderia citar que qualificaram seu estágio? Se não, que ações realizadas você poderia citar que desqualificaram seu estágio?
13. Você considera a carga horária prevista para a realização do estágio adequada? Como você avalia a questão quantidade de carga horária x qualidade do estágio? Você considera que um número maior ou menor de carga horária pode qualificar mais o estágio? Justifique.
14. Você considera mais importante uma carga horária grande que atenda todos os níveis e modalidades de ensino e diferentes faixas etárias ou uma carga horária menor que atenda alguns níveis e modalidades de ensino e algumas faixas etárias mas que faça um planejamento e intervenção com mais qualidade?

15. Você sabe que ao longo dos anos a carga horária de estágio foi aumentando diante da legislação. No final da década de 80 na Diretriz de Educação Física o estágio obrigatório era de no mínimo um semestre letivo. Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996 orientava as licenciaturas para ter um estágio obrigatório com 300 horas. Em 2002 nas diretrizes das licenciaturas ficou estabelecido 400 horas para o estágio obrigatório. Em 2018 na diretriz da graduação em EF ficou estabelecido 640h para o estágio obrigatório. O que você acha desse aumento? Isso qualifica? Justifique...

**APÊNDICE – F**  
**QUADRO DA QUANTIDADE DE PROFESSORES SUPERVISORES E ALUNOS DO**  
**ESTÁGIO DE 2004.1 ATÉ 2016**

PERÍODO	DISCIPLINA	Nº DE PROFESSORES DA ESEF QUE REALIZA A SUPERVISÃO	Nº DE ALUNOS QUE SÃO SUPERVISIONADOS PELOS PROFESSORES DA ESEF
2004.1	PRÁTICA DE ENSINO 2	06	Todos os 36 alunos matriculados
2004.1	PRÁTICA DE ENSINO 2	05	35 alunos de 47 matriculados
2005.1	PRÁTICA DE ENSINO 2	03	29 alunos de 56 matriculados
2005.2	PRÁTICA DE ENSINO 2	02	11 alunos de 39 matriculados
2006.1	PRÁTICA DE ENSINO 2	03	11 alunos de 42 matriculados
2006.2	ESTÁGIO 1 PRÁTICA DE ENSINO 2	0 04	0 15 alunos de 49 matriculados
2007.1	PRÁTICA DE ENSINO 2	02	8 alunos de 34 matriculados
2007.2	ESTÁGIO 1 ESTÁGIO 2 PRÁTICA DE ENSINO 2	0 02 04	0 2 alunos de 15 matriculados 18 alunos de 43 matriculados
2008.1	ESTÁGIO 1 ESTÁGIO 2 ESTÁGIO 3 PRÁTICA DE ENSINO 2	0   05	0 3 alunos de 22 matriculados 0 13 alunos de 46 matriculados
2008.2	ESTÁGIO 1 ESTÁGIO 2 ESTÁGIO 3 PRÁTICA DE ENSINO 2	0 0 0 03	0 0 0 16 alunos de 37 matriculados
2009.1	ESTÁGIO 1 ESTÁGIO 2 ESTÁGIO 3	  05	0 18 alunos de 42 matriculados 0
2009.2	ESTÁGIO 1 ESTÁGIO 2 ESTÁGIO 3	  04	0 11 alunos de 42 matriculados 0
2010.1	ESTÁGIO 1 ESTÁGIO 2 ESTÁGIO 3	  03	0 12 alunos de 25 matriculados 0
2010.2	ESTÁGIO 1 ESTÁGIO 2 ESTÁGIO 3	  02	0 04 alunos de 29 matriculados 0
2011.1	ESTÁGIO 1 ESTÁGIO 2 ESTÁGIO 3	  0	0  0
2011.2	ESTÁGIO 1 (/ESTÁGIO 2/ESTÁGIO 3)	0	0
2012	ESTÁGIO 1 (/ESTÁGIO 2/ESTÁGIO 3)	0	0
2013	ESTÁGIO 1 (/ESTÁGIO 2/ESTÁGIO 3)	0	0
2014	ESTÁGIO 1 (/ESTÁGIO 2/ESTÁGIO 3)	0	0
2015	ESTÁGIO 1 (/ESTÁGIO 2/ESTÁGIO 3)	0	0
2016	ESTÁGIO 1 (/ESTÁGIO 2/ESTÁGIO 3)	0	0

FONTE: Retirado dos relatórios da coordenação de estágio da ESEF/UPE de 2004/2016